



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPGSOF
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS PPGSOF

ARIECHE KITIANE SILVA LIMA

MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: a dinâmica familiar de guianenses na cidade de Boa Vista-RR.

Boa Vista, RR

2014

ARIECHE KITIANE SILVA LIMA

MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: a dinâmica familiar de guianenses na cidade de Boa Vista-RR.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francilene dos Santos Rodrigues

Boa Vista, RR

2014

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

L732m Lima, Arieche Kitiane Silva.
Migração e família : a dinâmica familiar de guianenses na cidade de
Boa Vista - RR / Arieche Kitiane Silva Lima. -- Boa Vista, 2014.
152 f : il.

Orientadora: Profa. Dra. Francilene dos Santos Rodrigues.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Mestrado
em Sociedade e Fronteiras.

1 – Migração. 2 – Boa Vista - RR. 3 – Família. 4 – Guiana Inglesa. I –
Título. II. – Rodrigues, Francilene dos Santos (orientador).

CDU- 325.11:316.356.2(811.4)

ARIECHE KITIANE SILVA LIMA

MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: a dinâmica familiar de guianenses na cidade de Boa Vista-RR.

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima. Defendida em 09 de junho de 2014 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Francilene dos Santos Rodrigues (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – UFRR

Prof. Dr. Leandro Roberto Neves (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – UFRR

Prof. Dr. Maxim Paolo Repetto Carreno (Examinador Titular Interno)
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – UFRR

À minha família,
pelo amparo e exemplo de luta e fé na vida.

AGRADECIMENTOS

E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente.
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho por mais que pense estar
(Caminhos do coração - Gonzaguinha)

Do processo seletivo, passando pela aprovação nas disciplinas até a conclusão do Mestrado foi um longo caminho percorrido. Nada foi fácil, nem tampouco tranquilo, o trajeto repleto de desvios e estradas acidentadas reservou-me surpresas de todos os estilos que contribuíram de modo primordial para o meu crescimento pessoal e profissional. Portanto, quero agradecer a todos aqueles que sempre confiaram em mim, à minha família e aos amigos, que participaram das lutas e descobrimentos que me trouxeram até o final desta etapa. Será que os agradecimentos podem ser maiores que a dissertação?

Agradeço à minha mãe que com o seu amor incondicional nunca deixou de confiar em mim e nos meus objetivos, que tem sempre palavras e abraços para me dar conforto nos momentos necessários. À minha irmã que sempre esteve presente e foi fundamental em diversos momentos da minha trajetória educacional. Com vocês duas que acreditam nos meus sonhos mirabolantes, defendem as minhas escolhas, e que aguentam os meus silêncios e crises de mau humor, compartilho a alegria deste momento.

Agradeço ao meu pai, meus irmãos e à Joelma que sempre tiveram palavras de incentivo e ofereceram momentos de diversão e acolhimento em sua casa, me ajudando a relaxar e seguir em frente durante todo o mestrado.

À Prof.^a Dr.^a France Rodrigues, minha orientadora e exemplo profissional, pela confiança e paciência ao longo do mestrado. Obrigada por me apoiar. Quando “crescer”, eu quero ser como você: cheia de tenacidade e dedicação!

Aos queridos amigos da vida e da Psicologia que me apoiam desde a inscrição no PPGSOF/UFRR, me deram força nos momentos de dificuldade, aconselharam, ajudaram a relaxar e viver bons momentos, principalmente àqueles que fizeram a minha vida muito mais agradável neste termino de dissertação. Quero agradecer também aos amigos da turma do mestrado e do GEIFRON, em especial à Sulamita, Denison, Janaína, Nelita, Sr. Antônio, Alessandra e Ana Paula pelos risos e companheirismo.

Aos professores que aceitaram compor minha banca de qualificação e de defesa, Dr. Russell Parry Scott, Dr.^a Madiana de Almeida Rodrigues, Dr. Maxim Repetto e Dr. Leandro Neves pelas sugestões e análises significativas às quais tentarei atender na versão definitiva do texto. E aos professores e funcionários do Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da UFRR, em especial aos professores, Dr. Maxim Repetto, Dra. Ana Lia Farias Vale, Dr. Marcos Pellegrini, Dra. Maria Luiza Fernandes, Dr. Alfredo Ferreira de Souza, Dr. Felipe Kern Moreira, Dra. Ana Lúcia de Sousa e Dra. Olendina de Carvalho Cavalcante e Dr. Leandro Roberto Neves pela solicitude e solidariedade perante minhas dificuldades.

Com vocês divido a alegria desta experiência.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto as relações familiares dos guianeses que migraram para a cidade de Boa Vista/RR. Aborda-se a temática do deslocamento internacional de populações de países pertencentes à Pan-Amazônia, em especial as implicações desse fenômeno nas relações familiares tanto na localidade hospedeira como outros familiares que residem em outros países como a República Cooperativa da Guiana, os EUA e o Canadá. Nesse contexto, buscou-se identificar, arranjos familiares, vivências transnacionais e demais estratégias que permeiam os vínculos familiares durante o processo migratório. Utilizou-se a metodologia qualitativa, com ênfase na observação participante, entrevistas abertas e conversas informais. Os interlocutores da pesquisa foram homens e mulheres de nacionalidade guianense que se deslocaram em períodos diversos e que exercem distintas atividades profissionais. Embora estes estejam afastados de seu local de origem, identificou-se que tentativas de organização do grupo guianense são localizadas em reuniões com amigos, em encontros religiosos e atividades localizadas. As narrativas dos interlocutores demonstram a existência de vulnerabilidades relacionadas à cor da pele, a obtenção de emprego e aprendizado do idioma, por outro lado a existência de redes familiares na localidade hospedeira é imprescindível para a fixação do migrante e para a ressignificação dos papéis familiares e estabelecimento de novos arranjos na família.

Palavras-chave: Boa Vista; Guianenses; Família; Migração.

ABSTRACT

This dissertation has as object the family relationships of Guyanese who migrated to the city of Boa Vista/RR. Addresses the issue of international displacement of populations of countries in the Pan-Amazon, in particular the implications of this phenomenon in family relationships both in the host location as other relatives residing in other countries such as the Cooperative Republic of Guyana, the USA and Canada. In this context, we sought to identify, family arrangements, transnational experiences and other strategies that pervade the family ties during the migration process. We used a qualitative methodology, with emphasis on participant observation, open interviews and informal conversations. The interlocutors of the study were men and women of Guyana nationality who went in different periods and carrying different business activities. While they are away from their place of origin, it was identified that the organization attempts to Guyana group are located in meetings with friends on religious activities and localized meetings. The narratives of the interlocutors demonstrate the existence of vulnerabilities related to skin color, obtaining employment and language learning, on the other hand the existence of family networks in the host locality is essential for fixing the migrant and the redefinition of family roles and establishment of new arrangements in the family.

Keywords: Boa Vista; Guyanese; Family; Migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com as regiões administrativas da Guiana e cidades principais.....	26
Figura 2 - Mapa indicando a distribuição de guianenses pelo mundo.....	33
Figura 3 - Imagem da página do <i>facebook</i> de Jack.....	66
Figura 4 - Cartão de natal enviado pela tia de Jack que vive em Manchester-USA.....	68
Figura 5 - Fragmento do genograma do interlocutor Steve.....	82
Figura 6 - Fragmento do genograma da interlocutora Mary.....	83

LISTAS DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Paul, amigo de Jack, e sua esposa americana.....	68
Fotografia 2 - Jack e Paul entre amigos.....	68
Fotografia 3 - Irmã de Jack e o esposo que moram no Canadá.....	68
Fotografias 4 e 5 - Encontros entre guianenses na cidade de Boa Vista.....	74
Fotografia 6 - Encontro das famílias guianenses em Roraima 2012.....	74
Fotografia 7 - II Encontro das famílias guianenses em Roraima 2013.....	74
Fotografia 8 - Igreja Adventista Inglesa no bairro Aracelis Souto Maior.....	74
Fotografia 9 - Culto em ação de graças pelo II Encontro das famílias guianenses em Roraima.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos natos, naturalizados e estrangeiros documentados residentes no Brasil, na Região Norte e em Roraima (em milhares).....	36
Tabela 2 - Desembarque rodoviário internacional em Roraima de 2001 a 2011 (em milhares).....	44

LISTA DE SIGLAS

ARS - Análise das Redes Sociais

BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CARICOM - Mercado Comum e Comunidade do Caribe

ERP - Programa de Recuperação Econômica

FMI - Fundo Monetário Internacional

GEIFRON - Grupo de Pesquisa Interdisciplinar sobre Fronteiras

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

OIM - Organização Internacional para Migração

OMI - Organização Internacional da Imigração

PIB - Produto Interno Bruto

PNC - People's National Congress

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPGSOF - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras

PPP - People's Progressive Party

PROAP - Programa de Apoio à Pós-Graduação

SEINF/RR - Secretaria Estadual de Infraestrutura e de Transporte de Roraima

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 DESLOCAMENTO DA GUIANA PARA O BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO E NARRATIVAS.....	26
1.1 REPÚBLICA COOPERATIVA DA GUIANA: CONSTITUIÇÃO DO ESTADO NACIONAL E O PAPEL DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS.....	26
1.2 PERÍODO COLONIAL: AMERÍNDIOS, AFRICANOS E OS GRANDES FLUXOS DE TRABALHADORES MIGRANTES.....	27
1.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS SOBRE A GUIANA HOJE.....	34
1.4 MIGRAÇÃO E ‘SER’ MIGRANTE GUIANENSE EM BOA VISTA.....	35
2 O PASSADO E O PRESENTE EM CONJUNÇÃO: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO BRASIL E OS COTIDIANOS VIVIDOS EM BOA VISTA.....	57
2.1 SONHOS, OBJETIVOS E FAMÍLIA: MOTIVOS PARA OS DESLOCAMENTOS.....	57
2.2 REDES SOCIAIS E ESTRATÉGIAS DE CONTATO TRANSNACIONAIS.....	63
2.3 REDES PARA O BRASIL E A “COMUNIDADE GUIANENSE” EM BOA VISTA.....	72
3 O MIGRAR E AS RELAÇÕES NO GRUPO FAMILIAR.....	77
3.1 ELEMENTOS NORTEADORES EM TORNO DO CONCEITO FAMÍLIA.....	77
3.2 A FAMÍLIA GUIANENSE: NARRATIVAS DA VIDA NA GUIANA E ANÁLISE DE FRAGMENTOS DE GENOGRAMAS.....	82
3.3 O PROCESSO MIGRATÓRIO E AS RELAÇÕES FAMILIARES.....	90
3.3.1 A narrativa dos migrantes sobre os arranjos familiares na experiência de deslocamento para Boa Vista.....	92
3.3.2 Trabalho e mulheres migrantes: autonomia e <i>empoderamento</i>.....	99
3.3.3 Estratégias de permanência: o papel dos relacionamentos e a vivência familiar no Brasil.....	104
3.3.4 Mães solteiras e lares monoparentais.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICES.....	138
ANEXOS.....	149

INTRODUÇÃO

As histórias dos migrantes têm sido sempre uma parte fundamental da experiência da migração, trabalhando com a imaginação de futuros possíveis, mostrando como os migrantes conviveram com as consequências de sua migração e delas extraíram sentido. (THOMSON, 2002, p. 359)

Entende-se que a pesquisa científica deve estar em constante elaboração, quebrando paradigmas sobre o que é sancionado como oficial, verdadeiro e digno de lembrança. Considera-se que é comum a exclusão de grupos étnicos e nacionais em diversas sociedades hospedeiras, como também é papel da universidade assumir um compromisso social com estes grupos e se engajar no processo de ressignificação das suas experiências e na construção espaços onde suas demandas possam ser divulgadas.

Constata-se que os estudos sobre as relações entre Brasil e Guiana, nas suas múltiplas intersecções, ainda são incipientes, principalmente quando comparados a pesquisas envolvendo outros países como o Peru, a Colômbia ou mesmo a Venezuela. Este fato sustenta a relevância científica em produzir conhecimentos sobre este Estado nacional, além de que investigar a intersecção entre migração e família permite analisar questões em um nível interdisciplinar e promover conhecimentos e questionamentos acadêmicos sobre um tema que ainda é pouco debatido.

Portanto, esta dissertação realiza um estudo sobre a migração de guianenses na cidade de Boa Vista, buscando analisar, por meio de metodologia qualitativa, os novos (re)arranjos familiares e os padrões de conjugalidade em contextos socioculturais transnacionais de migrantes guianenses em Boa Vista-Roraima-Brasil. Buscou-se entender em que medida as redes familiares na cidade de Boa Vista são um fator preponderante na manutenção do fluxo de guianenses para a cidade, e como o processo de deslocamento influencia os arranjos familiares e conjugalidades. Sendo assim, também se pretendia estudar o processo de reconstrução dos laços afetivos estabelecidos no contexto da migração internacional; as relações constituídas entre a comunidade hospedeira e a família pareciam ser o caminho a ser seguido.

Esta dissertação foi construída através do desejo em explicar o modo como os guianenses vivenciam a migração em direção à Boa Vista dando ênfase à forma como esse processo associa-se a reorganização familiar. Portanto, procurou-se ter uma aproximação com os interlocutores em diversos níveis. Ao longo dos capítulos suas narrativas foram compiladas

da forma como falaram, sem interferências ou mudanças nas palavras escolhidas e nos dados fornecidos para compor a rede de parentesco esquematizada na dissertação.

Também se apresentam cartas, mensagens e fotografias dos momentos escolhidos como significativos por cada um dos migrantes guianenses que participaram da pesquisa. Ao longo dos capítulos apresentam-se algumas figuras e fotos obtidas durante as atividades de campo, entretanto, a maior parte das fotos tiradas, fragmentos de genogramas construídos e materiais obtidos com os interlocutores estão afixados apenas nos anexos e apêndices, isto ocorre devido à riqueza de itens coletados durante as atividades de campo, o que demandou um espaço próprio para a amostragem do que foi obtido.

A temática das Migrações Internacionais emerge no campo das Ciências Humanas e Sociais, pois as relações sociais são cada vez mais impactadas pelos deslocamentos internacionais, pela globalização e pelas novas tecnologias que reordenam as noções de proximidade e distância e identidades, criando novos espaços de sociabilidade, promovendo a existência de pluralidade no tecido social. Com relação ao seu aspecto histórico, verifica-se que o desenvolvimento da sociedade globalizada que se tem hoje, cada vez mais próxima, devido às vivências transnacionais e redes sociais relacionadas profundamente com os deslocamentos populacionais ocorridos ao longo dos séculos. Estes abrangem diversos fluxos migratórios regionais e intercontinentais, podendo-se citar os deslocamentos entre regiões do Velho Mundo, o processo de conquista e povoamento do Novo Mundo, além das correntes migratórias existentes em direção aos antigos impérios coloniais (EMMI, 2008).

Para abordar o tema estudado, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, que possibilita múltiplos olhares sobre um mesmo objeto preocupando-se com aspectos profundos, descrevendo fenômenos sociais e abarcando instrumentos sensíveis às realidades encontradas, ampliando assim o campo de análise (MINAYO, 2010). Assim como Guber (2001), considera-se que os interlocutores são atores privilegiados, uma vez que apenas eles podem narrar (pensar, sentir, dizer, associar) como o acontecimento foi vivenciado.

Constata-se que o migrante, ao estabelecer contato com pessoas de outra cultura vivencia novas dinâmicas que podem implicar em rupturas no seu modelo de socialização, adentra-se em uma nova realidade em que, por vezes, todos os quadros conceituais de seu mundo anterior – configuração familiar, manifestações religiosas, papéis de gênero, ocupações, etc. - não possuem mais o mesmo significado e aí se faz necessário refletir sobre os parâmetros de referência, de sentido e de pertencimento (FERREIRA, 2010). É nesta acepção que o estudo das narrativas pessoais pode ser uma ferramenta importante para acessar

as construções que os sujeitos fazem a respeito do que se passa em suas vidas e, assim, trazer o debate, a subjetividade humana e sua complexidade no contexto das migrações.

Pollak (1992) indica que o estudo a partir de narrativas associa-se a um tipo de pesquisa comprometido com relatos das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados, entre outros que se desenvolveu a margem da tradição escrita, defendendo a ideia de dar voz as memórias daqueles que muitas vezes são ignorados pelos estudos científicos tradicionais.

Neste sentido, procurou-se dar voz às demandas destes atores sociais e a suas visões de mundo, ampliando o conhecimento sobre as particularidades do processo migratório, estabelecendo um diálogo entre o migrante e o pesquisador. Trata-se de memórias, recordações e de experiências que são obtidas dos atores sociais sobre seu passado, por meio da oralidade que permitem mostrar aspectos profundos e afetivamente complexos das pessoas, além de proporcionar uma reflexão crítica e qualitativa de processos histórico-sociais (MEIHY, 2005).

A construção do projeto da pesquisa ocorreu a partir da vivência cotidiana na cidade de Boa Vista e na realidade fronteiriça que acolhe migrantes nacionais e internacionais em seu território, cujo contexto propicia o encontro com inúmeras realidades, desperta o olhar para as peculiaridades das pessoas e a curiosidade para trafegar em diferentes mundos que convergem ao mesmo lugar.

A formação em Psicologia teve especial relevância na opção metodológica para a realização da pesquisa, pois, considera que pensamentos, sentimentos e ações de um indivíduo biopsicossocial são afetados pela presença real, imaginada ou simbólica de outras pessoas, em que a rede de relações sociais define cada indivíduo. A ênfase dada ao estudo da família também advém do interesse fomentado pela Psicologia, que é uma das ciências que estuda os fenômenos circunscritos em torno deste grupo, e que em conjunto com outras disciplinas como as Ciências Sociais e Antropologia, pode, de forma interdisciplinar, tornar a compreensão da família e de seus integrantes mais profunda e atualizada com as situações que lhes perpassa nos dias atuais.

A participação no Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos (GEIFRON), da Universidade Federal de Roraima (UFRR) é um ponto de destaque para o amadurecimento das ideias e questionamentos sobre a realidade da Migração Internacional em Roraima, fato que aliado ao processo de desenvolvimento das disciplinas do Mestrado Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) possibilitou aprofundar o conhecimento sobre a Migração Internacional na Região Norte do país, assim como a interação de elementos subjetivos no processo migratório.

Outro ponto de extrema importância para concretizar esta pesquisa foi a possibilidade de realizar diversas visitas de campo à fronteira Bonfim-Lethem ao longo do ano de 2013 e uma à Georgetown, capital da República Cooperativa da Guiana, no período de 3 a 8 de setembro de 2013 por meio de atividades do GEIFRON e de recursos disponibilizados pela CAPES/PROAP.

A experiência potencializou o conhecimento acerca da dinâmica migratória nacional, e de aspectos socioeconômicos e culturais da Guiana. A possibilidade de submergir por alguns dias no cotidiano daquele país, assim como os contatos estabelecidos no Consulado Brasileiro, no *Guyana Bureau of Statistics*, assim como no *Guyana Diaspora Project* (GUY), associado à Organização Internacional da Imigração (OMI) tiveram valor inestimável para a realização das atividades de campo, obtenção de materiais como fotos, mapas e livros, e posterior análise dos dados colhidos durante a pesquisa.

A aproximação com a comunidade guianense em Boa Vista ocorreu em maio de 2012 a partir da participação no Encontro das Famílias Guianenses em Roraima promovido pelo consulado guianense em Boa Vista em parceria com a Igreja Adventista do bairro Aracelis Souto Maior. Desde este primeiro encontro notou-se que a abordagem junto aos migrantes necessitaria ser configurada através de diversos encontros. Percebeu-se que é um grupo de pessoas que reluta em tratar de questões pessoais com pessoas fora de seu grupo de convívio e que a relação com a pesquisadora exigiria maior período de tempo e construção de vínculos de confiança. Foram contatados diversos guianenses durante a realização da pesquisa, no entanto, a maior parte dos contatos não resultou em entrevistas, outros poucos concederam conversas informais ou forneceram meios para contatar guianenses que participaram da pesquisa.

A pesquisa se utiliza da metodologia qualitativa e tem como central a narrativa do sujeito da pesquisa, portanto, a pesquisa do campo constituiu-se no processo de observação de algumas denominações sociais dos interlocutores e ocorreu durante o período de maio de 2012 a dezembro de 2013. Utiliza-se como instrumentos para coleta de dados a observação participante, a elaboração de diários de campo, a entrevista do tipo aberta e a construção de genograma. A partir da perspectiva de Geertz (2005), a investigação se direcionou para a observação participante dos eventos em que os migrantes estivessem conectados a outros membros da família, em suas casas, na igreja, em outros rituais, como almoços e jantares comemorativos, bem como em situações de trabalho (nas feiras livres, lanchonetes, salão de beleza) em que os filhos e/ou parceiro (a) também estivessem presentes. Os migrantes foram abordados em diversos momentos, num contato que se iniciou em fevereiro de 2013. Apesar

de estar em contato com diversos guianenses entre 2012 e 2013, poucos se manifestaram positivamente aos chamados para participar da pesquisa. Constatou-se que estes transitam em vários espaços de sociabilidade na cidade de Boa Vista. Estão presentes em escolas de idiomas (são professores de inglês), participam de encontros promovidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia Inglesa localizada no bairro Aracelis Souto Maior, estão entre a maioria de moradores dos bairros periféricos da cidade, também, representam um número significativo entre as domésticas e diaristas da cidade, assim como entre os autônomos, feirantes e vendedores ambulantes em pontos com grande circulação de pessoas na cidade. Além disso, eles estão entre os migrantes que utilizam os serviços de saúde oferecidos no Estado.

É importante mencionar que a prática da pesquisa subjaz essencialmente o consentimento e o envolvimento dos seus interlocutores (GEERTZ, 2005), além da relação ética com as pessoas e com os materiais obtidos e produzidos durante a investigação científica, principalmente por se tratar de dados de natureza íntima. Portanto, destaca-se que além da explicação sobre os objetivos da pesquisa e procedimentos necessários para efetivá-la, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE e Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos para que os migrantes guianenses estivessem cientes dos procedimentos para análise e divulgação dos dados obtidos.

Perfil dos migrantes guianenses entrevistados:

Um dos objetivos com relação aos interlocutores foi conseguir a adesão de um grupo heterogêneo, com diferentes redes de sociabilidade, tempo de migração, ocupação e arranjos familiares. Deste modo considerou-se fundamental buscar migrantes guianenses em diferentes espaços (feiras livres, igreja, consulado, bares, lanchonetes). Os interlocutores da pesquisa foram sete guianenses, destes quatro eram mulheres e três homens que começaram a ser acompanhados a partir de fevereiro de 2013 e que permaneceram abertos aos contatos durante o segundo semestre de 2013 quando as entrevistas ocorreram.

Parte das entrevistas foi realizada em momentos diferentes devido à disponibilidade de tempo dos migrantes e a receptividade para narrar eventos importantes em suas vidas. No total, gravou-se cerca de 1 hora de entrevista com cada guianense. As transcrições das entrevistas foram realizadas integralmente, mantendo-se a narrativa dos interlocutores sem interferir na sua estrutura gramatical. Para evitar algum tipo de constrangimento, optou-se em utilizar nomes fictícios para os interlocutores.

Quadro - Nomes dos interlocutores e datas das entrevistas na pesquisa de campo

Número	Migrante guianense	Data da entrevista 1	Data da entrevista 2
1	Marta	08/10/2013	19/10/2013
2	Lucy	23/07/2013	30/09/2013
3	Anne	20/09/2013	19/10/2013
4	Mary	28/10/2013	-
5	Jack	29/10/2013	-
6	Paul	01/07/2013	-
7	Steve	11/10/2013	-

Marta, hoje com 44 anos de idade, tinha 22 anos de idade quando migrou para Boa Vista – Roraima com seu companheiro de Linden – GY e seus três filhos, dos quais, uma, a filha mais velha é proveniente de um relacionamento anterior. A interlocutora nasceu na cidade de Georgetown – GY, não sabe ao certo quando tempo morou naquela cidade. A sua mãe é de Berbice e seu pai de Lethem. Na Guiana, Marta trabalhou como balconista em uma padaria na cidade de Berbice e em uma indústria de bauxita e também, em Lethem, auxiliando no carregamento das mercadorias dos turistas durante as compras. Quando era recém-chegada no Brasil trabalhou como empregada doméstica e atualmente, tem uma microempresa. No Brasil, tem uma filha de criação, irmãos, assim como cunhados, genros e sobrinhos brasileiros.

Lucy, aos 14 anos, fugiu da casa paterna em Lethem para Boa Vista – RR com o intuito de morar com a sua tia materna. Seus pais são guianenses e se conheceram em Normandia – RR, cidade onde morava a sua mãe com os seus avós que, tempos atrás, vieram explorar o garimpo da região. Seus pais casaram-se e foram morar em Lethem – GY e tiveram duas filhas: Lucy e uma irmã que faleceu há alguns anos. A família de seu pai é uma das pioneiras na cidade de Lethem. Hoje, seu pai trabalha com maquinário no garimpo e é empresário nesta cidade. Sua mãe morreu quando ainda era criança. A primeira vez que foi a Georgetown tinha cinco anos de idade acompanhada de seu pai, depois voltou já com 18 anos de idade, morou um ano e retornou para o Brasil, visita o seu país esporadicamente. Atualmente, Lucy tem 31 anos de idade e há 4 anos é casada, os avós do marido são guianenses com descendência wapixana e o companheiro nasceu no Brasil. Há 3 anos, ele trabalha no garimpo. A interlocutora tem um filho com nove anos de idade que mora com seu ex-esposo, brasileiro, de descendência italiana na cidade de Manaus – AM.

Anne nasceu em Berbice – GY e morava com seus pais e sete irmãos. Seu pai é brasileiro descendente de wapixana com escravos africanos e sua mãe é guianense descendente de indígena, holandês e africano. Em 1986, Anne, aos 18 anos, estava grávida de

seu primeiro filho e veio para Boa Vista – RR com seu pai. Na cidade de Boa Vista – RR morava com o seu pai e seu irmão. Ela já trabalhou como empregada doméstica em vários lugares, também trabalhou durante muitos anos em um restaurante, atualmente vende verduras em uma feira em Bonfim. Mudou-se no ano de 2013 para a cidade de Bonfim – RR, mas ainda possui uma casa no bairro Raiar do Sol (Boa Vista) para onde vai regularmente. Tem 45 anos de idade, é solteira e possui sete filhos: cinco meninos e duas meninas, seis filhos de pais migrantes guianenses. Foi formalmente alfabetizada na língua portuguesa no ano de 1996 e concluiu o ensino médio em 2011.

Aos 16 anos, **Mary** veio morar em Boa Vista – RR após receber um convite de uma irmã mais velha que residia na cidade e era casada com um brasileiro. Quando criança ela e seus irmãos (uma irmã e um irmão) saíram de uma cidade no interior da Guiana para morar em Georgetown com os tios com o objetivo de concluir os estudos. Sua mãe é descendente de indígena wapixana e seu pai nasceu em Georgetown – GY e é descendente de portugueses e de indianos. Ela tem 44 anos e casou-se duas vezes: a primeira vez com um guianense que conheceu em Boa Vista e a segunda vez, com um brasileiro que é seu atual marido. Tem três filhos: uma menina e um menino do primeiro relacionamento e uma menina mais nova do atual casamento. Seu primeiro trabalho foi como empregada doméstica e, hoje, trabalha como diarista.

Jack não planejou a sua vinda para Boa Vista – RR. A sua irmã casou-se com um brasileiro que morava em Georgetown – GY. E, em 1962, eles vieram morar em Boa Vista – RR. Depois, em 1964, por convite do seu irmão mais velho que já residia em Boa Vista veio passar férias no Brasil e acabou permanecendo. Relatou que as condições de vida na Guiana já não eram tão boas. É descendente de portugueses, a família de seu pai migrou da Ilha da Madeira para a Guiana e a família de sua mãe de Lisboa em Portugal para a Guiana. Seus pais se conheceram na Guiana. Ele e seu irmão que já morava aqui resolveram trazer o seu pai, a sua mãe e seus irmãos mais novos da Guiana entre os anos de 1976 e 1977 para morar em Boa Vista. Na Guiana, permaneceu um irmão, que é mais velho que Jack, o interlocutor também tem uma irmã no Canadá e outra nos Estados Unidos. Em Boa Vista – RR ele constituiu família, casou-se duas vezes, com a primeira mulher, que é brasileira, tem dois filhos. Com a atual esposa, também brasileira, é casado há 19 anos, e tem três filhos. Em 2013 se naturalizou brasileiro após 38 anos de residência ininterrupta no Brasil. Ele chegou aqui com 21 anos de idade e hoje, está com 59 anos.

Paul veio para Roraima com os pais e irmãs quando criança mas, já possuía um tio e uma tia maternos que moravam em Boa Vista e auxiliaram no processo de fixação de

residência na cidade. Paul, que tem 24 anos, nasceu em Linden, migrou aos 6 meses de idade com seus pais e sua irmã mais velha para Boa Vista – RR. Seus pais estão separados, mas, tiveram cinco filhos: quatro mulheres (três moram em Boa Vista, uma mora em Manaus) e Paul. Casou-se com uma brasileira aos 18 anos, recentemente se separaram, tiveram um filho que atualmente tem cinco anos e mora com os avôs maternos. Faz três anos que Paul tenta organizar os documentos no país, fato que prejudicou o seguimento da sua vida escolar. A sua mãe e suas irmãs estão com a documentação regularizada e o seu pai não, pois nunca quis permanecer no Brasil. Paul trabalhou como mecânico, marceneiro, eletricitista, serralheiro, e auxiliar de cozinha em restaurantes. Há cinco anos trabalha numa pizzaria, que ingressou como garçom e, hoje, trabalha como *pizzaolo*.

Steve morou na Guiana até o início da adolescência, cresceu na periferia da cidade de Georgetown com a mãe, o padrasto e dois irmãos. A mãe de Steve separou-se e em seguida iniciou um relacionamento com um brasileiro que residia na Guiana. Então, a família iniciou um projeto para vir morar em Roraima. Primeiro migraram sua mãe e o padrasto enquanto Steve e seus irmãos ficaram em Georgetown com a avó materna durante cerca de um ano. Após este período a mãe foi busca-los e os trouxe para Roraima. Após chegar ao Brasil Steve descobriu o pai biológico e aos 17 anos voltou à Georgetown para conhecê-lo; no momento da entrevista morava em Boa Vista numa casa cedida por amigos, estava desempregado e casado com uma brasileira.

Passos da pesquisa da concepção à execução:

A observação participante e a escrita dos diários de campo foram às técnicas utilizadas desde os primeiros contatos com o grupo guianense na cidade de Boa Vista. A direção que a pesquisa tomou foi tecida a partir dos contatos estabelecidos com os guianenses e em conjunto com a preparação teórico-metodológica propiciada pelas disciplinas cursadas.

Praticou-se a observação densa durante os momentos em que realizei as entrevistas com os migrantes, preferencialmente em suas residências onde se pode ter acesso a outros materiais, tais como fotografias, objetos biográficos, e-mails e cartas pessoais que contribuiriam para enriquecer o entendimento acerca da história de vida narrada pelos interlocutores. Identifico a observação como elemento fundamental na percepção das relações e arranjos familiares. Apoio-me em Guber (2001, p. 62) para quem esta interação com os interlocutores da pesquisa proporciona “[...] un medio ideal para realizar descubrimientos,

para examinar criticamente los conceptos teóricos y para ancarlos en realidades concretas, poniendo en comunicación distintas reflexividades”.

A observação realizada teve especial relevância com o grupo investigado, por meio desta técnica, pôde-se adentrar com maior profundidade na caracterização dos interlocutores investigados e estabelecer linhas de diálogos entre si e que auxiliaram no momento da análise do material coletado.

Foi construído um fragmento de genograma com apontamentos sobre até quatro gerações da família do migrante e sobre as pessoas conectadas a esta genealogia não só por um parentesco consanguíneo, mas por construções socioculturais e afetivas que foram relatadas pelos interlocutores (MACHADO, 2010; MCGOLDRICK, 2012). Este instrumento faz uma imagem gráfica acerca do quadro geracional da família, mostrando as conexões entre os membros, relacionamentos prévios, transições, especificidades compartilhadas e mudanças (WENDT E CREPALDI, 2008).

A construção do fragmento de genograma buscou informações sobre gerações próximas a dos guianenses, e foram organizados antes das entrevistas, o que foi de extrema importância para organizar os questionamentos particulares a cada um dos interlocutores, sem contar o vínculo de confiança e o envolvimento durante as narrativas posteriores. Possibilitou ainda, a visualização gráfica dos arranjos familiares do guianense, além de incitar a narrativa de algumas informações preliminares sobre os membros da família fornecendo uma base de conhecimento para pôr em prática as outras ferramentas de coleta de dados.

A entrevista foi outro instrumento importante para a pesquisa. Como plano para contatar os guianenses primeiro marcou-se um encontro inicial em que foi apresentada uma síntese da pesquisa e o trabalho a ser desenvolvido (objeto de estudo, objetivos, metodologia) respondendo-se, em seguida, às dúvidas dos interlocutores.

Durante o contato que se estabeleceu nas visitas aos locais de trabalho e nos espaços públicos e, posteriormente, nas residências dos interlocutores da pesquisa, notou-se que a história de vida da maior parte relacionava-se a momentos de sofrimento e luta constante.

Lerner (2005) destaca ainda a possibilidade de vivenciar, por meio da fala, a reinvenção de atributos associados a si, deixando de lado a invisibilidade para assumir uma identidade social cidadã e se reconhecer como detentor de uma experiência importante e única. Ferreira (1999, p. 28) complementa relatando que: “[...] o migrante necessita de espaços de ação e linguagem para ressignificar suas experiências e identidade, pois, com a ambiguidade dos vínculos culturais e afetivos, o sujeito pode se desarticular”.

As entrevistas objetivaram investigar como se dava a relação entre mães, pais e filhos e outras relações que tenham destaque na dinâmica familiar (com tios, sobrinhos, avós, netos, vizinhos); relações de gênero entre os migrantes e seus parceiros; concepção de família; como o familiar que se encontra distante se faz presente no cotidiano destas pessoas (destacando-se a conectividade existente nas estratégias de cuidado e manutenção do vínculo, frequência dos contatos, os projetos de reunificação e/ou retorno), os papéis sociais e tarefas que cada membro da família exerce as regras e tradições familiares, interação com outros parentes que residem em Boa Vista.

Apesar da resistência inicial para aceitar falar sobre assuntos, muitas vezes, adormecidos, das negativas e encontros desmarcados verificou-se que aqueles migrantes cuja resistência foi deixada de lado, com o estabelecimento do vínculo e com a criação de um espaço de conversação, as narrativas tornaram-se fluidas e até certo ponto libertadoras, na medida em que aliviou e trouxe emoções positivas tal qual foi mencionado pelos interlocutores guianenses. Em muitos momentos, os interlocutores contavam suas histórias, no entanto, não queriam que suas narrativas fossem gravadas. Algumas vezes, durante a entrevista, pediam para que o gravador fosse desligado ou interrompiam suas histórias com risos nervosos, silêncios sofridos e vozes embaraçadas. São trajetórias que envolvem a existência de dificuldades, feridas que os marcam até os dias atuais, mas também trajetórias de conquistas, de sonhos de um futuro melhor. Ressalta-se a existência de diversos obstáculos encontrados para alcançar o ponto em que as narrativas ultrapassassem a barreira do superficial e chegassem até os diversos elementos de significativa complexidade afetiva, que marcaram e dão significado ao modo de ver o mundo de cada um dos interlocutores, elementos fundamentais nesta pesquisa.

A partir de Comenford (2001) e Bruner e Weisser (1997) entende-se que se deve ter uma descrição pormenorizada dos discursos, do contexto no qual os dirigentes e os ouvintes estão inseridos. Ao se analisar a forma como se desenvolve a fala do orador, estabelece-se uma avaliação profunda da montagem dos discursos e dos mecanismos performáticos que envolvem os interlocutores (tom de voz; pausas; ritmo; palavras escolhidas; emoção demonstrada; ressonância no público, etc.). Neste ponto é importante relacionar a tessitura das entrevistas e contatos estabelecidos em que sentimentos e experiências foram exteriorizados com o entendimento de que estes momentos também se revelavam como espaços terapêuticos. Percebe-se que o ato de falar proporciona a ressignificação de conteúdos e a possibilidade de desprender-se de dores e temores que muitas vezes apresentam-se apenas no reino dos pensamentos.

Para Fonte (2006) a narrativa possibilita comunicar experiência e compartilhar significados, é um meio importante para o narrador ressignificar o passado e transmitir suas perspectivas sobre determinado assunto. Isso destaca o seu caráter social, que possui a característica de ser construída na relação interpessoal, considerando o ambiente sociocultural e histórico de inserção dos interlocutores. Tudo isso sem desconsiderar fatores afetivos atuando na memória e na fala, podendo ser responsáveis por distorções e omissões. Além do que está escrito ou guardado em imagens, também é possível recuperar acontecimentos através da memória, este é um elemento central no desenvolvimento da história oral, pois dá suporte às narrativas (POLLAK, 1992).

De acordo com Thomson (2002) as narrativas trabalham com a autoconsciência de quem a narra e do ouvinte, na medida em que discute fenômenos históricos e socioculturais e que traz à tona o que muitas vezes é silenciado. Devendo-se destacar a análise cuidadosa de ênfases e os silêncios, os padrões linguísticos e as metáforas na construção da interpretação de uma história de vida narrada. Para Thomson (2002, p. 359) as narrativas de migrantes:

[...] têm como foco central a experiência física do movimento entre lugares. Estão frequentemente impregnadas com a emoção da separação, e são profundamente comovedoras para o narrador e para sua audiência. E as próprias histórias estão constantemente evoluindo e em movimento, apresentando histórias vivas em todo sentido do termo e sendo recurso e oportunidade únicos para o entendimento social e histórico.

Os significados que os migrantes atribuem à sua experiência passada, e as maneiras pelas quais a história de vida é entendida, lembrada e contada, também mudam com o passar do tempo (POLLAK, 1989). Para este autor, aspectos até então silenciados podem vir à tona e trazer ao espaço público questões conflituosas e importantes para a discussão, tudo isso mediado pelo contexto (sócio-histórico e subjetivo) dinâmico, que é mais ou menos opressor dependendo da época em que se situa. Tudo isso faz com que se tenha um panorama do passado do migrante, pontuado com os sonhos e planos construídos, estratégias e perspectivas para o futuro. Quanto à narrativa migrante Souza (2007, p. 13) diz que:

A forma como o migrante narra a sua experiência de vida fala de tempos longos e curtos, do geral e do particular, do individual e do social, fala de identidades, do familiar, do estranho, do eu e do outro. Ao evidenciar saltos, silêncios e ênfases, cronologias, repetições e insistências, o migrante expõe o vivido de modos diversos e criativos. Ainda que não seja ficção é elaboração textual, que requer inventividade e capacidade de criação.

Não se devem desconsiderar os “efeitos” que o ato de falar tem sobre o migrante, principalmente devido à possibilidade de “expurgar” lembranças, trazendo para a reflexão a existência de um componente terapêutico na fala (LERNER, 2005).

Segundo Clifford (2011) e Feldman (1997) a cultura oral possui sistemas de texto e interpretação que perpassam a existência de gêneros, estilos e contextos. A narrativa se organiza de acordo com a situação onde foi produzida, as influências do passado e para onde será levado o discurso. Bruner e Weisser (1997) verificam que a análise de uma autobiografia deve ser mediada por estas convenções de gênero e estilo, assim como conjunto de eventos ocorridos ao longo da vida do narrador. Isso indica que o gênero tem a ver com a participação do narrador e do ouvinte na produção dos significados do texto, as histórias de vida possuem interpretações alternativas e as pessoas se comprometem com versões específicas dependendo do contexto em que estão inseridas.

Assim, a dissertação foi construída de forma que se pudesse mergulhar na contextualização do tema, desde a realidade da Guiana até os elementos relacionados à vivência cotidiana dos migrantes na localidade hospedeira. Portanto, o primeiro capítulo denominado “*Deslocamento da Guiana para o Brasil: contextualização e narrativas*” foi dividido em duas partes: na primeira parte fez-se a caracterização sócio-histórica da República Cooperativa da Guiana dando ênfase para a formação do Estado nacional desde o período colonial até a descrição do país nos dias atuais; na segunda parte deste capítulo analisam-se os fluxos migratórios de guianenses para Roraima, alguns aspectos do trânsito através da fronteira para Boa Vista, assim como narrativas sobre a obtenção de trabalho, a dinâmica das experiências associadas à língua materna e o aprendizado do português, assim como a vivência do preconceito.

No capítulo dois, intitulado “*O passado e o presente em conjunção: as primeiras experiências no Brasil e os cotidianos vividos em Boa Vista*”, trabalha-se com a temática das experiências dos interlocutores no processo migratório, para tanto se faz uso de algumas categorias bastante utilizadas nos estudos migratórios. Foram analisadas as narrativas relacionadas aos motivos para o deslocamento, as redes sociais, as estratégias de contato transnacionais, além de descrever a participação na comunidade guianense a partir do contato da pesquisadora, desde o ano de 2012 e da perspectiva dos migrantes.

Por sua vez, o terceiro capítulo, denominado “*O migrar e as relações no grupo familiar*” apresenta a perspectiva teórica sobre a família e a sua inserção na dinâmica migratória, os diferentes elementos relacionados aos arranjos familiares dos guianenses durante o processo migratório, como também, expõe o modelo familiar guianense, os arranjos

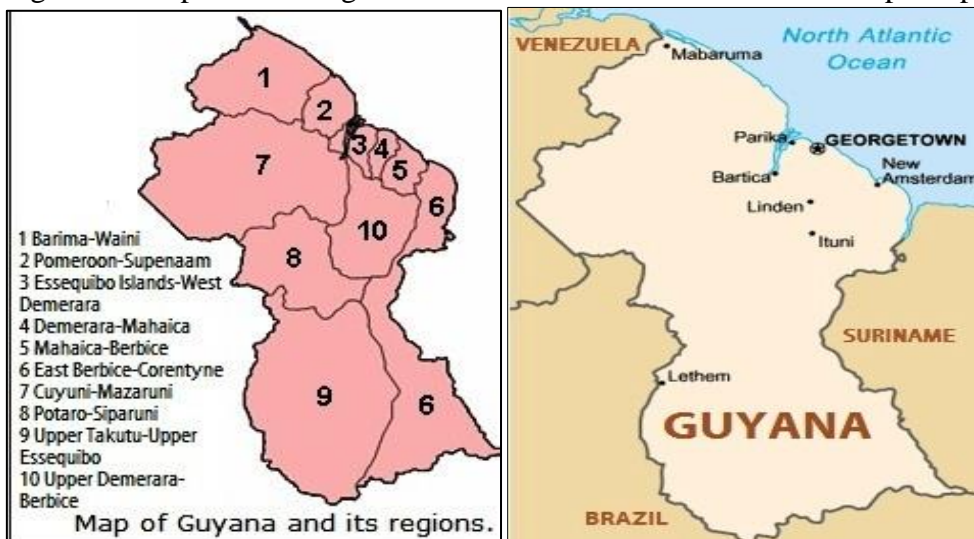
familiares dos migrantes em Boa Vista dando ênfase para o relacionamento à distância, a situação de *indocumentação* e obtenção de documentação, a criação dos filhos, as relações entre homens e mulheres e a obtenção de autonomia e *empoderamento*.

1 DESLOCAMENTO DA GUIANA PARA O BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO E NARRATIVAS

1.1 REPÚBLICA COOPERATIVA DA GUIANA: CONSTITUIÇÃO DO ESTADO NACIONAL E O PAPEL DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS

A República Cooperativa da Guiana¹ destaca-se como um país constituído pela dinâmica migratória, envolve-se tanto na recepção como na circulação e emissão de migrantes, possui uma das menores dimensões territoriais da América do Sul (215 mil km²), divide-se em 10 regiões administrativas², e tem como capital a cidade de Georgetown (CORBIN, 2009). Este país faz fronteira com o Suriname (600 km), a Venezuela (743 km) e com o Brasil (1,606 km), sendo que é na região 9 que se localiza a cidade de Lethem, que junto à cidade de Bonfim constituem um espaço dinâmico de intersecção entre Brasil-Guiana (VISENTINI, 2007 e OMI, 2013).

Figura 1 - Mapa com as regiões administrativas da Guiana e cidades principais.



Fonte: BUREAU OF STATISTICS GUYANA (2013).

O país divide-se também em quatro regiões geofísicas: a Planície Costeira, o Planalto Pakaraima, o Planalto Areia Branca e região Central Peneplane, no tocante das regiões

¹ No que diz respeito à nomenclatura também me referirei a este país como Guiana.

² Barima-Waini (Região 1), Cuyuni-Mazaruni (Região 7), Demerara-Mahaica (Região 4), Berbice Oriental-Corentyne (Região 6), Ilhas Essequibo-Demerara Ocidental (Região 3), Mahaica-Berbice (Região 5), Pomeroon-Supenaam (Região 2), Potaro-Siparuni (Região 8), Alto Demerara-Berbice (Região 10), Alto Takutu-Alto Essequibo (Região 9/ Região do Rupununi).

administrativas, há uma maior concentração das populações ameríndias nas regiões 1, 7, 8 e 9, parte oeste em que vivem grande parte da população indígena como os macuxi, taurepang e wapixana e a densidade demográfica (139 pessoas por km²) é maior na região 4, onde fica a capital do país (CORBIN, 2007; BUREAU OF STATISTICS GUYANA, 2002).

Sader e Jinkings (2007) destacam que o litoral do país sempre foi um local de terras férteis, com grande povoamento de guianeses, desde o período de colonização os assentamentos humanos se dirigiam predominantemente para aquela região, posteriormente verificou-se que os fluxos das migrações internas também se dirigiam para as regiões litorâneas. Entende-se as migrações internas e internacionais se configuram de modo que formam *redes migratórias*, estas caracterizam-se por um entendimento de que diferentes lugares estão ligados por meio de correntes populacionais constituindo um sistema no qual se pode identificar de padrões estruturais de deslocamento entre regiões (FAZITO, 2002).

1.2 PERÍODO COLONIAL: AMERÍNDIOS, AFRICANOS E OS GRANDES FLUXOS DE TRABALHADORES MIGRANTES

Quanto à formação do Estado guianense, foi explorado inicialmente, por navegadores espanhóis e portugueses, em 1499, mas foram os holandeses que em 1616 começaram a se fixar, criando os assentamentos agrícolas de Essequibo, Demerara e Berbice (VISENTINI, 2007; PEREIRA, 2008). No período de colonização, com as dificuldades encontradas em escravizar os indígenas, os holandeses acabaram introduzindo a mão de obra escrava africana nas *plantations* (CORBIN, 2009). A relação de dominação dos holandeses para com os ameríndios era muito complicada por conta da resistência destes povos e das sucessivas fugas destes para escapar de trabalhos forçados e das doenças que se alastravam (IFILL, 2011). Esta autora diz que o conhecimento do território facilitava os deslocamentos, então, considerando as dificuldades, os colonizadores mudaram a estratégia e construíram alianças com os povos indígenas para defender-se das potências da França, Inglaterra e Espanha que ameaçam o território.

No período entre 1796 e 1814 o domínio colonial na Guiana mudou de potencia imperialista quatro vezes, devido a consequências da Revolução Francesa e os conflitos na Europa. O Império Britânico ocupou as colônias ocidentais, entre elas os assentamentos agrícolas da Guiana, que em 1814 tornaram-se Guianas Britânicas ou Guianas Inglesas (VISENTINI, 2007; PEREIRA, 2008; SADER E JINKINGS, 2007). Visentini (2007) afirma

que devido aos ideais de hierarquização e dominação da época, os africanos foram traficados com maior vigor pelos ingleses para serem usados nas plantações, todavia protagonizaram inúmeros períodos de lutas e resistência. O autor constata que isso ocorreu por meio da diminuição do ritmo de trabalho e dano aos equipamentos, ou de revoltas e fugas para as florestas criando ali sociedades baseadas em estruturas políticas semelhantes a da terra natal.

Constata-se que o final do século XVIII e início do século XIX foi um período repleto de rebeliões e mudanças ideológicas na Europa e nas Américas que acabaram culminando na abolição da escravidão. Pontuam-se como marcos desencadeadores deste momento histórico: a Revolução Haitiana 1791-1804, dirigida contra os colonizadores franceses e invasores britânicos e espanhóis, e que foi a única realizada por escravos africanos; e as revoltas de Berbice (1763) e Demerara (1823) que associadas a rebeliões em outros territórios sobre o domínio britânico levaram esta potência colonialista a encerrar a escravidão na Guiana, em 1833 (IFILL, 2011).

Toda esta instabilidade desencadeada pelas revoltas que se espalhavam por todo Caribe teve papel fundamental para a organização de sucessivos fluxos migratórios na colônia Guiana Britânica que passou por uma importante experiência demográfica, sociocultural e econômica com a imigração de consecutivos grupos de trabalhadores em regime de servidão (*Indenture Servants*), principalmente de indianos (1838), que foram trazidos para substituir a mão de obra escrava (CORBIN, 2009; PEREIRA, 2008).

Os contextos em que ocorrem os deslocamentos e as questões socioculturais - tem fundamental relevância para se o entendimento das condições de vida desta população nas localidades hospedeiras (HELMAN, 2009; PNUD, 2009). Sobre o aspecto histórico, verifica-se que o desenvolvimento da sociedade que se tem hoje na Guiana, relaciona-se bastante aos deslocamentos populacionais ocorridos ao longo dos séculos. Estes abrangem diversos fluxos migratórios regionais e intercontinentais, desde os deslocamentos do Velho Mundo, a conquista e povoamento do Novo Mundo, além das correntes migratórias existentes em direção aos antigos Impérios Coloniais Reino Unido, França, Espanha, Portugal, entre outros (EMMI, 2008).

A situação dos que migraram para a Guiana Britânica em busca de trabalho remete à ideia de encorajar fluxos migratórios internacionais de forma que empregadores colonialistas obtivessem mão-de-obra passiva para as atividades subalternas e precárias. De acordo com Sasaki e Assis (2000) isso reconfigura uma estratificação étnica e da segmentação do mercado de trabalho, isto quer dizer que estes trabalhadores migrantes e grupos étnicos considerados inferiores são limitados a determinadas atividades de trabalho marginais e secundárias. Desta

forma as autoras informam que os nativos e/ou hierarquicamente legitimados como cidadãos podem usufruir das boas condições de trabalho e remuneração e os donos dos meios de produção podem continuar obtendo maior lucro.

No caso da República Cooperativa da Guiana a imigração dos portugueses, que acabaram se localizando principalmente entre os comerciantes, foi motivo de inúmeros conflitos devido à taxa de mortalidade neste grupo e a perda de trabalhadores produtivos da Madeira (CORBIN, 2007; SADER E JINKINGS, 2007). De acordo com estes autores, em maio de 1838, os primeiros indianos chegaram à Guiana Inglesa, e em 1917, em torno de 238 mil imigrantes haviam entrado na colônia, houve questionamentos e interrupção de envio de trabalhadores por autoridades indianas devido às denúncias de maus-tratos e de condições de trabalho desumanas, o grupo dos chineses só foram inseridos na dinâmica de trabalho muito tempo depois.

Portanto, indígenas, africanos, indianos, portugueses, ingleses, holandeses e chineses fizeram parte dos diversos arranjos que culminaram na formação de uma sociedade multiétnica e pluricultural neste Estado-nação (VISENTINI, 2007). Corbin (2007) relata que mesmo que atualmente as tensões étnicas latentes na sociedade guianense apontem para os grupos de descendência africana e indiana, é preciso analisar o processo histórico de todos os grupos que formaram o povo guianense e considerar as divisões étnicas engendradas pelos que detinham poder desde o início do processo de colonização.

Corbin (2009) e Ifill (2011) verificam que os conflitos entre os grupos étnicos se construíram por meio do contínuo deslocamento de migrantes para a colônia que era incentivado de forma que as elites coloniais negassem a obtenção de direitos políticos e socioeconômicos aos africanos e descendentes, outro ponto característico desta fase era a relação de dominação diferenciada que os colonizadores mantinham com os trabalhadores. A estratégia era manter relações de hierarquização e semear conflitos entre os diferentes grupos étnicos de forma que se obtivesse controle sob aqueles e eram beneficiados com determinada regalia e também para naturalizar a exploração do trabalho daqueles considerados inferiores.

Examina-se que principalmente nas duas primeiras décadas do século XX após a emancipação, as restrições adotadas contra os ex-escravos que almejavam direitos e participação na economia através do trabalho assalariado, comércio e obtenção de propriedades privadas continuavam cada vez mais fortalecidas, uma vez que encontravam barreiras legislativas, bancárias, principalmente governamentais, cujo governo era aliado dos colonos europeus que não reconheciam o novo status dos africanos e seus descendentes (IFILL, 2011). Esta autora informa ainda que houve casos em que os africanos, unidos ou

individualmente, puderam comprar terras e viver comunitariamente em localidades que lhes pertenciam, todavia, o governo buscava exercer o poder nas vilas e comunidades que foram se constituindo, cobravam altas taxas e impostos, além de limitar acesso a bens e serviços.

Com a introdução dos diversos grupos étnicos nas lavouras as demandas por salários dignos e novas possibilidades de convivência com os africanos e seus descendentes foram duramente abafadas já que eles se tornaram dispensáveis para as plantações (SADER E JINKINGS, 2007). Ifill (2011) destaca como motivo de choque e revolta entre os africanos e descendentes o posicionamento do governo de fornecer aos grupos de migrantes, em especial aos indianos, que chegavam em grandes fluxos, financiamento e auxílio para o assentamento na Guiana; o objetivo por traz disso era mantê-los passivos sob domínio da colônia e evitar os altos custos com o pagamento de passagem de volta para o país de origem.

Sader e Jinkings (2007) informa que ainda durante o século XX os brancos de descendência europeia controlavam o poder socioeconômico da colônia e representavam os grandes latifundiários que boicotavam as tentativas de desenvolvimento econômico e social de outros grupos, ademais de lucrarem com a falência dos projetos que tinham como objetivo a participação igualitária. Não obstante, diversos grupos começaram a se mobilizar em torno do repúdio ao processo colonialista que vivenciavam e organizaram inúmeras manifestações ao longo dos primeiros anos do século XX (SADER E JINKINGS, 2007).

De acordo com Visentini (2007) o processo de descolonização da Guiana envolveu elementos intervenientes complexos como o fato de que a maior parte da população se constituía por imigrantes, as diferenças socioculturais apresentadas por cada grupo e as relações diferenciadas destes com o colonizador. Na Guiana o processo para independência ganhou força através do *People's Progressive Party (PPP)*, multicultural e fundado em 1950, que defendia a independência e era influenciado por ideais socialistas, regido sob a liderança de Cheddi Jagan, que esteve no cargo de primeiro ministro em três mandatos, durante cerca de 10 anos, conquistou apoio popular e o enfraquecimento do domínio colonial (VISENTINI, 2007). Segundo este autor, paralelamente ocorreu uma cisão no PPP e criou-se o partido *People's National Congress (PNC)*, com Forbes Burnham como principal representante, majoritariamente constituído por afrodescendentes e apoiado por forças estrangeiras, como EUA e Inglaterra, que instigavam a emergência de posicionamentos locais rivais ao PPP.

Sader e Jinkings (2007) destacam que através de manifestações populares e da organização dos partidos políticos conquistou-se diversos direitos ao longo dos anos 50 do século XX e início de 1960, no entanto, era de interesse das elites que o partido PPP saísse do poder já que ameaçava os interesses dos colonialistas e neoliberais. Por fim, este autor

informa que em 1964, através de coalisção com o Partido Força Unida, constituído por descendentes de portugueses, Burnham, elege-se primeiro ministro, e em 1966 a Inglaterra reconhece a independência da Guiana, que sob a direção de Forbes passa a ser a primeira república cooperativa do mundo e o governo, surpreendendo a muitos passou a se posicionar cada vez mais distantes dos aliados estrangeiros. A organização política deste país seguiu a democracia representativa indireta, com um histórico de vinculação à elementos ideológicos marxistas-leninistas, e desenvolveu-se predominantemente através das diferenças étnicas de seu povo, sendo que afro-guianenses e indo-guianenses são dois grupos étnicos majoritários (BAINES, 2012; PEREIRA, 2008).

Quanto à emigração de 1969 a 1976 quando a população girava em torno de 650 milhões a média de emigração por ano foi de 6.080 pessoas; entre 1976 e 1980 quando a população era de aproximadamente 733 milhões esta média subiu para 14.400 pessoas; os principais destinos eram os Estados Unidos (43%), o Canadá (31%), a Grã-Bretanha (10%) e Caribe o (9%) Merrill (1992). Este autor informa que dados não oficiais chegam a mencionar que no final de 1980 girava em torno de 30 mil o número de emigrantes anualmente. Estes migrantes eram significativamente profissionais qualificados, pertencentes à classe média, e do grupo étnico indiano. Ocorre que no período de 1970 a 1980 era comum os afro-guianenses serem contemplados com cargos públicos, visto que o partido PNC governava a Guiana (MERRILL, 1992).

Ao longo dos anos 1970 e 1980 o Estado passou a ter um maior controle sobre as decisões do país, entre 1970 e 1975 o crescimento econômico foi de 4% ao ano, organizou-se uma revolução cultural de forma a dar destaque ao povo guianense, e iniciou-se a participação no CARICOM (VISENTINI, 2007). A política externa da Guiana pautava-se, então, nos seguintes princípios: “1-não alinhamento; 2- apoio às causas progressistas mundiais; 3- unidade econômica do Caribe anglofóno; 4- militância anti- *apartheid*; e 5 – integridade territorial face aos litígios fronteiriços com a Venezuela e o Suriname” (VISENTINI, 2007, p. 143).

Buhram reelegeu-se em 1980 num processo eleitoral bastante questionado pela opinião pública e a repressão a opositores assim como os problemas socioeconômicos no país eram parte do cotidiano (MERRILL, 1992). Este autor informa ainda que a Guiana vivia uma forte relação de dependência das remessas sociais enviadas por aqueles que se deslocaram para outros países, não havia infraestrutura básica, e acordos com o FMI permitiram a exploração das suas reservas de petróleo e bauxita por empresas transnacionais.

A aproximação com o socialismo se deu com mais força no início dos anos 1980, como forma de obter apoio popular, desviando a atenções da população dos partidos opositores, das denúncias de censura e instabilidade socioeconômica; Buhram faleceu em 1985, no entanto, o seu partido continuou no poder, por meio de Desmond Hoyte (SADER E JINKINGS, 2007). O autor informa que em meio a denúncias de fraude nas eleições o primeiro ministro Hoyte mudou as políticas aplicadas por Buhram, direcionando a Guiana para uma política neoliberal. Os gastos públicos até 1986 giravam em torno de 52% do PIB, dado que pode ser contrastado com os anos entre 1975-1980, período do governo Buhram em que este montante representava 12% do PIB (MERRILL, 1992). Outros pontos estratégicos utilizados para reverter às dificuldades enfrentadas pelo país remeteu à privatização de empresas públicas, eliminação de emprego e cortes de aumento salarial.

Em 1989 foi lançado o Programa de Recuperação Econômica (ERP), fazendo com que o país se integrasse à economia global através de planos de liberação do câmbio, remoção de controle de preços e subsídios, (3) a remoção de restrições os fluxos de capitais, e (4) as reformas na política fiscal e de administração (CORBIN, 2007). O FMI e o Banco Mundial, além de países como o Canadá, os EUA e outros do Caribe se uniram para apoiar o Programa, renegociando dívidas e fazendo empréstimos com maiores prazos (VISENTINI, 2007).

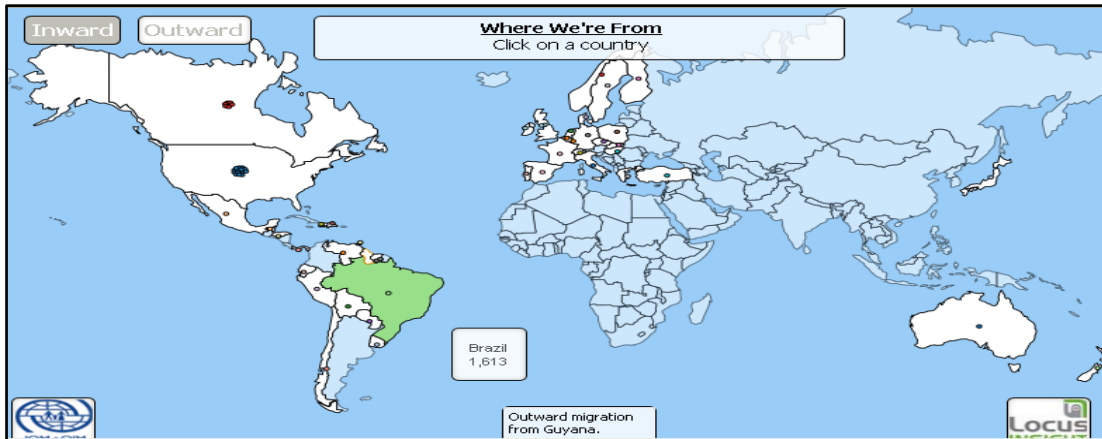
Estas mudanças emergenciais tiveram um efeito negativo acumulado. De acordo com Merrill (1992) apesar de que a ideia central era restaurar o crescimento econômico do país, uma das medidas mais impactantes foi a desvalorização a moeda guianense, que afetou diretamente a população consumidora, e, em 1991, decretou-se estado de emergência no país por 6 meses. Importante mencionar que o desempenho econômico começou a mostrar reação apenas no final de 1991, não obstante, o país mantinha-se com enorme dívida externa, com grandes taxas de emigração de pessoas qualificadas e falta de infraestrutura (CORBIN, 2007).

Em 1992, Jagan volta ao poder, no entanto volta aliado aos EUA e o FMI, propunha esta estratégia como saída erradicar a pobreza que atingia 80% da população e o declínio populacional que de 1 milhão, em 1989, passou para 800 mil em 1992. Tomou diversas medidas liberais com o intuito de diminuir a influencia dos barões da droga no país que crescia significativamente (VISENTINI, 2007).

Os anos 1980 e 1990 representaram a diminuição do crescimento populacional neste país. A crise econômica e as disputas políticas ocorridas neste período ocasionaram uma grande diáspora na Guiana (CORBIN, 2009). Estima-se que somente entre 1989 (população na Guiana – 757 mil pessoas) e 1992 (população na Guiana – 739 mil pessoas), 212 mil guianenses saíram do país, concentrando-se predominantemente em países como Estados

Unidos, Canadá e Reino Unido (SADER E JINKINGS, 2007). A imagem abaixo mostra a migração de guianense nos diversos países, todos os identificados com a cor branca Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Caribe são os primeiros destinos.

Figura 2 - Mapa indicando a distribuição de guianenses pelo mundo.



Fonte: OMI (2013).

Segundo a OMI (2013) é possível encontrar guianenses em vários países, principalmente a parcela mais qualificada da população, tais como professores e enfermeiros, por exemplo, que devido as altas taxa de desemprego e dificuldades sociais procuram em outras localidades a possibilidade de desenvolvimento profissional. Dados do serviço de imigração dos Estados Unidos relatam que no final de 2005 cerca de 200 mil guianenses viviam em situação regular no país e estimava-se que outros 250 mil estavam em situação irregular (OMI, 2013).

Corbin (2009) atribui a intensidade dos deslocamentos ao acordo de livre circulação de mão-de-obra e mercadorias na Comunidade Caribenha. Destaca que até 2005, 55,6% da população deslocou-se para outros países, principalmente os que possuíam qualificação profissional (fuga de cérebros), constituindo-se um dos maiores índices do mundo, ou seja, 85,9% da população com ensino superior. Todavia, cada vez mais aumentam os fluxos em torno dos países vizinhos, criando-se uma forte dinâmica transfronteiriça.

Góis (2004) aponta a necessidade de um novo modo de analisar as migrações contemporâneas, de forma que se considere a realidade dos países emissores e dos receptores de migrantes sob o efeito das questões que envolvem a globalização. Ribeiro (2012) complementa que se deve examinar as características da comunidade transnacional a partir de dimensões de espaço-público-virtual, das identidades sociais e étnicas constituídas e das diferentes formas de estabelecer vinculações.

Essa dinâmica transnacional redefine relações preexistentes e atinge diferentes atores sociais, inclusive os países, que influenciados pelas consequências deste fenômeno organizam ações adaptativas, como por exemplo, a (re)formulação de leis que tratam da recepção de migrantes e auxílio aos nacionais que residam em outros países; facilitação do deslocamento entre países através de medidas administrativas ou de infraestrutura; o suporte para o envio e recepção de remessas sociais, entre outros (GÓIS, 2004).

1.3 CARACTERÍSTICAS GERAIS SOBRE A GUIANA HOJE

A República Cooperativa da Guiana possui uma população estimada em 754 mil habitantes, a expectativa de vida é de 73.5 anos para as mulheres e 67.2 anos para os homens, destaca-se também que o país ocupa a posição 118 no IDH 2012 (BUREAU OF STATISTICS GUYANA, 2013; VISENTINI, 2007). Estima-se ainda que 51% da população possui entre 0 e 24 anos, e a densidade atual é de 3,5 habitantes por km².

O último censo populacional e habitacional divulgado é de 2002, no ano de 2012 realizou-se outro censo, no entanto, os dados colhidos ainda estão em fase de análise pelo *Bureau of Statistics*. Em termos religiosos, os cristãos representam 52,2% da população, seguidos dos hinduístas 34% e dos muçulmanos 7,3%. Este censo também aponta que a distribuição étnica da população ocorre da seguinte forma: os indo-guianenses constituem o maior contingente étnico com 43,45% da população, os afro-guianenses 30,2%, os *mixed* 16,73%, os ameríndios 9,16%, de descendência chinesa 0,19%, os brancos 0,06%, os de descendência portuguesa 0, 20% e outros com 0,01%. (BUREAU OF STATISTICS GUYANA, 2013). Portanto, os idiomas mais comuns no país são o inglês, os dialetos ameríndios, o *creole*, o hindu caribenho (um dialeto do hindi) e o urdu (OMI, 2013).

Recentemente tem se observado um aumento mais rápido da população no interior do país, em especial nas regiões administrativas Barima-Waini (Região 1), Potaro-Siparuni (Região 8), Alto Takutu-Alto Essequibo (Região 9/ Região do Rupununi) que estão mais próximas da fronteira com o Brasil. Estas regiões caracterizam-se pelo grande número de ameríndios residindo ali e distanciados do fluxo direcionado para a América do Norte, além de que a concentração de brasileiro é maior, principalmente devidos as atividades relacionadas a mineração (CORBIN, 2007).

Com o PIB de 2,4 bilhões de dólares em 2011, destacando-se o setor de serviços que contribui com 51% dos recursos obtidos pelo país, a economia guianense ainda é pouco desenvolvida, carente de infraestrutura e de mão de obra qualificada, apesar de possuir

grandes possibilidades produtivas (VISENTINI, 2007; MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2012).

Dados de 2012, fornecidos pelo *Bureau of Statistics Guyana* informam que as importações, essencialmente de produtos manufaturados, e realizadas com os EUA, Venezuela, Trinidad e Tobago e China, o Brasil aparece na 10ª posição. Já as exportações de produtos como ouro, arroz, bauxita e açúcar têm como principais compradores os EUA, o Reino Unido e a Venezuela.

A taxa de emigração líquida, ou seja, de pessoas que deixaram o país no período de 2010-2015 é estimada em torno de -9,5 migrantes/1000 habitantes (OMI, 2009). Esta organização calcula que em 2011, as remessas financeiras de migrantes guianenses giraram em torno de 396 milhões de dólares, valor que significativo se comparado ao PIB de 2,4 bilhões de dólares. Corbin (2007) informa que os dados censitários relacionados à Guiana apontam que o crescimento demográfico no país é pequeno e que as taxas de nascimento acabam substituindo os que falecem ou se deslocam para outros países.

Ribeiro (2000) afirma que atualmente há uma relativização do poder do Estado e descreve os elementos essenciais para o entendimento da transnacionalidade, trata-se da integração de realidades locais e supranacionais; à inexistência de território ou de autoridade política legítima; ao contato étnico e cultural maximizado, que envolve fragmentação e ambiguidade identitária e ao fato de que a atribuição de nacionalidade ou de um único território para “agentes sociais e os produtos de suas ações” torna-se cada vez mais limitado e irrelevante.

1.4 MIGRAÇÃO E ‘SER’ MIGRANTE GUIANENSE EM BOA VISTA

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, no Brasil há 161.250 mil brasileiros naturalizados e 431.319 estrangeiros identificados nos bancos de dados oficiais. Na região Norte estes dados apontam para a existência de 9.282 naturalizados e 16.455 mil estrangeiros. O estado de Roraima tem uma população de 431.319 habitantes, destes 1.572 são naturalizados e 1.149 estrangeiros (IBGE, 2010).

No entanto, sabe-se que estas informações não consideram a existência de migrantes internacionais indocumentados e, tampouco, a dinâmica dos deslocamentos transfronteiriços. Verifica-se os dados do Censo 2010 sobre a distribuição dos brasileiros natos, naturalizados e estrangeiros documentados residentes no país na tabela abaixo:

Tabela 1 - Distribuição dos natos, naturalizados e estrangeiros documentados residentes no Brasil, na Região Norte e em Roraima (em milhares).

Nacionalidade	Brasil	Norte	Roraima
Brasileiros natos	190.163.229	15.838.717	447.758
Naturalizados brasileiros	161.250	9.282	1.572
Estrangeiros	431.319	16.455	1.149

Fonte: Censo Demográfico - IBGE (2010)

O Brasil é historicamente rico de relatos de experiências sobre a migração internacional, entendendo tanto a imigração como a emigração desde o período da colonização até os dias atuais. É importante destacar que a partir dos anos 1980 as taxas de emigração tornaram-se mais significativas, e representou a construção de comunidades de brasileiros em diversos países e de redes migratórias com as localidades de origem, garantindo com o passar do tempo, a estruturação de constantes fluxos de informações, remessas financeiras e brasileiros ao redor do globo (FAZITO, 2002; OIM, 2009; SASAKI E ASSIS, 2000; MARTES E FLEISCHER, 2003).

A OMI publicou em 2009 o Perfil Migratório do Brasil e constatou que os dados sobre migração na fronteira norte do país são os menos conhecidos, principalmente quanto à inexistência de dados quantitativos do trânsito de pessoas nas fronteiras. Constata-se que a migração nestas áreas fronteiriças têm se tornado mais intensa e, sobretudo, a partir dos anos 2000 ganhou maior representatividade. Destacam-se nesta localização geográfica os deslocamentos na região de fronteira com a Guiana Francesa, principalmente devido à integração do mercado de trabalho que remonta ao ano de 1960.

No entanto, observa-se que a construção deste perfil desconsidera a dinâmica da mobilidade dos povos indígenas e das comunidades de fronteira, que também são responsáveis pelo estabelecimento de redes migratórias dinâmicas e constantes (BUSTAMANTE, 1989; BAINES, 2004).

Este relatório, Perfil Migratório não cita a fronteira do Brasil com a República Cooperativa da Guiana, mas destaca que no contexto da fronteira do extremo norte e as regiões ligadas ao Suriname, Guiana Francesa e a Venezuela verifica-se a migração predominante de homens não-qualificados e com baixa escolaridade em busca de prosperidade nos garimpos, ao mesmo tempo em que estes espaços se constituem como rota do tráfico de pessoas e de entorpecentes (OMI, 2009). Por fazer parte da mesma região

entende-se que a dinâmica fronteiriça com a Guiana também deve ter similaridades com os dados obtidos nas fronteiras com os outros países da região do extremo norte principalmente aos fenômenos associados ao garimpo.

A Organização Internacional para Migração - OIM (2009) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID (2013) apontam a existência de remessas como uma parte importante do processo de construção e consolidação de comunidades transnacionais. Nesta conjuntura verifica-se que a Guiana recebeu, no ano de 2011, o valor de 401 milhões de dólares e no ano de 2012, 405 milhões de dólares em remessas. O BID (2013) destaca que as remessas de dinheiro também se constituem como elementos fundamentais na organização econômica de diversos países, sendo que na Guiana, no ano de 2008, representaram 43% do Produto Interno Bruto (PIB) total do país (US\$ 2,97 bilhão).

Quanto ao Estado de Roraima, pode-se afirmar que este vivencia a migração em seus diversos aspectos, sendo significativa tanto a migração interna, quanto a regional e transfronteiriça, principalmente nas últimas décadas do século XX (ALMEIDA, 2011). A migração internacional, documentada nesta dissertação através do ponto de vista de pesquisadores como Fazito (2002), Lee (1980), Singer (1980), Valdés e Olmos (2010) e Salim (1992) é entendida como um processo sócio-histórico complexo que possui múltiplos condicionantes (históricos, socioeconômicos, redes migratórias, globalização, tecnologia, etc.) e que remete ao deslocamento de pessoas entre Estados-nações.

Neste sentido, a permeabilidade das fronteiras (políticas, simbólicas, sociais) construídas pelos Estados nacionais é um fato, assim os grupos migrantes que, apoiados por instrumentos tecnológicos e pelo estabelecimento de redes interconectadas, desconstruem a “ideia imaginada” de homogeneidade nacional, e de completa assimilação de suas idiossincrasias, arquitetando novas possibilidades de vivenciar trocas e relações sociais (FAZITO, 2002; RIBEIRO, 2000; SANTOS, 1997; SAYAD, 1998).

Estes fatos demandam reorientação de categorias e práticas, de modo que dê conta de explicar os complexos processos envolvendo os migrantes, uma vez que estes tanto intervêm na localidade de origem, preservando ou reelaborando aspectos culturais e sociais, quanto são responsáveis por transformações na comunidade de destino (MARTES E FLEISCHER, 2003). Considerando estas conjunturas, fundamento-me no estudo de Martes e Fleischer (2003), Sasaki e Assis (2000), Góis (2004) e Ribeiro (2000) para afirmar que atualmente o deslocamento entre o Brasil e a Guiana é um fenômeno marcado pela transnacionalidade.

A transnacionalidade é compreendida como os vínculos que o migrante estabelece tanto na comunidade de origem como na hospedeira, incluem um cotidiano que ultrapassa as

fronteiras nacionais, seja pela ocorrência de viagens periódicas entre os lugares, a comunicação constante, remessa de dinheiro ou pela vinculação às organizações e empresas internacionais (MITCHELL, 2003). Acerca das *comunidades transnacionais* Ribeiro (2000) informa que se caracterizam pela desterritorialização, ambiguidade e simultaneidade, ao mesmo tempo em que há uma transversalidade que vai desde o local até o global. O espaço passa a ser algo difícil de mensurar e as redes sociais e virtuais constituem-se como dimensões centrais para o incremento da sua integração. Neste fenômeno se (re)estruturam planos de vida e conexões, cada vez mais fortes, que interferem diretamente nos vínculos familiares.

O Estado de Roraima possui 1922 km de fronteiras internacionais dos quais 964 km são com a Guiana, constituindo a Venezuela e a Guiana os seus limites geopolíticos. O Estado, quando comparado à extensão territorial da Guiana (214. 970 km²) se sobressai com 225. 116,1 km² (IBGE, 2010). Boa Vista capital de Roraima é o centro administrativo, econômico e financeiro do estado que concentra a maior parte dos habitantes de Roraima e, portanto, se caracteriza como o lugar de convergência de diversos grupos de migrantes regionais e internacionais (SILVA, 2012).

De acordo com Almeida (2011) os migrantes inter-regionais e internacionais estão profundamente relacionados ao processo de formação de Roraima, que recebeu intensos fluxos populacionais amparados por iniciativa governamental, e que até os dias atuais tem como característica preponderante a parcela representativa da população que é nascida em outras unidades federativas do Brasil ou que provêm de outros Estados-nações da fronteira.

As localidades fronteiriças são áreas que, apesar de geograficamente limitadas, vivenciam fenômenos transnacionais que são visualizados em ambos os lados da fronteira relacionados aos processos que compreendem desde fatores jurídicos e econômicos, até elementos culturais, psicossociais, entre outros, que são resultado desta interação multidimensional (BUSTAMANTE, 1989).

Machado (2011) diz que refletir sobre *a fronteira* exige uma perspectiva múltipla e consideração quanto à complexidade que se verifica neste território desde o seu processo de constituição até a sua consolidação. Rodrigues e Pereira (2012) destacam que na fronteira ocorre uma articulação entre os diferentes elementos que a compõem formando uma amálgama, ao mesmo tempo em que as relações que se constroem entre os Estados Nacionais são reorganizadas no espaço transfronteiriço as identidades étnicas e nacionais são responsáveis pelo caráter multidimensional e a fluidez deste lugar, um espaço de convergência que ultrapassa as demarcações físicas e políticas. Nolasco (1995) diz que nas

regiões de fronteira podem-se encontrar *identidades-estigma*, associadas às identidades nacionais e ao mesmo tempo, relacionadas às identidades étnicas que sofrem a mesma hierarquização, embora tenham como elemento central determinada *identidade modelo*. Verifica-se aí, portanto, a possibilidade de reconhecer os grupos que naquele local são minorias do ponto de vista das relações de poder.

A transfronteira é um conceito que quebra a ideia de unidade nacional que os Estados-nações perpetuam, ao estudar a dinâmica cotidiana das pessoas que residem nas regiões de fronteira, é possível observar que o cotidiano é permeado por interações sociais que transformam este espaço em um lugar de heterogeneidades. Bustamante (1989, p.10) averigua ainda que a delimitação do nacional e do regional nestes espaços é fluida, sendo que “en la experiencia cotidiana fronteriza se antoja aplicable cuando vemos la irrelevancia de la frontera en ciertos fenómenos como los del medio ambiente compartido, o el de familias de la frontera con miembros que residen en cada lado.” .

Roraima faz fronteira com a Guiana através dos municípios de Bonfim, Caracaraí, Caroebe, Uiramutã e Normandia. O rio Tacutu faz uma delimitação natural com este país na divisa das cidades-gêmeas de Bonfim (Brasil) e Lethem, no período de baixa do rio há possibilidade de se locomover sem necessidade de embarcações, também há transporte intermunicipal através de empresas de ônibus e vans³, além das pessoas que se deslocam em veículos próprios para Lethem passando pela ponte sobre o rio Tacutu (SILVA, 2012). Este autor também informa que:

Essas cidades-gêmeas apresentam grande potencial de integração econômica e cultural; manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira (contrabando, migração ilegal, prostituição, entre outros), e os fluxos transfronteiriços entre as cidades-gêmeas apresentam elementos comuns, com componentes diferenciados (SILVA, 2012, p. 197-198).

No que se refere à população indígena que vive ao longo das fronteiras internacionais da Guiana, Baines (2012) afirma que os grupos deslocam-se ao longo dos dois países deixando em segundo plano a fronteira político-administrativa construída dentro do seu território tradicional. Há inúmeros relatos de deslocamentos dos Macuxis e Wapixanas para o território guianense nas regiões 8 e 9 e vice-versa e das mudanças ocorridas na Guiana e no Brasil. Historicamente nesta região fronteiriça, destacavam-se enquanto grupo populacional as comunidades indígenas e os fazendeiros brancos e mestiços que utilizavam mão de obra indígena no período anterior à Revolta do Rupununi. Para Baines (2012) os

³ É um tipo de automóvel utilizado para transporte coletivo de um pequeno número de passageiros.

indígenas daquela região manifestam forte ligação com o Brasil devido aos fatores relacionados ao desenvolvimento econômico do país e a ausência de intensos conflitos. Baines (2012, p. 39) informa que:

Nessa fronteira internacional, a reafirmação étnica como índios – Makuxi, Wapichana e outras etnias - acontece num contexto marcado por interesses políticos em conflito aberto. Surgem diversas formas de se identificar como índio, mestiço, Makuxi, Wapichana, brasileiro, guianense, ou Amerindian além de identidades pejorativas, como o caboclo no Brasil e *buckman* (homen animal) na Guiana. Essas identidades muitas vezes se sobrepõem, parecendo, à primeira vista, contraditórias. [...] Muitos dos moradores nessa fronteira são portadores de documentos de identidade da República Cooperativista da Guiana, com nome em inglês, e de documentos do Brasil com outro nome, em português, o que caracteriza o processo de transnacionalização apontado por Cardoso de Oliveira.

Para Ribeiro (2012) a transnacionalidade deve ser analisada considerando a contextualização das condições integrativas, históricas, econômicas, tecnológicas, ideológicas e culturais, sociais e rituais em que se apoia. Criam-se níveis de integração referente aos modos, cada vez mais complexos, de representar pertencimento e manter as relações que vão do local ao supralocal.

É importante esclarecer que os níveis de integração possuem caráter desigual e evidencia a diferença entre determinados segmentos sociais. Acerca desse assunto, Ribeiro (2000, p. 97) diz que a “integração não significa necessariamente inclusão em nenhum sentido positivo. Muito ao contrário, historicamente, o advento de um novo nível de integração tem significado a exclusão ou a perda relativa de poder de diferentes segmentos sociais”.

Dentre os migrantes internacionais, os guianenses são os que mais se deslocam para Roraima, tanto motivados pela crise econômica quanto política vivida pela Guiana nos anos 1960, 1980 e 1990 (RODRIGUES, 2009; NETO, 2005; SADER E JINKINGS, 2007), bem como pela existência de um imaginário relacionado à possibilidade de melhoria socioeconômica e acesso a uma gama de serviços públicos acessíveis no Brasil (SANTOS, 2008). Além dos aspectos políticos e econômicos, outro fator que favorece o deslocamento de guianenses para Roraima é a existência de comunidades indígenas Wapixana e Macuxi localizadas ao longo da fronteira, que mantêm fortes redes de parentesco nos dois Estados nacionais (BAINES, 2004; PEREIRA, 2007).

Baines (2012) afirma que entre os indígenas guianenses que se deslocaram para o Brasil, em particular para Boa Vista, permanece o temor de ser deportado e que estas pessoas vivenciam identidades contextualizadas que são acionadas de acordo com a situação e necessidade vivida sem que ocorra contradição, ou seja, macuxi e wapixana performatizam

tanto a identidade étnica, como a identidade brasileira e guianense dependendo do campo de possibilidades que se apresentam.

Como já foi mencionado por Corbin (2009) e por Baines (2004) as menções a mistura e a identidade *guy-braz*⁴ denotam a característica de junção das duas populações nacionais. No discurso dos interlocutores constantemente faz-se menção à “mistura” que a população local vivencia, um sentimento que perpassa desde os familiares provenientes de Georgetown, que são principalmente os afro-guianenses, os indo-guianenses, os de descendência portuguesa e os indígenas no interior do país. A intensa complexidade étnica daquele país também se compõe a partir do grupo de brasileiros indígenas e não indígenas que fazem parte do cotidiano guianense em inúmeras regiões. Os migrantes informam acerca de avós maternos que são brasileiros (indígena macuxi e nordestino), pais nascidos na região fronteira guianense e filhos que acabam se unindo a brasileiros e constituindo família neste país.

A ideia de *performance* em torno da identidade nacional e étnica envolvem padrões de comportamento, maneiras de falar, maneiras de se comportar corporalmente que perpassam a forma como os atores sociais situam-se no tempo e espaço dando forma à uma identidade de grupo, através dela pode-se construir estratégias de contato e visualizar como as representações nós/eles são complexas e não lineares (SILVA, 2005). E esta composição étnica multifacetada é identificada como mais intensa na região fronteira e permite a existência de *identidades contextualizadas* que são acionadas em diversas situações de forma estratégica e que pode ser visualizada no seguinte fragmento:

Negra. Até porque eles olham a sua pele. Meu pai também teve uns problemas. Até hoje ele não conseguiu tirar os documentos dele como indígena. [...] E ele fica com raiva. Ele fala wapixana, macuxi e patamona. Três idiomas. [...] E é assim, quando ele fica com raiva de negro ele é caboco, quando brasileiro deixa ele com raiva ele é guianense. Ele não tem lugar fixo não! (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

É nesta conjuntura que aparecem múltiplas identidades que são ativadas para facilitar os trânsitos entre as diferentes, e por vezes divergentes, fronteiras que existem entre as pessoas e entre os Estados-nações, nota-se que a obtenção de documentação referente a registro civil, que a participação em programas sociais do governo e a própria identificação étnica e nacional diante de grupos específicos é realizada a partir de uma análise situacional, como a que Anne faz ao se identificar ora como *guy-braz* destacando a sua ligação familiar

⁴ De acordo com Pereira (2007) trata-se de uma identidade, geralmente compartilhada por adolescentes com descendência guianense e brasileira.

aos dois países e ora identificando-se como guianense devido ao seu domínio quanto as características particulares do idioma falado em seu país e o desconhecimento deste código por parte dos “estrangeiros”.

No que se refere às relações que envolvem divergência entre os grupos que interagem neste espaço multifacetado, Brito (2012) constatou que a língua falada pelos grupos moradores da fronteira, há uma escala valorativa que tem o seu auge na legitimação do português, passa pelo inglês que é estigmatizado por possuir características peculiares à cultura guianense o que diferencia do inglês aprendido nas escolas de idiomas do estado, e por fim, na base da pirâmide estão as línguas indígenas (neste caso, macuxi e wapixana), que são suprimidas das trocas verbais cotidianas e oficiais por conta do preconceito linguístico e cultural que as cerca.

A migrante Mary cuja mãe é da etnia wapixana falou sobre a descendência indígena, sobre o desuso da língua da mãe, sendo interessante pontuar o esquecimento deste idioma, assim como a importância que é dada ao aprendizado do inglês pelos filhos.

Ela (a mãe) é desses tribos que se chama wapixana, eu não fala wapixana, mas eu entende. Quer dizer, como a gente assim não fala mais, eu falo mais é o inglês com a minha mãe. Aí eu esqueci assim, eu entende algumas coisas que eles fala, mas eu não consigo mais falar (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

É que eu imploro pra esses meninos: Vocês que já. Os mais velhos né? Vamos estudar o inglês! [...] Essa aqui (filha nascida no Brasil), por exemplo, é a única dos meus filhos que não fala inglês, os outros dois já falam, entendem o inglês, porque os mais velhos sempre convivia, vai pra lá (Guiana) e volta. Então eles fala, mas ela já não fala (inglês) (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Com relação às peculiaridades relativas ao inglês falado pelos guianenses, Rost (2009) verifica a existência do “*creolese*” ou “*creole english*” que está relacionado à família linguística caribenha. Como se observa no fragmento da narrativa de Anne, o *creole* marca o migrante como guianenses sendo significativo na organização das identidades deste grupo.

[...] minha fala, já diz quem eu sou, porque o que eu sei de *creole* nenhum brasileiro sabe! Pode falar inglês igualzinho à rainha da Inglaterra, mas o que eu sei, brasileiro não sabe! (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

É comum que critérios como língua e etnia ou uma combinação de língua, território e histórias comuns sejam associados ao estabelecimento do nacionalismo, Anderson (2005) relata se cria o sentido de comunidade (imaginada), através do estabelecimento de uma

cultura comum, compartilhando a ideia de pertencimento a um território, construindo e (re)inventando tradições.

Verifica-se que no período de 1960 a 1969, os deslocamentos dos indígenas ocorriam, sobretudo, em direção à Guiana, então colônia, que oferecia melhores condições de vida e refúgio contra a violência vivida em território brasileiro (BAINES, 2012). Com a Independência (1966) e a Revolta do Rupununi (1969), os fluxos em direção ao Brasil se intensificaram, entre as principais motivações estão: o desenvolvimento de legislações que resguardam os direitos indígenas, os serviços de saúde e educação oferecidos pelo Brasil, além da crescente prosperidade econômica do país (BAINES, 2012).

Corbin (2009) também discorre sobre a intensidade dos deslocamentos dos países limítrofes em direção à Guiana, enfatizando a importância destes fluxos, das redes familiares e de amigos, e a particular dinâmica estabelecida com o Brasil, chamando a atenção para as uniões matrimoniais na região de fronteira e a existência de um tipo de contextualizada vivenciada pelos que se denominam como *guy-braz*.

A fronteira faz com que se viva uma série de questionamentos, principalmente por representar uma multiplicidade de fronteiras invisíveis tais como as que dizem respeito a aspectos socioculturais, e de fronteiras visíveis representadas principalmente pelo controle exercido pelo Exército, a Polícia Federal e representações do Estado de Roraima que tenta lidar de forma, muitas vezes, limitada, com a dinâmica fronteiriça (BRITO, 2012).

Para chegar a Boa Vista os guianenses têm algumas rotas específicas, a mais conhecida é a que sai de Georgetown em direção à Lethem por meio de vans, numa viagem que dura aproximadamente 13 horas ou de avião, com capacidade para 12 passageiros e voos regulares, que duram em média 2 horas. Em Lethem há uma empresa de táxi guianense que faz transporte de passageiros até o município de Bonfim. Também há uma companhia de táxi intermunicipal brasileira que possui a linha Boa Vista-Bonfim, e há ainda uma empresa de ônibus intermunicipais que faz viagens diárias entre Boa Vista e Bonfim.

Sobre a exigência de documentação pelas instituições representantes do Estado brasileiro na região de fronteira e em Boa Vista, averigua-se que há o posto da Polícia Federal e da Receita Federal que fiscalizam o trânsito de pessoas e mercadorias que circulam entre as cidades fronteiriças e a documentação para realizar a venda de passagens na linha de ônibus intermunicipal. Contudo, o que se observa é que no cotidiano transfronteiriço há inúmeras maneiras de driblar o controle do Estado nacional que acaba desconhecendo os dados reais acerca dos deslocamentos e da circulação de bens materiais.

Quanto ao desembarque na Rodoviária Internacional de Boa Vista José Amador de Oliveira, entre os anos 2001 e 2011 houve um grande fluxo de pessoas que vieram para a capital de outros países, podendo-se perceber esta dinâmica na tabela abaixo. Constata-se que nos últimos anos houve uma diminuição sensível no quantitativo de passageiros o que pode ter como explicação a existência de outros meios de transporte (particulares, vans, taxis, etc.), além de que alguns desses meios são mais procurados, pois possibilitam driblar a fiscalização em torno do trânsito para a fronteira.

Tabela 2 - Desembarque rodoviário internacional de passageiros vindos de Santa Helena do Uairen e Lethem em Boa Vista - RR, 2001-2011.

Ano	Número de Passageiros (milhares)
2001	13.311
2002	10.984
2003	9.959
2004	9.305
2005	7.595
2006	7.137
2007	12.010
2008	15.617
2009	10.925
2010	1.848
2011	2.258

Fonte: Departamento de Infraestrutura e de Transporte - SEINF/RR.

Os dados do IBGE sobre a presença de guianenses no estado de Roraima mostram um pequeno contingente deste grupo nacional. O Censo Demográfico de 2010 aponta apenas 1.125 estrangeiros residentes no Estado de Roraima e 1.569 mil naturalizados. A Polícia Federal especifica que no ano de 2009 havia 292 guianenses em Boa Vista.

A dinâmica social e os trabalhos empíricos tem demonstrado que estes dados são muito mais elevados, principalmente no município de Bonfim e em Boa Vista (BAINES, 2012; PEREIRA, 2007; RODRIGUES, 2009; SANTOS, 2008). Nesta situação, também é importante considerar a existência de migrantes indocumentados e dos que se identificam como nacionais durante pesquisas censitárias (SANTOS, 2008; PEREIRA, 2007). De acordo com Almeida (2011, p. 45):

Os guianenses encontram uma vida de subemprego e discriminação, assim como todos aqueles que não se inserem na economia do contracheque. Negros, negras, indígenas acabam se fixando na periferia e associando-se aos índices de violência da cidade, e às categorias que pululam no imaginário da cidade que generalizam e impõem ao excluídos do sistema a pecha de meliantes e desocupados. São invisíveis para as políticas públicas, mas presentes nas instituições de controle social.

A migração envolve inúmeras vulnerabilidades, principalmente considerando que a promoção e defesa da cidadania nem sempre é garantida de forma integral. Para Lussi (2010, p. 268) “[...] situações de vulnerabilidade podem ser gravemente intensificadas pela mentalidade, pelas políticas e pelas leis que regem e influenciam pessoas e governos implicados nos fluxos migratórios dos quais os referidos sujeitos fazem parte”. No depoimento abaixo se pode visualizar a percepção de insegurança que perdura por mais que os envolvidos na migração já tenha construído uma vida na localidade hospedeira, inclusive quando se tem a percepção de uma identidade contextualizada.

Não, eu tenho! Eu disse eu nasci lá! Eu sou *guy-braz*. Né? Porque eu tenho o sangue dos dois, eu sou *guy-braz*. Pros que me aceitam. Eu ainda sou eu! Não, eu sempre disse pros meus filhos, que eles nasceram aqui, eu digo: Gente, na hora que o presidente do país de vocês quer me jogar pra fora gente eu vou me embora. Porque eu tenho a consciência que eu nasci lá e eu sou tal! Meu pai é daqui e minha mãe é de lá (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

A interlocutora demonstra que a percepção de não pertencer é latente, que os mecanismos institucionais e sociais também podem ter esta interpretação e que a segurança, elemento tão intensamente buscado pela maior parte das pessoas, é ambígua e muitas vezes superficial, dado que se verifica que tanto a localidade de origem quanto a localidade hospedeira não conseguem suprir esta necessidade básica. E é principalmente a partir da formação deste contexto que se agrupam à nostalgia (das pessoas e lugares) sentimentos associados ao medo, perda e revolta, abarcando assim tanto o mundo interno quanto externo do migrante que podem evoluir para o adoecimento psíquico (BEIRUTI, 2010).

Segundo Valdés e Olmos (2010) não se trata de afirmar a existência de uma estrutura de vulnerabilidade inerente ao migrante, mas de reconhecer a existência de mecanismos sociais que promovem a vulnerabilização das condições de vida deste grupo através de medidas que oprimem e limitam a sua atuação na sociedade.

Neste sentido, destaca-se ainda que o processo migratório também pode ser vivido de forma positiva, considerando tanto o desenvolvimento psíquico do migrante quanto a sua atuação no mundo externo, essa constatação parte do pressuposto de que a saúde psíquica é objetivo que se remaneja sem cessar relacionada com a capacidade interna que as pessoas têm para administrar as situações inesperadas e adversas que se manifestam em suas vidas. Parte-se da ideia de que mesmo com as diversas situações de ameaça, o migrante ainda possui recursos pessoais que lhe permite superar de forma resiliente os obstáculos impostos na

localidade hospedeira. Nesse aspecto, considera-se Valdés e Olmos (2010, p. 79) que averiguam:

Si pensamos en una vulnerabilidad intrínseca o propia del “colectivo migrante”, aunque no por ello exista como tal, tenderemos, incluso sin quererlo, a victimizar a las personas y considerarlas débiles y con menos recursos personales que aquéllas que gozamos de otra suerte. Más bien se encuentra todo lo contrario en las personas migrantes: unos modos de ser y de afrontar la vida especialmente resistentes a las dificultades y a los cambios, una fortaleza y flexibilidad especiales y una capacidad de afrontar condiciones adversas muy superiores a personas que no se han visto implicadas en experiencias de emigración-inmigración. Este modo de afrontar y vivir la vida se conoce como resiliencia.

Se, por um lado os migrantes não devem ser vitimizados, por outro, são empurrados para a invisibilidade, principalmente quando a legislação dos países de destino os categoriza como irregulares, situação que os distancia da cidadania, do usufruto dos serviços oferecidos pelo Estado, impedindo-os de denunciar injustiças e abusos, e de acessar a qualidade de vida almejada durante a construção e execução do projeto migratório (LUSSI, 2010).

Pode-se visualizar esta invisibilidade a partir da fala dos interlocutores Steve e Paul que têm como uma das principais dificuldades a obtenção de documentação, por isso muitas vezes evitam sair no período noturno, têm posição apreensiva ao serem abordados por policiais e agentes do governo. Este fato também se reflete na construção das suas vidas profissionais e escolhas cotidianas. Até para locomover-se em ônibus interestadual há o “ardil”, isto é, as estratégias para driblar uma fiscalização que, muitas vezes, não lhes permite a regularização do seu status, constatando-se assim que as circunstâncias além do migrante tentam aprisiona-los numa perpétua posição social marginal.

De acordo com Sawaia (2011) a exclusão pressupõe interação hierarquizada entre pessoas e grupos que se mostra a partir de aspectos materiais e simbólicos e podem configurar, entre outras coisas, a discriminação, ou seja, a negativa da participação social que é resguardada para aqueles considerados cidadãos em uma dada sociedade. Ao serem excluídos das atividades socioeconômicas, culturais e políticas da comunidade hospedeira, estas pessoas passam a ser vistas e tratadas como “outra coisa”, isto é, desumanizadas nos vários níveis de atuação social (FERREIRA, 2010).

Para Crochík (2006) o peso das relações de poder e das normas sociais que alicerçadas em bases como a exaltação da força, de valores convencionais e desprezo pelo ambíguo, generaliza características e delimita linhas fixas do que é certo e errado para o “outro” que pode ser marcado abertamente, segundo estes modos de ver o mundo, ou atacado através de estereótipos e atitudes depreciativas. Constata-se que exclusão está diretamente

associada a uma construção de alteridade e aos preconceitos e estereótipos que se edificam a partir das representações que são difundidas no tecido social.

Quanto à experiência de sofrimento vivenciada pelos excluídos, Sawaia (2011) afirma que não tem gênese no indivíduo que sofre, mas sim em intersubjetividades que são delineadas socialmente sejam no contato estabelecido com os vizinhos, empregadores, instituições e organizações sejam nas construções simbólicas criadas ao seu respeito nos espaços de convívio coletivo, tal como as representações sociais veiculadas pela imprensa.

No que se refere às representações construídas dos migrantes guianenses em um dos principais jornais de Roraima e a vivência da transfronteira, Santos (2008) constatou que o migrante guianense foi mencionado poucas vezes, e quando o é, a imagem evidenciada é da sua situação de vulnerabilidade e estigma social. A autora verificou que, enquanto veículo de disseminação ideológica abrange os imaginários e os estereótipos da localidade em que está inserido, os principais temas abordados pelo jornal tratavam de problemas fronteiriços tais como os ilícitos (tráfico de drogas, roubo de motos) e doenças endêmicas; as relações comerciais e econômicas; os assuntos relacionados à proteção das fronteiras pelos aparatos estatais e as relações diplomáticas estabelecidas com os países vizinhos.

O afastamento da condição de cidadania faz com que estes e outros grupos acabem tornando-se vulneráveis a liminares, podendo também buscar apoio em poderes paralelos aos sancionados pelo Estado, alimentando ainda mais o imaginário social referente ao migrante como figura ameaçadora e marginal (NETO, 2005).

No próprio processo de organização de pesquisa de campo já se obteve a constatação de que esta população se encontra nas margens do cotidiano boa-vistense, em bairros periféricos, em invasões urbanas, participando de programas sociais e envolvidos em algumas comunidades que oferecem apoio, tal como igrejas, é patente que este grupo vive em uma constante posição de defesa diante do brasileiro, sempre em busca da sensação de segurança.

Segundo Carreteiro (2011) as pessoas que vivenciam um *status* social desvalorizado e estigmatizado acabam afastando-se da participação no meio social objetivando dissimular a percepção de inferioridade, o sentimento de humilhação e de não pertencimento que lhes envolvem. O autor ressalta que permanecer as margens de dimensões institucionais básicas, tais como saúde, educação e trabalho, faz com que os membros dos grupos excluídos, com anuência da sociedade em que estão inseridos, estejam localizados num espaço social desvalorizado que, cotidianamente, lhes impõe sofrimento.

Trata-se de uma situação em que este “outro” tem a sua potencialidade como participante do espaço coletivo constantemente limitado e a perene sensação de inutilidade

que se materializa de forma explícita ou difusa nas relações que estabelece no dia-dia, e que se acumula, gerando sofrimento psíquico que tem como base o convívio social e a falta de apoio institucional que o legitime numa posição de cidadania.

Os deslocamentos em direção à Bonfim e Boa Vista têm como objetivo a busca por empregos, a venda de mercadorias e a busca por acesso a serviços fornecidos pelo Estado brasileiro (saúde e educação) (SILVA, 2012). As dificuldades enfrentadas pelos migrantes guianenses em seu projeto migratório em direção ao Brasil são de diversas ordens, destacando-se a existência de discriminação pela cor, etnia e língua (ROST E RODRIGUES, 2008; SANTOS, 2008; ALMEIDA E BARBOSA, 2008).

O migrante caracteriza-se para os Estados nacionais, como um desafio que está diretamente atrelado as demandas crescentes destes grupos e a posição das elites em manter limitada a possibilidade de ação e acesso a bens materiais e, sobretudo, simbólicos, conservando o cotidiano alicerçado nas relações de dominação (SAYAD, 1998).

Outra dificuldade encontrada pelos guianenses é a inserção no mercado de trabalho formal. A maior parte está em empregos informais, tais como vendedores ambulantes em feiras públicas do Produtor e do Passarão. São camelôs, domésticas e babás, em condições de vida e trabalho precários e de vulnerabilidade, agravados por sua condição de indocumentação (RODRIGUES E VASCONCELOS, 2012; ROST E RODRIGUES, 2008). As mulheres guianenses vivenciam as diversas nuances possíveis na situação de exploração da sua força de trabalho e encontram neste setor laboral do emprego doméstico a possibilidade de iniciar a materialização dos sonhos construídos durante início do processo migratório.

De acordo com Lussi (2010), o migrante geralmente é qualificado pela sociedade hospedeira segundo o que ele não possui quando comparado ao autóctone: faltam-lhe documentos, “bons costumes” e até humanidade. Para a autora, esta perspectiva favorece a construção de fronteiras que marcam a invisibilidade social destas pessoas, tornando-as vulneráveis a toda sorte de abusos, afastando-as dos direitos de cidadania. Pensando nesta realidade Neto (2005, p. 303) diz que:

É notório que os imigrantes servem frequentemente como catalizadores de múltiplas frustrações, bem como de temores difusos contra ameaças dificilmente localizáveis. Sendo geralmente o “alvo mais visível”, não é de admirar o número de vezes que sobre os mesmos desembocam agressões e acusações várias. Daí se falar, como sugerido no título, em criminalização, não simplesmente dos migrantes, mas da própria migração como processo.

Para Rost (2009) as migrantes vivem em condições precárias, com remunerações baixíssimas e sem qualquer seguridade social, sendo que entre os motivos elencados para se submeter a estas formas de dominação estão: a falta de informação e a situação de indocumentação.

Para Sayad (1998) o pensamento compartilhado pelos “*usuários da migração*”, ou seja, aqueles que lucram com os deslocamentos, associa a migração ao provisório e ao utilitarismo. O autor constata que o objetivo é elevar ao máximo as “vantagens” e minimizar qualquer “custo” que se possa ter com a situação de migração, isto reflete diretamente as relações assimétricas (políticas, econômica, sociais e culturais) que se estabelecem oficialmente e extraoficialmente com este grupo.

O relato de uma interlocutora é significativo, pois mostrar uma das condições precárias e de vulnerabilidade em que os guianenses estão sujeitos: a condição de moradia após a chegada em Boa Vista.

Não, porque eu morava num quintal assim, né? Não, era um apartamento, e tinha guianenses lá e tinham brasileiros também. [...] Mas então choveu, alagava tudinho! Eu disse: Bendito seja! Esse é o lugar que o meu pai procura! (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

Aqui se observa a forma como estas pessoas começam a se estabelecer no Brasil, moradias precárias e meios alternativos de sobrevivência cotidiana. Este fato também é identificado em pesquisas de Souza (2008) e de Rost (2009) que identificam o grupo guianense como morador de áreas periféricas em novas e antigas invasões na cidade de Boa Vista.

Outro ponto de vulnerabilidade no convívio com a localidade hospedeira é o idioma do migrante e o processo de aprendizado da língua falada na localidade hospedeira. De acordo com DeBiaggi e Paiva (2004) o aprendizado do idioma da localidade hospedeira é percebido como meio de sentir-se seguro e começar a estabelecer relações com os brasileiros, a percepção para os migrantes é de que se forja mais laços de familiaridade com a localidade hospedeira após a superação deste entrave.

Rost (2009) identificou durante pesquisa que as mulheres guianenses entrevistadas e seus companheiros têm como um dos principais obstáculos à barreira linguística. A autora informa que mesmo após o início do aprendizado novos obstáculos se interpõem com a existência de discriminação devido o sotaque dos migrantes. No entanto, um ponto ainda mais precário é a constatação de que a maior parte dos guianenses que veem residir em Roraima

não tem conhecimento do idioma, alguns sabem falar e compreender poucas palavras do português.

A experiência de não saber a língua aprofunda sentimentos de estranhamento e solidão, é patente nos discursos que encontrar espaços de apoio e ensino foram difíceis, mesmo juntos aos familiares que já haviam se estabelecido no país. Ao mesmo tempo é importante pontuar que, nos diversos espaços percorridos durante a execução da pesquisa, o sentimento de orgulho e o apego ao idioma nacional sempre esteve presente.

Mesmo quando possuíam familiares brasileiros identificou-se durante a pesquisa que ao vir para o Brasil os guianenses não sabiam falar o português, que o aprendizado se deu com auxílio dos familiares que aqui residiam e também através da escola, empregadores, livro bilíngue e televisão. Como foi este processo para os interlocutores podemos averiguar através da fala a seguir:

Aí eu passei muito tempo muda, muda! Logo no início quando eu morava com as pessoas. Com a minha irmã, ela falava inglês e eu num aprendi nunca o tempo que eu passei com ela! Aí foi ouvindo, assistindo televisão, assim e aos poucos a gente vai. No início foi muito difícil! Pra falar uma palavra era sim ou não. E era as palavras que eu tinha, mas o resto eu ficava o tempo todo muda. E eu morava numa casa, era o doutor e a esposa dele e um garotinho, aí eles passavam o dia fora eu ficava ali sozinha, mas com muito tempo depois eu aprendi a falar o português. Mas eu achava ruim, não tinha com quem falar e eu achava ruim demais! Mas só assistindo televisão e ouvindo as pessoas falar e assim eu não tinha quem me ensinasse nada. Ninguém tinha essa paciência toda, cada qual das minhas irmãs vive a vida delas, e elas não era muito de me chamar pra dizer assim Eu vou te ensinar nem nada. Aí foi assim que eu aprendi o português, por isso que tem muitas palavras às vezes eu tô conversando com alguém e morro de vergonha, porque eu sei que às vezes eu falo errado. Até às vezes quando vou conversar com alguém na internet, assim, com meus. Que eu tenho uma irmã nos Estados Unidos, assim, eu tenho muitos primos lá. O inglês tudo bem, eu comunico direitinho com eles, mas tem as outras pessoas que fala português, às vezes eu tenho algumas amigas no *Face* (*Facebook*), aí fica difícil, você vai escrever uma palavra errada aí fica morrendo de envergonha! (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Com relação às experiências de emprego observa-se que todas iniciaram a vida de trabalho ainda adolescentes sendo que a partir do momento em que vieram para o Brasil, os primeiros trabalhos foram como doméstica e/ou babá, vendedores ambulantes e através familiares que já residiam em Boa Vista, destaca-se que todas as interlocutoras da pesquisa relatam que em algum momento no início de sua vida no Brasil, moraram na residência de empregadores brasileiros, posteriormente, quando construíam família mudavam de emprego ou de dinâmica de trabalho, dividindo o tempo entre a sua residência alugada, cedida ou própria e o local de trabalho.

Quando se discutem as dificuldades enfrentadas devido os inúmeros dispositivos sociais existentes, principalmente referente aos contatos estabelecidos com os brasileiros no escopo das relações de trabalho que são usadas como pretexto para uso de estratégias que exigem a submissão do migrante e a sua transformação em um “outro” que adquire características subalternas e distantes do que se considera humano. Na narrativa abaixo se pode visualizar uma situação de vulnerabilidade e de resistência que os migrantes podem vivenciar:

Entrevistadora: Mas você trabalhou enquanto você estava grávida?

Anne: Trabalhei. O primeiro emprego. Eu passei dois semanas eu acho em casa. O primeiro emprego até hoje, vinte e sete anos e alguns meses depois, eu não recebi esse pagamento. Pois é. Meu pai conseguiu esse emprego com uma amiga né? Menina, eu não toma café! Eu acho que ela pensava que eu queria explorar ela com leite ou com açúcar, porque chegar assim e diz. Nem que seja água gelada eu toma. Porque eu vi que ela não queria. E quando ela deixava leite, eram dois dedos assim naquele copinho de extrato de tomate? Dois dedinhos e dois biscoitos. Grávida! Eu limpava a casa, cuidava da filha, lavava roupa, ela colocava calcinha dela, eu pegava um pedaço de pau. Aí eu falava em inglês: Eu não vou lavar a calcinha! Eu não vou lavar a calcinha de ninguém! e tirava a calcinha. Quando ela chegou do serviço pegou tudinho e eu sorrindo no coração. [...] Eu trabalhei quarta, quinta, sexta, sábado. Eu escrevi uma carta pra ela. Eu não falava! Sabia poucas palavras, né? Eu tinha um livro em inglês e português. Eu dei uma carta pra ela: Olha, eu quero ir para a minha casa! E ela ligou pro meu pai: Sua filha não fala português. mas ela escreve muito bem, né?! E ela olhou pra mim e disse: *No have money, no have money!* Tudo bem, depois o pai pega. Ela disse que ia pagar, mandar com meu pai. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

A partir desta dinâmica esta relação de trabalho verifica-se que o oportunismo, a exploração de alguns por um lado, e desconhecimento sobre direitos, de outro, que é constante e só se aprofunda quando se estuda mulheres migrantes que trabalham em serviços domésticos ou outras atividades consideradas subalternas. Muitas vezes, esta é a única oportunidade para aqueles que chegam “sem lenço, sem documento e sem nada no bolso ou nas mãos” como diz Caetano Veloso (1967), para iniciar uma vida supostamente “nova” como relata Marta.

É uma das formas mais rápido de conseguir uma renda! Porque se eu sou cabelereira não podia abrir um salão, porque ninguém me conhece! Então eu ia tá gastando e não ia ter retorno. Pelo menos quando eu vim, não tava bem formada a minha profissão. Então você tem que começar, engatinhar de novo, até você ter... Você vem pra fazer uma coisa, ter um objetivo. [...] Na minha época veio uma professora que lá (na Guiana) ela era professora, mas aqui a gente estudava no supletivo e ela morava numa casa onde ela morava e trabalhava. Então ela tinha o objetivo! Mas infelizmente ela não ficou mais, ela foi embora. Aqui ganhava mais naquela época também. (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 08/10/2013).

Neste trecho da narrativa a interlocutora diz que o emprego doméstico é a principal fonte inicial de renda das migrantes guianeses e, de acordo com a sua opinião, a escolha por esta atuação profissional ocorre devido à reduzida qualificação profissional à necessidade de uma fonte de renda imediata no Brasil. Somado a isso, a dificuldade da língua que fecha outras possibilidades de emprego, como o de vendedoras, secretárias, professoras, empresárias, entre outras.

Segundo Enriquez (1998) a proximidade com o diferente, incita inúmeros conflitos, pois estabelece um laço social trágico obrigando o Eu a reconhecer que há um limite (o Outro) para a satisfação dos desejos. Destaca que: “O outro é sempre suspeito, de querer nos invadir, introduzir-se em nosso interior, usufruir-nos, tornar-nos culpados, provocar-nos a vergonha, a dúvida [...] É mais fácil não ter medo do outro quando o dominamos” (ENRIQUEZ, 1998, p. 37-38).

A ameaça que o “outro” provoca e os mecanismos criados para exclusão e dominação se fazem ver nas relações interpessoais e também na dimensão estrutural, através das políticas, dos planos econômicos e culturais que carregam a ideologia do etnocentrismo, violência e inferiorização (BENÍTEZ et al., 2010).

É importante ressaltar que além das questões relacionadas ao status de migrante, a aparência e cor da pele também são fatores anunciados como barreira para que sejam tratados como cidadãos plenos, os guianenses revelam por meio das narrativas que a sua humanidade é, muitas vezes, sutilmente ou não, questionada devido crenças ideológicas relacionadas à inferioridade inata do negro em relação ao branco.

Cunha e Gomes (2007) constata que em inúmeros Estados nacionais em que os negros vivenciaram a escravidão permanece sob os seus descendentes o peso da exclusão e desumanização, que acabam por determinar a rota que guia as suas vidas desde as condições de moradia até o tipo de relacionamentos e profissões a que terão acesso.

Fernandes (2007) compreende que no Brasil as desigualdades se apresentam a partir de um componente racial relevante, que a falácia da democracia étnica é um mito operante nos espaços coletivos, o que significa quando muito, a ausência de tensões abertas e de conflitos permanentes. De acordo com este autor, ocorre que, apesar da extinção da escravidão, os padrões tradicionais de ordem racial pouco foram afetados, e que a existência de uma tendência a considerar o “preconceito de cor ultrajante”, pautando-se num ideal de moral cristã que impede a sua prática aberta nos espaços coletivos, permite a sua prática encoberta.

Geralmente, os mecanismos desenvolvidos para controlar os grupos que desencadeiam a percepção de ameaça se associam à violência, exclusão política, exploração econômica, controle da sexualidade, controle cultural e fragmentação social (GARCÍA-RAMÍREZ et al., 2006). De acordo com Souza (2009) as condições socioeconômicas e emocionais que permitem a participação no processo de competição social são negadas a esta “ralé brasileira” desde o nascimento, o que exclui a ideia de que existe algum tipo de conquista apenas por meio do mérito individual.

Constata-se que a maior parte da população brasileira negra se habituou à continuidade da marginalização e sentimento de vergonha coletiva que permaneceram com o fim da escravidão através de um racismo dissimulado, e assim, os impulsos de segregação e as barreiras de cor apontam como último recurso para a possibilidade de obter maior tolerância e visibilidade a escolha pela miscigenação (FERNANDES, 2007).

Questionada acerca de situações em que vivenciou o preconceito uma das interlocutoras informou que nas duas situações em que se sentiu aviltada, principalmente porque as duas ocasiões mencionadas envolvam a agressão partindo de “crianças”. Assim, além dos episódios de preconceito e exclusão encontrados em outros trabalhos publicados sobre migrantes guianenses, voltados para situações de trabalho e convívio com adultos, também entre crianças e adolescentes pode-se encontrar a ressonância dos discursos e representações construídas em torno do migrante negro (CROCHÍK, 2006).

Mais do que a caracterização como migrante, é a cor da pele que influencia no medo do sentar perto ou no desprezo, chegando ao ato de cuspir no rosto, comportamento que revela a profundidade do preconceito de cor existente na sociedade brasileira que é exibido inclusive por crianças que provavelmente ainda não haviam sido treinadas para encobri-lo através da fachada de superioridade e desprezo.

Assim, o preconceito compartilhado com os seus cuidadores, que através de processos conscientes e inconscientes lhes transmitiram, é carregado de ideias associadas a ameaça e inferioridade, o que permite que inclusive uma “criança” se perceba possuidora de recursos suficientes para ataca-los.

Rapaz! O pior que o que aconteceu é que uma criança cuspiu em cima de mim! Foi! Mas eu e ele tava num ônibus e eu olho pra essa criança e disse: “Se fosse na Guiana você ia engolir os dentes tudinho!” O outro aqui no Bonfim. Ele entrou (no ônibus intermunicipal) o passagem tinha uma senha. E eu era pra sentar pertinho dele e ele fez o maior escândalo! Ele tava viajando sozinho. A mãe e o pai do lado de fora, ele estava com mais ou menos 12 anos. E ele fez o maior escândalo! Chamando a mãe porque eu ia sentar do lado dele. “O que ela tá fazendo contigo?” A mãe lá fora gritando. Eu olhei pra ela e falei: “Não, porque ele tá sentada aqui pertinho de mim”.

“E por quê?” (a mãe questionou) “Não, olha senhora, olha a minha senha e olha a dele. Se ele não quer, pode se retirar! À vontade!” Eu falei assim. “Eu não vou me mexer não, ele pode sair! Porque eu não come, eu não sujo ninguém!” Eu falei pra ela assim e ele baixou a cabeça. Eu disse: Rapaz, eu não vou comer teu filho não! Eu não sou canibal!

Entrevistadora: *Mas aí, ele viajou lá do teu lado?*

Viajou. Ele levantou e afastou, porque ele não ia levantar não. Eu paguei. O coisa que ele disse é: Não, eu paguei!. Parece que eu estava viajando de graça. Eu disse: Tu pagou? E eu fiz o quê? Pedi um favor? Eu não sei não! Eu sentei e ele tava pedindo pra mim afastar. Não sai!

Entrevistadora: *E em Boa Vista? Você falou que a criança cuspiu em você?*

Cuspiu. Era ônibus do Caçari. Eu tava no Ville Roy, eu não sei se tu conhece o Canecão, antiga Canecão. Pois é, eu era garçõete lá. E eu desci do ônibus. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

Como a gente mora aqui no Brasil e já tem outra cultura aqui, é mais pessoas branca, então eu consigo enxergar uma grande diferença. [...] Às vezes tu entra num lugar, aí eu sou guianense né? (Steve aponta para a pele negra) [...] Uma vez quando eu era moleque, eu tava indo na feira ali do Produtor, aí eu tava andando de bike, aí sem querer minha bicicleta pegou numa senhora. Não sei se era filho ou marido, aí esse cara começou a me chamar de nego. “Seu nego! Seu nego não sei o que!” Só que eu era moleque né, eu fiquei até assustado né, mas se fosse hoje em dia eu tinha parado e acertava as conta com ele tranquilo. [...] Tem preconceito, todo mundo tem né, todo dia tem, as pessoa não vai chegar e às vezes o preconceito não é nem porque se é negro, é porque às vezes o trabalho que tu faz, a forma de tu se vestir, essas coisa. [...] Eu sempre fui sério com as pessoa, nunca tirei graça, essas coisa, sempre fui respeitado, mas o preconceito eu acho que todo dia rola, sempre rola, toda hora (Steve, 22 anos, entrevista realizada em 11/10/2013).

A ambiguidade da fala de Steve que ao mesmo tempo em que se refere a ser respeitado, também indica que o preconceito é algo constante e direcionado para inúmeros elementos que o caracterizam, pode relacionar-se a quebra progressiva da sua autoconfiança e é um escape para fingir que tal agressão não é cometida contra si cotidianamente e assim, afastar-se de uma realidade intragável.

Nas falas acima se pode identificar nas narrativas selecionadas que convergem para a ação de uns e omissão dos que presenciaram a situação e nada fizeram para questioná-la, verifica-se que além de se impor contra as adversidades suscitadas devido à condição de migrante, a cor negra influencia significativamente no estilo de acolhimento que lhes é oferecido.

Identifica-se, portanto, que nas relações que se estabelecem no Brasil, não só a situação aquisitiva, mas a cor da pele, também, funciona como parâmetro de aceitação ou rejeição, nos espaços coletivos de consumo as pessoas brancas não se veem preparadas para conviver, residir e consumir em condições semelhantes, daí surge, por exemplo, as circunstâncias de discriminação em lojas onde são aconselhados a comprar algo mais barato, onde não são atendidos ou onde são hostilizados por serem identificados como possíveis responsáveis por roubos (KALY, 2007).

Compreende-se que o discurso politizado e identitário dos guianenses quanto à negritude subjaz a experiência de ser proveniente de um país onde uma maioria negra rebelou-se contra a escravidão, que participou do processo de conquista da independência e que possui bastante influência no destino país, assim como na existência de disputas étnicas que permeiam os diálogos estabelecidos no cotidiano da população guianense. Sobre a realidade racial brasileira Cunha e Gomes (2007, p. 135) destacam que “Numa sociedade em que cada tonalidade da cor da pele é uma ilha com fronteiras, algumas vezes temidas, atrativas e até opacas, os da cor preta ocupam ilhas as mais inóspitas para uma vida saudável, pois a ligação com as outras ilhas é irregular e de mão única”.

Segundo Benítez et al. (2010) viver oprimido por mecanismos limitadores, que atacam a identidade a todo o momento, pode ter como reflexo a prisão dos migrantes ao sentimento de inferioridade e impotência, ou ainda, a resistência alicerçada no reconhecimento da necessidade de operar mudanças por meio da ação individual e coletiva. Souza (1998) desenvolve discussão em torno do desconhecido e do duplo modo de agir ao contatá-lo; o primeiro relacionado à categorização e à estereotipia e, o segundo, baseado na percepção quanto à existência do conflito inerente ao contato com o novo e também à possibilidade de ressignificação de categorias e experiências.

Segundo Ferreira (1999), muitas vezes, estereótipos são atribuídos aos migrantes como forma de justificar a discriminação e exclusão efetivadas e tornar este comportamento naturalizado e como sinônimo de “preservação do status quo” da localidade de destino. Souza (1998, p. 155) afirma que:

O estrangeiro, diz o senso comum, é o outro. Outro que se afirma em muitos sentidos: outro país, outro lugar, outra língua, outro modo de estar na vida, de fruir, de gozar. O estrangeiro é o outro do familiar, o estranho; o outro do conhecido, o desconhecido; o outro do próximo, o distante; o que não faz parte, o que é de outra parte.

Quanto à construção de estereótipos sobre os migrantes, Neto (2005) informa que este grupo ora é um inútil, associado à insegurança social e política nas sociedades desenvolvidas, ora é um facilitador do estilo de vida da sociedade, à medida que preenche as vagas dos subempregos existentes no mercado informal e segmentado.

No entanto, este mesmo autor expõe que não se discutem outros pontos essenciais nos estudos das migrações: as agressões xenófobas, a não aplicação de legislações que os favoreçam, as máfias que os exploram, ou mesmo as possibilidades de empoderamento para

esta população. Valdés e Olmos (2010, p. 81) destaca a importância de discutir mudanças, deter-se sobre as condições de vida reais destes grupos e questiona:

[...] cuáles son esas necesidades comunes a todos los seres humanos y que nos distinguen, precisamente, como ‘seres humanos’, o incluso que permiten ser ‘humanos’, en un progresivo camino de personalización, empoderamiento, autorrealización y co-realización?

Trata-se, portanto, de abrir-se à existência de modelos e valores alternativos, importantes para os migrantes. Pressupõe a existência de espaço para sair da situação invisibilização para a condição de atores políticos, construindo processos de reafirmação, para recuperar a dignidade e ter convivência equilibrada entre as diferenças que habitam os mesmos espaços (DIAZ-POLANCO, 2006).

2 O PASSADO E O PRESENTE EM CONJUNÇÃO: AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO BRASIL E OS COTIDIANOS VIVIDOS EM BOA VISTA

2.1 SONHOS, OBJETIVOS E FAMÍLIA: MOTIVOS PARA OS DESLOCAMENTOS

Identifica-se a necessidade de um novo modo de analisar as migrações contemporâneas, de forma que se considere a realidade dos países emissores e dos receptores de migrantes sob o efeito das questões que envolvam fatores psicossociais assim como a globalização e economia. A esse respeito, Ribeiro (2012) assinala que é necessário examinar as características da comunidade transnacional a partir de dimensões de espaço-público-virtual, das identidades sociais e étnicas constituídas e das diferentes formas de estabelecer vinculações.

Um dos alvos de investigação acerca da migração são os motivos presentes para a realização do deslocamento, lembrando que há aqueles que, muitas vezes, recebem destaque e outros que estão subjacentes à fala dos entrevistados. Inicialmente é importante destacar que a migração em seus múltiplos contextos e categorias (temporária, permanente, imigração, emigração, movimento transnacional) tem caráter processual e surge a partir de determinadas condições materiais e simbólicas que subsistem desde a emergência das situações que desencadeiam a construção de projetos migratórios até cotidiano vivido na sociedade hospedeira (OLIVEIRA, 2006).

No caso do guianense Jack os motivos que contribuíram para o deslocamento foram relacionados principalmente à conjuntura socioeconômica da Guiana que já durante os anos de 1970 experienciava uma crescente migração de sua população. Este interlocutor, que possuía condições de vida associadas à classe média daquele país, relatou que, durante a sua adolescência e início da vida adulta a maior parte dos conhecidos de seus pais e dos seus amigos migraram para outros países tais como EUA, Canadá, Costa Rica e Reino Unido. Afirma que o desejo pela migração também existia no seu grupo familiar, apenas não havia a escolha por um Estado nacional específico.

[...] depois que a gente ganhou independência da Inglaterra (1966), aí o partido político que governava era um líder negro é PNC (*People National Congress*) e a gente, os brancos, se sentiram um pouco assim acuados e, existe racismo não é só os brancos contra os negros, como os negros também quando estão no poder contra os brancos e outras raças e etnias, e a maioria dos brancos foram embora para os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, então sobraram poucas pessoas. (Jack, 59 anos, entrevista realizada em 29/10/2013).

No contexto das profundas dificuldades enfrentadas pela Guiana nos anos 1970, 1980 e 1990, grande parte da população pensava o país como um lugar de *sonhos perdidos*, e uma parcela significativa tinha a percepção da migração como a única alternativa de para a obtenção da qualidade de vida. Além do contexto sociopolítico que contribuiu para o deslocamento dos migrantes, o Brasil, assim como outros países como os EUA, Canadá e Ilhas Caribenhas foram visados, nesta conjuntura, como um *lugar dos sonhos possíveis* (SPOSITO, BOMTEMPO E SOUSA, 2010).

Sakurai (2010) relata que o sonho e a esperança de uma vida melhor são os motores para mudanças a lugares longínquos e desconhecidos. No entanto, muitas vezes, a distância entre o sonho e a realidade materializa-se nos obstáculos relacionados ao aprendizado do idioma local, a procura por emprego, as moradias precárias, e os conflitos que ocorrem durante a convivência com as pessoas na localidade hospedeira, que acabam ameaçando a permanência do migrante na localidade de destino.

Segundo PNUD (2009), a mobilidade internacional, que já foi predominantemente em longa distância, atualmente acontece com maior frequência entre países com níveis de desenvolvimento semelhante. Fato que pode ocorrer devido aos custos desta mudança, a necessidade de recursos e qualificação, a determinação para correr riscos e as limitações legais que as localidades de destino impõem. Também prevalece a organização para o deslocamento em regiões adjacentes ou fronteiriças, com aspectos socioculturais semelhantes.

Sasaki e Assis (2000) esclarecem que no estudo dos deslocamentos internacionais, é cada vez mais central a investigação das múltiplas relações que ligam os migrantes nos locais de origem e destino. Parte-se do pressuposto que os deslocamentos contemporâneos não se limitam à ordem econômica ou puramente individual, mas possuem outros elementos determinantes como a estruturação de redes. Fazito (2002, p. 4) afirma que:

A análise das causas do processo migratório pode ser enriquecida através da compreensão de padrões relacionais que compõem um sistema social ao demonstrar como atuam, sobre os indivíduos e grupos (como as famílias), as pressões de determinadas estruturas sociais; ou ainda o inverso, de como processos migratórios consolidados ao nível institucional (como as migrações laborais) podem estancar devido à não adequação de atores aos padrões de um sistema específico.

Ao se avaliar a dinâmica migratória dos guianenses no globo, o Brasil também é uma das saídas para aqueles que não possuem condições para se deslocar para outros países como Canadá, Estados Unidos e países do Reino Unido que são indicados como os principais destinos do grupo guianense. A proximidade territorial e a existência de redes familiares

fazem com que a escolha permita uma volta ao país de origem. Observa-se por meio das narrativas dos interlocutores da pesquisa que os guianenses que migram para países considerados de Primeiro Mundo, países nomeados como desenvolvidos, poucas vezes retornam e é comum a dificuldade para manter contato.

A decisão pelo deslocamento se dá principalmente devido a três motivos, respectivamente: o desejo de obter dinheiro e enviá-lo para a família; a necessidade de obter trabalho que possibilite a sobrevivência e, em terceiro, a hierarquia e a mobilidade social, ou seja, a existência de possibilidades de aumentar o nível socioeconômico (TORRES et al., 2007).

Quando se compara como o que foi mencionado pelos migrantes guianenses entrevistados se observa que a dinâmica do deslocamento dos interlocutores, além dos aspectos pessoais, envolve também a necessidade de obter trabalho para custear a nova vida na localidade hospedeira como se pode visualizar nas narrativas abaixo:

O que aconteceu é que minha irmã ela casou com um brasileiro que tinha ido lá em Georgetown pra tirar sua licença de piloto e ela conheceu ele lá e acabaram se apaixonando e se casando, e vieram pra cá. Então ela veio com ele, aí passou a morar aqui e nunca mais voltou pra lá. Alguns anos depois, eu acho que isso foi em 64, uns dois anos depois veio o meu irmão mais velho, foi chamado por ela, disse que aqui tinha condições. A vida na Guiana já não era tão boa, as coisas estavam começando a ficar difícil, então ele veio, acabou ficando também, se empregou se naturalizou, casou tem filhos e tudo e ele que me chamou pra vir aqui, quer dizer, eu vim pra passear, ele que me convenceu a ficar [...] (Jack, 59 anos, entrevista realizada em 29/10/2013).

Eu acho que a vida aqui é um país melhor do que lá, porque eu acho que lá assim não tem muito emprego, tem emprego, mas é difícil e o salário que eles paga é muito pouco, não compensa, então. Por isso que eu acho que muitas pessoas vem de lá, devido isso aí né? Que eles arrumam emprego e o salário é melhor, com certeza que aí acaba ficando aqui, não volta lá, porque lá não. (silêncio) (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Um dos motivos determinantes para o interesse em se deslocar para o Brasil é a existência de familiares já residindo em Roraima e a possibilidades de emprego melhor remunerado que na sua localidade de origem. Ressalta-se que em poucos momentos os interlocutores falaram sobre as condições de trabalho na Guiana como sendo melhores do que no Brasil. Há que se considerar que quando cumprida as leis trabalhistas vigentes os trabalhadores, desfrutam de vários direitos que não são aplicados na Guiana. Isso apenas reforça o fato de que estes trabalhadores, em sua maioria, estão situados em mercado de trabalho secundário tanto na localidade de origem como na localidade de destino, onde muitos empregadores aproveitam-se da necessidade premente dos guianenses e acabam exigindo

atribuições que não exigem dos trabalhadores locais.

Autores como Torres et al. (2007) verificam que problemas relacionados à necessidade de empregos e de ter bons resultados para financeiros que representem mudança socioeconômica para si e os que estão junto de si, e isso afeta tanto homens quanto mulheres e faz com que os deslocamentos-sejam realizados por ambos. Os autores também relatam que são as mulheres, em suas localidades de origem e de destino, quem geralmente aceitam, os trabalhos precarizados que envolvem as atividades de lavar roupas, vendas ambulantes e trabalho doméstico acumulando as tarefas domésticas que lhe são atribuídas em casa.

No que diz respeito à motivação particular é possível afirmar os fatores presentes na dinâmica social migrante e também na sua subjetividade são elementos determinantes para efetuar o percurso até Roraima. A partir da narrativa de Anne identifica-se que a motivação foram os conflitos familiares, as concepções morais e o controle familiar:

Porque eu engravidei com dezoito anos, minha irmã com dezessete olhou pra mim e disse: Olha, se você quer ser da família tem que fazer aborto! Foi! Minha mãe juntou com ela também. A minha cunhada disse: Não, fica com o teu filho, porque é o primeiro, você não sabe se abortar se vai ter mais. Então se eu ficasse com a criança eu tive que sair da casa, se eu fiz aborto podia ficar como tal. Eu escolhi pra sair, sorte mesmo que. Eu não queria vim pro Brasil realmente. Meu pai é brasileiro. (silêncio) [...] E meu pai, naquele época, ele tava aqui no Brasil e ele foi lá e minha mãe conversou com ele então. E ele disse: Não, então eu vou levar ela lá pro Brasil. Então com dezoito anos, com um bucho, eu veio pra cá. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

Sposito, Bomtempo e Sousa (2010) afirmam que o *lugar da felicidade* e do *projeto de vida* pode mudar com o passar do tempo, ou seja, o que simboliza o objetivo, a felicidade, a vitória muda de acordo com as experiências vivenciadas cotidianamente e de acordo com o contexto dos diferentes “lugares” em que o migrante está inserido. Neste sentido, desde um conflito familiar até a ocorrência de crise econômica e aumento dos índices de violência urbana influenciam no direcionamento dos fluxos e envolvimento individual na construção de planos de partido e de retorno. De acordo com Sayad (1998, p. 57):

[...] só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental etc.), ao qual se pertence “naturalmente” ou do que se é “natural” para usar uma linguagem próxima da linguagem jurídico-política da naturalização (ou melhor, dizendo, da naturalidade); só se aceita viver em terra estrangeira num país estrangeiro (isto é, imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução.

Sobre as narrativas que revelam o desejo de retorno à Guiana apesar de já ter

ocorrido tentativas de retorno que fracassaram e exigiram a volta para o Brasil ou o deslocamento para outro país, às dificuldades socioeconômicas que a Guiana enfrenta é quase sempre a justificativa para que permaneçam em Roraima. Os migrantes afirmam que encontraram em Roraima a possibilidade de viver com tranquilidade e buscar seus objetivos de uma vida melhor.

De acordo com Sakurai (2010), o sonho da boa fortuna e de segurança econômica para garantir estabilidade e fortalecer os envolvidos na migração no seu desejo de retorno vai progressivamente se desfazendo, pois os migrantes passam a perceber que a oportunidade de realizar esta aspiração não é viável no país de origem e sim no de destino. No contato com diferentes culturas o migrante fica susceptível às mudanças, pois trocas são estabelecidas, e os envolvidos não ficam estáticos nesta dinâmica. O sonho do retorno também é comprometido por essas experiências que trazem novos projetos e anseios sem mesmo se darem conta, ou seja, o sonho de viver a mesma vida no país de origem após um período no Brasil lhe é arrebatado progressivamente.

Outro ponto importante ao se discutir sobre o fluxo migratório dos guianenses para o Brasil é a existência de redes familiares, mais especificamente, relacionado à circulação de mulheres, principalmente, de irmãs, primas e sobrinhas que veem para Roraima com o objetivo de ajudar e serem ajudadas por seus parentes.

A noção de que o grupo familiar é dinâmico, permite alianças objetivas e subjetivas, o que se mantêm pelo compartilhamento de costumes, memórias, afetos e visões de mundo. Permite o entendimento da *família como rede*. A família para Sarti (2011) é como uma rede guiada pela lógica de obrigações morais e coletivização de responsabilidades, com origem e manutenção mais relacionada à confiança e convivência do que a uma ligação consanguínea, sendo assim, “[...] são da família aqueles com quem se pode contar que retribuem ao que se dão aqueles, portanto, para com quem se tem obrigações. São essas redes de obrigações que delimitam os vínculos fazendo com que as relações de afeto se desenrolem.” (SARTI, 2011, p. 85).

A definição de família enquanto uma rede de pessoas associadas pelo afeto, comprometimento e suporte aos seus membros é compartilhada por Almeida, Carneiro e Paula (1987), que se refere a ela como uma rede de relações que também se constrói na convivência intensa e longa, onde se compartilha afetos e consubstancialidade, constituindo-se como um valor, um ponto do sistema que faz parte da existência social.

Dentre os participantes da pesquisa constatou-se a importância da rede familiar para sustentar a decisão e o projeto migratório. As narrativas sobre os migrantes que dão suporte

para que os familiares, principalmente mulheres, possam vir para Roraima e obter moradia e emprego auxiliando no aumento do fluxo de pessoas entre o Brasil e a Guiana são comuns. A migração por meio de redes sociais constitui-se em um importante mecanismo migratório da Guiana para o Brasil, em especial, as redes de familiares.

Quanto à circulação das mulheres no espaço social transnacional, Buznego (2002) diz que é recorrente que as filhas solteiras vivenciem um processo de negociação que se dá entre suas mães, pais, irmãs, primas e outros familiares casados que residem em outro país e precisam de ajuda para executar as atividades domésticas e exercer função de cuidado familiar. Este autor também diz que são cada vez mais significativos os fluxos de mulheres que se deslocam com projetos independentes e que aproveitam a existência desta rede familiar para concretizar seus projetos migratórios.

O apoio local de membros da família é essencial na chegada, este subsídio envolve tanto o suporte financeiro para o deslocamento, o acompanhamento na migração e o apoio na residência do familiar em Roraima. Geralmente, no caso dos guianenses são familiares mais próximos como mães e pais, irmãs, tias e primas. O relator de Mary demonstra muito bem esta fase da trajetória migratória.

Vim pra cá com a minha irmã. Que ela já morava aqui há muitos anos, e quando ela foi lá com os meus pais ela me pediu pra morar com ela, aí foi eu vim com ela morar aqui em Boa Vista. Aí com o tempo é que eu sai da casa dela e fui morar com as pessoas, assim eu fui conhecer as pessoas e trabalhar na casa das pessoas, trabalhava em casa de família [...] Ela já era casada não sei, se eu tinha 16 ela já tinha umas 28 anos por aí, como ela já era casada. A maioria delas era casada com pessoal daqui, ou então com o pessoal daqui que vem de fora, casada com brasileiro (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

O auxílio ao familiar trata-se de trata-se de um dever moral que envolve tanto a participação dos irmãos mais velhos na criação dos mais novos, como o pagamento dos custos da viagem. Isto gera um dever de gratidão com aquele familiar que lhe trouxe e deu-lhe oportunidade.

Como relata Buznego (2002), assim como durante parte da vida foram exercidas funções de cuidado por determinado parente, posteriormente espera-se a retribuição, por exemplo, cuidar dos filhos do parente. Espera-se uma relação de troca que muitas vezes é realizado por meio de cuidados dos filhos e da unidade doméstica, enquanto a familiar se insere em empregos e trabalhos disponíveis para migrantes.

Assim, a vida vai se consolidando na localidade de destino, através do nascimento e criação dos filhos, a aquisição de bens, tais como casa própria, transporte, rede de clientes no

caso do trabalho autônomo, carteira assinada e direitos trabalhistas, reafirma-se os laços simbólicos com a localidade hospedeira como lugar das lutas e relações cotidianas, mesmo que a ideia de retorno à Guiana permaneça no imaginário.

Sposito, Bomtempo e Sousa (2010) asseveram que quando entre os países envolvidos no fluxo migratório vão se construindo facilidades de transporte constante, de comunicação através de meios virtuais como a internet e telefone, a regularização da documentação, além das redes que vão se estabelecendo em torno de todo o caminho que liga a localidade de origem e de destino, os imigrantes tendem aumentar o tempo de permanência no país de destino e aprofundar os laços entre os Estados nacionais.

2.2 REDES SOCIAIS E ESTRATÉGIAS DE CONTATO TRANSNACIONAIS

Salim (1992), assim como Singer (1980) e Sasaki e Assis (2000), afirmam que a migração vai além da motivação puramente econômica e indica que os laços sociais, através de redes de familiares, amigos e conhecidos, migrantes mais antigos, são um importante fator de atração. Este autor diz ainda que “a adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá frequentemente mediante mecanismos de ajuda mútua e da solidariedade de migrantes mais antigos” (SINGER, 1980, p. 240). Nessa linha de raciocínio, Póvoa-Neto (1997, p. 22) esclarece que:

A presença destas redes de contato contribui para explicar a intensidade dos deslocamentos populacionais mesmo numa situação social em que os diferenciais de renda e de condição de vida se tornam pouco perceptíveis. Tais redes se tornam forças sociais vivas, a estabelecer “pontes” entre os lugares e a permitir o fluxo de informações e de pessoas que fizeram da mobilidade geográfica a sua principal estratégia de sobrevivência.

Fazito (2002), ao analisar as bibliografias precursoras sobre a Análise das Redes Sociais (ARS) afirma que esta teoria surge nas Ciências Sociais e teve ascensão nos últimos 30 anos com pesquisas de autores como Massey (1987), Boyd (1989), Tilly (1990) e Portes (1995). É importante ressaltar que a análise da migração centrada nestes tecidos sociais proporciona uma transação entre modelos analíticos macro e microscópicos, enfatizando o protagonismo dos atores sociais (SOARES, 2002; ROCHA-TRINDADE, 1995).

Para Fazito (2002), duas dimensões nos estudos das redes sociais associadas à migração: a *rede social na migração* e a *rede migratória*; a primeira, que é um dos alvos

interesse desta pesquisa, está voltada para a perspectiva micro, na qual as ações e relações interpessoais ganham destaque, assim como a identificação de trajetórias pessoais, redes de parentesco, interação entre migrantes e não migrantes, adaptação psicossocial e outras questões relativas às dimensões sociais da migração.

A *rede migratória* caracteriza-se por uma categoria de análise macro e entende que os lugares ligados por meio de correntes populacionais constituem um sistema no qual se pode identificar padrões estruturais de deslocamento entre regiões (FAZITO, 2002). Soares (2002), por exemplo, apresenta a existência de conexões entre a rede migratória internacional e as redes migratórias internas, verificando a existência de microrregiões que estão mais ou menos conectadas pela migração interna, as que são mais centrais e os elementos garantidores de estabilidade e permanência.

Durante a pesquisa constatou-se a existência de migrantes guianenses residentes em Roraima com laços de parentesco transnacionais, principalmente com familiares em localidades distantes como nos Estados Unidos e Canadá. As forças dos laços estabelecidos dentro dos grupos familiares em inúmeras situações mostraram-se fragilizadas, principalmente devido anos de comunicação irregular que, no entanto, vêm sendo resolvidas pela possibilidade de interação através de visitas e da internet. Assim, verifica-se um processo de criação de espaços onde se constroem estratégias de fortalecimento da vinculação afetiva entre os integrantes do grupo familiar, assim como de redes e projetos migratórios.

Ao longo da pesquisa foi constante a menção à importância do *Facebook*⁵ na manutenção dos contatos à distância tanto com familiares como com amigos. Observou-se que mais do que filhos ou maridos e esposas separados pelas distâncias físicas de diferentes estados nacionais, o que caracteriza o relacionamento dos migrantes que aqui residem com os que estão distantes é a relação entre irmãos, tios, primos, sobrinhos e amigos, este fato pode ser explicado pelo deslocamento ser realizado quando se é muito jovem, após o rompimento da relação amorosa ou quando o trânsito para o Brasil é realizado em companhia do companheiro, dos filhos e outros membros do grupo familiar. Na narrativa de Mary, a experiência do reencontro com familiar, por meio das novas tecnologias em rede foi um motivo para reavivar memórias e sentimentos:

Agora essa minha irmã eu só consegui achar, por incrível que pareça, foi esse final

⁵*Facebook* é um site e serviço de rede social virtual que foi lançado em 4 de fevereiro de 2004 e permite compartilhamento de vídeos, imagens, documentos e *chat* em tempo real. Em média 316.455 pessoas se cadastram por dia e até junho de 2013 haviam 1,26 bilhões de usuários cadastrados. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/facebook/49934-10-anos-de-facebook-a-historia-e-as-transformacoes-da-rede-social.htm#ixzz30VfEx8X>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

de semana agora, porque eu procurava o nome do meu sobrinho e era outro nome! E aparecia esse menino e eu dizia que esse menino parecia meu sobrinho porque ele foi embora e a gente nunca mais teve contato, e por acaso ele foi escrevendo em inglês, que o meu filho entende bem. Aí eu tava deitada e ele Mamãe, tem um menino que tá mandando recado aqui e ele tá dizendo: “Eu acho que nós somos primos, e que você e a mamãe são (irmãs)”. Aí ele botou o nome, quando ele botou o nome dele eu disse: “Ah não! É meu sobrinho!” (diz com o tom de voz embargada). Aí eu fiquei tão alegre que eu tava doida pra falar com ela! (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Canadá, Estado Unidos, Inglaterra a gente foi perdendo contato com o passar dos anos e com esse tal de *Facebook* a gente voltou a se encontrar. Aliás, um dos meus amigos que foi embora pros Estados Unidos teve aqui em setembro, a gente não tinha se visto desde 75. Eu vim pra cá e ele foi pros Estados Unidos. [...] se não fosse *Facebook*, talvez a gente não teria... Encontrei tantos amigos de colégio, de a gente andar junto e tudo, quase todo mundo encontrei no *Facebook*. [...] e quando encontrava um, aí já me indicava outro: “Ah sabe onde fulano de tal tá morando? Aqui perto de mim não sei aonde.” Aí botava, sugeria como amigo né, aí foi acumulando, aí hoje em dia encontrei quase todo mundo. [...] A gente bate papo de vez em quando, manda fotos, troca fotos (Jack, 59 anos, entrevista realizada em 29/10/2013).

Haydar, Vélez e López (2011), Parella (2007) e Villamizar e Moreno (2011) dizem que, com a experiência migratória, a família se reconfigura por meio de estratégias que asseguram a manutenção das suas bases durante o viver transnacional. Estas estratégias de conservação da relação familiar são possíveis, principalmente, devido às remessas financeiras, ao sistema de transporte e a evolução tecnológica que permitem a comunicação frequente.

De acordo com Giglia (2001) as tecnologias da comunicação permitem criar diversas formas de considerar o espaço-tempo facilitando o contato com pessoas queridas que estejam distantes e ao mesmo tempo em que surgem em novas possibilidades de expressão dos afetos. Estes meios de comunicação que permitem a expressão de sentimentos pessoais podem mostrar relações de solidariedade e de pertencimento e o compartilhamento de informações e momentos importantes para os integrantes do grupo familiar.

Todos estes elementos geram a percepção de proximidade, mediante negociações e reorganizações constantes entre os familiares, transcendendo o plano físico e os pressupostos tradicionais, reafirmando os laços afetivos, construindo planos comuns, estratégias de cuidado e projeto de reunificação, que faz esta família permanecer entrelaçada (RINCÓN E PINEDA, 2010; VILLAMIZAR E MORENO, 2011).

A seguir se pode visualizar uma conversa entre diferentes gerações da família de Jack sobre uma fotografia que retrata o dia do casamento de uma das irmãs do guianense tirada nos anos de 1960 quando a família vivia predominantemente na Guiana, e que foi publicada no *Facebook*.

Figura 3 - Imagem da página do *facebook* de Jack após publicar uma fotografia que mobilizou vários comentários entre os familiares no Brasil, na Guiana e nos EUA.



Fonte: Jack.

Pode-se caracterizar a comunicação como um processo que implica interação na compreensão e compartilhamento de mensagens que são enviadas e recebidas influenciando e sendo influenciadas pelos afetos e contextos em que os participantes desta relação dialógica estão envolvidos. Quanto à diferenciação entre comunicação e informação temos que:

La diferencia entre información y comunicación nos parece especialmente pertinente en la medida en que la transmisión de las emociones y de los afectos tiene que ver con la comunicación mucho más que con la información. Se puede “informar” sobre una emoción, pero esto no significa necesariamente haber logrado transmitirla; las emociones se comunican, necesitan de auténticas situaciones de comunicación para ser transmitidas (GIGLIA, 2001)

É importante considerar que o acesso à internet implica em diferentes formas de estabelecer comunicação eletrônica, fazendo possível a interação em tempo real por meio de áudio e vídeo conectados ao computador, do uso de chats de redes sociais, do envio de cartões e imagens eletrônicas e do uso de correio eletrônico (GIGLIA, 2001).

A comunicação por meio da internet permite que velhas dificuldades e novos níveis de interação se estabeleçam. Pode-se considerar, por exemplo, a rapidez do e-mail que permite manter a relação quase cotidiana e ignora o temor da mudança de endereço e de

número de telefone devido diversas razões. Com a internet constata-se que independente de onde esteja o emissor ou o receptor, se houver o canal e o compartilhamento do código entre os envolvidos, a mensagem sempre poderá ser enviada e ao critério do receptor, respondida (GARÇÃO E ALDRIGHI, 1999).

El correo electrónico puede enviarse en cualquier momento, sin constituir un estorbo para el otro; llega a su destino y queda disponible para ser leído cuando el otro quiera hacerlo. En suma, el correo electrónico no sólo no depende de los espacios, sino que también puede prescindir de las diferencias en las forma de ocupación y de organización del tiempo. No necesita de la copresencia en el espacio, ni de la copresencia y de igual disponibilidad en un mismo tiempo. Paradójicamente su principal ventaja se deriva del hecho de no tener que ser interactivo. Los mensajes viajan rapidísimo, pero pueden quedarse días y días esperando una respuesta, almacenados en la memoria de la computadora, disponibles para ser contestados según ritmos y modalidades diferentes, que reflejan la naturaleza de la relación. El no exigir interacción inmediata ni simultaneidad en el tiempo y el espacio son requisitos de la máxima importancia para poner en relación sujetos transnacionales (GIGLIA, 2001).

Parella (2007) informa que são principalmente as mães que enfrentam o “*temor a las máquinas*” e iniciam, muitas vezes, a partir de um jovem intermediário a manutenção do contato através do computador. Durante esta pesquisa percebeu-se que o auxílio dos filhos é fundamental para a aprendizagem do manejo da tecnologia, ao menos num primeiro momento, mas este é apenas um impulso para a comunicação de forma independente e nela estão envolvidos tanto mulheres quanto homens.

Internet desempeña un papel importante en la consolidación de la identidad transnacional de estos sujetos, porque les permite no sólo comunicarse con sus amigos y familiares lejanos, sino también enlazarse a redes temáticas de comunicación internacional. Internet da la posibilidad de estar inserto en estos mundos y así amplía las dimensiones del pertenecer, constitutivas de la identidad social y cultural. En otras palabras, permite pertenecer a una pluralidad de mundos (o de “comunidades imaginadas”) que no necesariamente están condenados a permanecer sólo en el plano de lo virtual. (GIGLIA, 2001)

De acordo com Garção e Aldrighi, (1999) a carta traz um significado afetivo profundo e é vista como um meio em que as emoções e mensagens contidas foram escolhidas com maior cuidado, muitas vezes, confeccionada em ritual que envolve várias fases, como escolher o papel, fazer esboços do texto em um lugar específico, refletir e expor da melhor forma encontrada as emoções e quando chega ao destino, é lida relida e guardada como símbolo do afeto compartilhado.

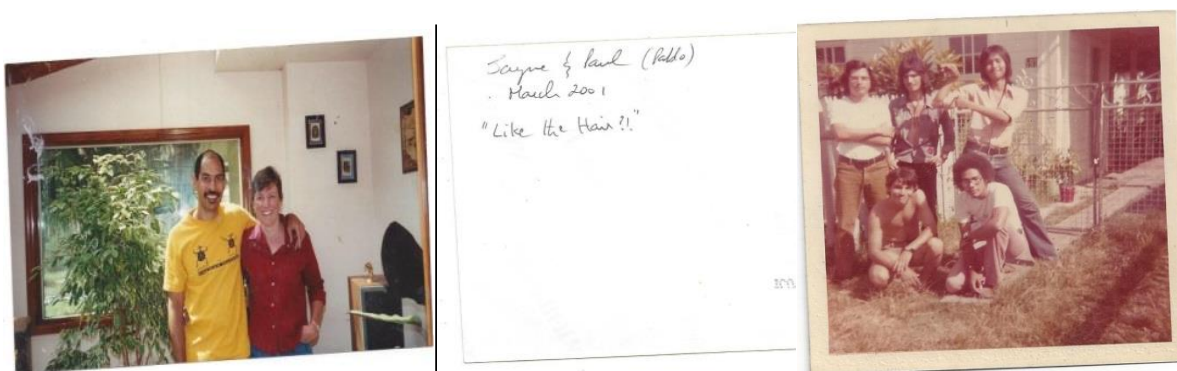
Em relação à diferença da carta tradicional e do e-mail, Giglia (2001, p. 37) diz que “Mientras sólo en raros casos se imprimen y se guardan los e-mails, las cartas se conservan

[...] La materialidad de las cartas, el haber estado en manos de la otra persona, el haber atravesado físicamente el espacio, les confiere una cualidad afectiva que el mensaje electrónico no llega a poseer”.

Abaixo, visualizamos uma das fotografias enviadas por correspondência entre Jack e o amigo Paul que migrou para os EUA e constituiu família naquele país. A segunda é uma fotografia de Jack e Paul entre amigos no período da adolescência.

Fotografia 1 - (esq.) Paul, amigo de Jack, e sua esposa americana (anverso e verso).

Fotografia 2 - Jack (em pé entre dois amigos) e Paul (em baixo à direita).

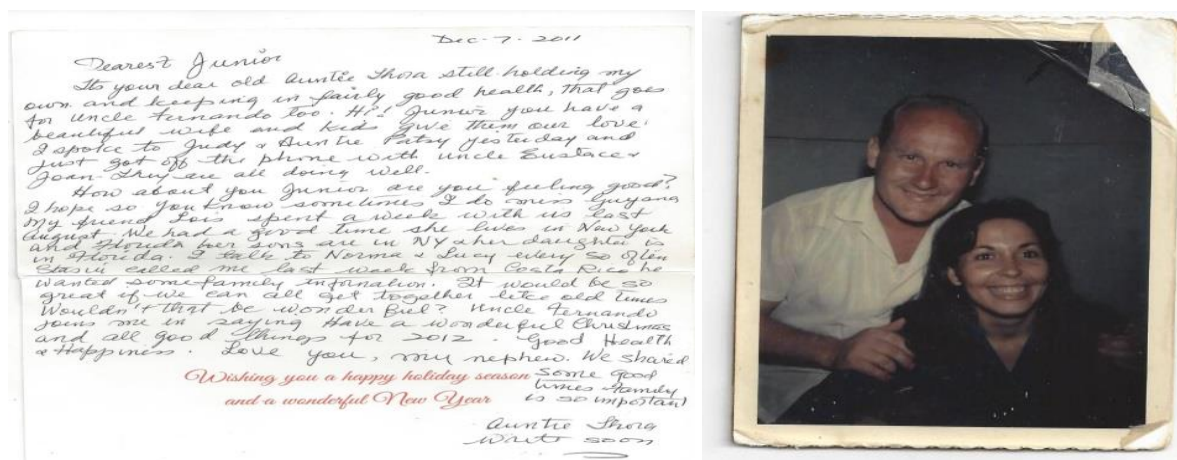


Fonte: Jack.

Fonte: Jack.

Figura 4 - Cartão de natal enviado pela tia de Jack que vive em Manchester – USA (esq.).

Fotografia 3 - A irmã de Jack e o esposo (canadense) residentes no Canadá (dir.)



Fonte: Jack.

Fonte: Jack.

Quando se pensa na função do telefone nas comunicações transnacionais é

importante considerar a percepção de quem o usa, uma vez que este meio de comunicação permite um contato íntimo e direto, embora seja mais oneroso. No decorrer da pesquisa com as famílias guianenses, por exemplo, as ligações telefônicas foram mencionadas tanto com relação a familiares no garimpo quanto em grandes metrópoles europeias e da América do Norte.

Giglia (2001) destaca que o telefonema é o meio mais escolhido para tratar de assuntos especiais, para comunicar as boas a más notícias e comunicar-se com aqueles que não utilizam a internet. Esta autora destaca ainda que é um dos principais meios escolhidos para transmitir emoções, sendo o e-mail mais usado para tratar de informações e para evitar confrontos.

Observou-se a importância dada a este meio de comunicação durante uma das atividades de campo com a interlocutora Lucy, cujo marido trabalha em um garimpo na Guiana. Há um acordo entre o casal de que este ligaria durante os domingos. Pode-se presenciar a ansiedade pela ligação e o comprometimento necessário para deixar o espaço real e a flexibilidade do real e virtual. Para Lucy, notou-se que durante cerca de 1 hora, o espaço real tornou-se aquele vivido através da comunicação com o companheiro, e assim como na narrativa de muitos outros, os contatos estabelecidos à distância criam um espaço de trocas emocionais e fortalecimento de vínculos.

Entretanto, não se comparar de forma igual às novas possibilidades de comunicação com o convívio cotidiano. Há novos meios de vivência e convivência complexos que estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas e tem espaços determinados nas relações sociais. Sabe-se, portanto, que as emoções são vividas e compartilhadas em um espaço limitado de tempo que muitas vezes não permite acionar os entes queridos à distância. A questão do significado do momento vivido para quem está no mesmo lugar e para os que estão distantes são diferentes. As pessoas podem manter contato e transmitir informações, no entanto, manter relações afetivas é outra coisa (GARÇÃO E ALDRIGHI, 1999).

Santos (1997) concorda que a rede pode ser material, e permite o deslocamento de pessoas e de itens concretos por diversos pontos (ou regiões), mas também pode ser simbólica, social e política se constituindo através da abstração e favorecendo a disseminação de informações e das conectividades. Além disso, as redes interligadas por elementos imateriais ultrapassam fronteiras estabelecidas e hoje são constantes, precisas e velozes fazendo com que as concepções de tempo e espaço sejam revisadas. Roca (2010, p. 21) complementa que:

El hecho migratorio no es un hecho individual, nadie emigra solo, emigran las redes. En todo itinerario migratorio, desempeña un papel básico la red social del inmigrante. Corresponde a la perspectiva psicosocial mostrar que no hay dos itinerarios migratorios iguales, ya que son inseparables de su propia historia [...]

Sasaki e Assis (2000) confirmam que estas teias sociais relacionam-se às múltiplas ligações que se estabelecem entre as sociedades de origem e de destino, além de se constituírem como agendas fundamentais dos estudos contemporâneos sobre os novos fluxos migratórios. Neste contexto, as autoras sugerem que outro ponto de destaque é o transnacionalismo, processo que desponta como uma categoria de análise da migração baseada nas tramas construídas em torno dos fluxos dinâmicos entre Estados-nações.

Ao se mapear a presença de familiares de migrante que moram em outros países podemos apontar, por exemplo, a migrante com uma irmã que mora no Caribe, Santa Lúcia e que tem um marido nos EUA, destacando que o plano a ser seguido é que a irmã também vá morar com o esposo nos EUA. Outro interlocutor relata sobre as irmãs que construíram família nos Estados Unidos e Canadá e também sobre sobrinhos que estão espalhados pela América Central e Caribe. Em todos os relatos, a existência de redes prévias também é usada como motivo para o deslocamento. No entanto, admite-se que a vida nos países avaliados de primeiro mundo é considerada muito difícil, pois exige que o migrante “*viva para trabalhar e se limite a isso*” como foi mencionado durante conversa informal com um guianense que se deslocou dos EUA para o Brasil.

Influenciada principalmente pelo desenvolvimento tecnológico e pela globalização, a migração passa a apresentar novas características e a fomentar estudos que tentam dar visibilidade para questões relacionadas às identidades nacionais, identidades híbridas, redes migratórias e à transnacionalidade (FAZITO, 2002; HALL, 2003; SOARES, 2002; SASAKI E ASSIS, 2000).

Segundo Ribeiro (2012), a transnacionalidade não é um fenômeno novo, mas o seu alto nível de desenvolvimento só foi possível nas últimas décadas, e está entrelaçado aos processos da globalização e do capitalismo, proporcionando um alargamento do nível de integração do planeta. Segundo o autor, a crescente dilatação da transnacionalidade atua tanto no âmbito da política e da economia como das sociedades e culturas diversas. Hall (2003) salienta que na fase transnacional que se vive atualmente os países continuam sendo detentores de enorme poder, contudo, ao todo momento precisam conciliar suas ações com as demandas das operações globais.

Essa dinâmica transnacional redefine relações preexistentes e atinge diferentes atores

sociais, inclusive os países, que influenciados pelas consequências deste fenômeno organizam ações adaptativas, como por exemplo, a (re)formulação de leis que tratam da recepção de migrantes e auxílio aos nacionais que residam em outros países; facilitação do deslocamento entre países através de medidas administrativas ou de infraestrutura; o suporte para o envio e recepção de remessas sociais, entre outros (GÓIS, 2004).

Martínez (2009) observa que o envio de remessas monetárias tem como objetivo não apenas manter economicamente os que ficaram, mas também atenuar as mudanças que se estabeleceram com a separação. Para Parella (2007) as remessas monetárias representam proximidade, compromisso, cuidado e conservação do papel na família diminuindo, assim, possíveis tensões entre o migrante e o seu grupo familiar, e atenuando a saudade e a percepção de abandono ao reafirmar os motivos da separação.

Já Fusco (2002) admite que grupos humanos em suas várias localizações no tecido social subentendem a existência de privilégios e obrigações para os seus integrantes, sendo possível observar esta ação nas redes sociais presentes nos contextos migratórios sendo moduladas por inúmeros fatores que vão desde os fatores individuais até os socioeconômicos. Este autor destaca ainda, que é visível esta teia em grupos como a família que vivencia a migração entre seus integrantes. Mesmo nas situações em que as pessoas estão dispersas geograficamente é possível criar laços através do espaço e a partir do sentimento de comprometimento e obrigação com o grupo familiar, cujos laços são reafirmados por meio dos auxílios como as remessas, compra de passagem, abrigo, obtenção de emprego na localidade hospedeira, além do suporte afetivo e contato por diferentes meios.

Lá na Guiana eles ligam, aqui eles não ligam, porque é muito caro. É muito caro a ligação internacional. Mas lá na Guiana é dez reais, você liga nem que seja pra falar um minuto. Mas eu tenho uma tia lá nos Estados Unidos, Nova York, que eu quero falar com ela, é parte da mãe, que eu falo com ela. Só que, eu só posso falar com ela de madrugada. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 20/09/2013).

Os que moram lá em Georgetown. meus primos eles vem visitar, porque assim, é difícil, depois que a minha irmã que morava lá foi embora pros Estados Unidos a gente nunca mais andou por lá. Aí eles vieram já um vez aqui, mas geralmente eles liga, sempre liga pra mim, pro fixo. (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

O que se observa nas narrativas acima é a ocorrência de um processo relacional, inserido dentro de uma ação de comunicação junto às antigas e novas tecnologias, logo, é patente que elas podem proporcionar a manutenção de laços com os familiares e o fortalecimento de redes de contato e trocas simbólicas e materiais. No entanto, como uma das interlocutoras aponta, diante das suas condições financeiras, a possibilidade de estabelecer

contato constante com os familiares que residem em outros países para alguns migrantes é precária. Giglia (2001) constata que para muitos migrantes a barreira socioeconômica é um dos determinantes para a ausência do contato à distância. Relata ainda que entre os trabalhadores inseridos em atividades informais que predominantemente envolvem o trabalho braçal, o acesso à internet e mesmo a possibilidade de manter contatos telefônicos constantes é menor.

2.3 REDES PARA O BRASIL E A “COMUNIDADE GUIANENSE” EM BOA VISTA

As conexões particulares de um migrante vão se ampliando à medida que outros atores sociais, sejam migrantes sejam personagens locais são integrados em seu campo de sociabilidade. A partir destas ligações na comunidade de destino e nas de origem, permite-se visualizar os deslocamentos, permanências e retornos considerando elementos como o mercado de trabalho, a concentração territorial dos migrantes e os fluxos migratórios.

A rede social é construída de forma coletiva e tem organização e destino ligado a contatos que ultrapassam fronteiras e tempo (FAZITO, 2002). Estas redes dar maior independência ao fluxo migratório, permitindo que os deslocamentos sejam menos susceptíveis à turbulência econômica em curto prazo. O que se pode identificar no deslocamento de guianenses para Boa Vista é a influencia de laços de parentesco, um dos componentes determinantes para dar sustentação ao projeto migratório. Fusco (2002) identificou as características das unidades domésticas e a fase do ciclo vital familiar relacionadas ao tipo e motivos associados à migração. Este autor informa ainda que:

Além de unidades de sustentação, as unidades domésticas são agentes socializadores e a base para redes sociais fundadas na família. Como agentes socializadores, as famílias transmitem valores culturais e normas que influenciam quem migra e porquê, assim como transmitem normas sobre a migração e a manutenção das obrigações familiares através do tempo e do espaço. Famílias são também, elas próprias, unidades migratórias: podem migrar juntas ou indivíduos podem sair primeiro com a clara expectativa de que outros irão mais tarde. Os dois tipos de migração representam boa parte dos fluxos para a América do Norte, Europa e Oceania. (FUSCO, 2002, p. 57)

Esses migrantes constroem outras unidades e redes de sociabilidade nos locais de destino através dos mais diversos espaços que podem ser desde a criação de associações, reunião de grupos, criação de espaços religiosos, organização de festas entre grupos e mesmo através de espaços oficiais como atividades do consulado e decisões institucionais

(SAKURAI, 2010).

No caso dos guianenses, é possível verificar que os espaços e tempos de sociabilidade começam a se expandir progressivamente após a chegada em Boa Vista, isto porque na Guiana os espaços de socialização estão restritos, seja pela maior limitação da circulação de mulheres e crianças em ambientes públicos, pela necessidade de sobrevivência que reflete no investimento mínimo no bem-estar. E após a chegada em Roraima, a manutenção de costumes, as barreiras idiomáticas e raciais, além da inserção em empregos precarizados que dão continuidade às restrições já vivenciadas na localidade de origem e que fazem com que a visibilidade da atuação do grupo guianense nos espaços sociais roraimenses, ao menos nos primeiros anos de residência, se dê de forma mais velada, ou seja, esteja restrita ao seu grupo principal de relacionamento (família, outros migrantes de mesma nacionalidade).

O interlocutor Jack esclarece acerca da forma como se dá o estabelecimento dos guianenses na cidade de Boa Vista, as redes de sociabilidade que existem e de que forma atuam no estabelecimento e obtenção de empregos por homens e mulheres que passa a residir na cidade; também se encontra informações sobre os bairros que, de acordo com o interlocutor que reside desde 1970 em Boa Vista, principalmente, Raiar do Sol e Nova Cidade que tiveram suas gêneses relacionadas às invasões de terrenos públicos e privados e posterior regularização pela prefeitura da cidade.

O que acontece é o seguinte, muitas dessas guianenses atravessam a fronteira sem documentos; [...] e eles já tem algum parente nessas bairros, então os parentes chama: Ei vem aqui, eu vou arrumar emprego pra você tá, aí tu mora comigo. Aí vai lá morar com o parente, aí arruma emprego como pedreiro não sei o que, limpar quintal; as mulheres mais é na casa de família como doméstica né, aí às vezes aparecia um terreno vazio: Rapaz, o cara tá vendendo esse terreno por dois mil reais, por exemplo né, compra, faz tua casa. Aí é assim, um chamando o outro e ajudando entre si mesmo, aí foi aumentando, e casando com brasileiros aí ficou uma mistura doída, guianense com, com brasileiro, guianense com guianense, aí misturou tudo aí, mas a concentração começou mesmo no Raiar do Sol e Cidade Nova que eu conheço né. Antes de existir isso aqui, aí tinha alguns guianense no bairro Liberdade e no Centro [...] se tu for no Raiar do Sol, eu acho que metade é guianense ou descendente. (Jack, 59 anos, entrevista realizada em 29/10/2013).

A proximidade entre os lugares de moradia acaba criando pontos de encontro onde ocorre o exercício de sociabilidade, quando os migrantes se reúnem podem amenizar agruras causadas pelo cotidiano na localidade hospedeira, trocar informações, obter notícias sobre a terra natal, além de formarem redes por meio das relações sociais que vão se acumulando. Abaixo se observa dois dos encontros ocorridos de 1990 a 1999 entre guianenses que moravam em diversos bairros da cidade. Segundo Jack, reuniam-se na residência de um deles, algumas vezes por mês, para conversar, jogar futebol, críquete, dominó e cartas, mas se

distanciaram e nos dias atuais já não se reúnem.

Fotografias 4 e 5 - Encontros entre guianenses na cidade de Boa Vista.



Fonte: Jack.



Fonte: Jack.

Fotografia 6 - Encontro das Famílias Guianenses em Roraima (esq.). Fotografia 7 - II Encontro das famílias guianenses em Roraima (dir.).



Fonte: Arieche Lima (27/05/2012).



Fonte: Arieche Lima (26/05/2013).

Fotografia 8 - Igreja Adventista Inglesa no bairro Aracelis Souto Maior (esq.). Fotografia 9 - culto em ação de graças pelo II Encontro das Famílias Guianenses em Roraima. (dir.).



Fonte: Arieche Lima (25/05/2013).



Fonte: Arieche Lima (25/05/2013).

Portanto, a construção de um senso de comunidade que esteja voltado para a execução de rituais próprios de sua cultura, organização e prestação de auxílios relaciona-se aos grupos de contato mais imediatos, principalmente àqueles que fazem parte da rede que prestou suporte para a concretização do projeto migratório. Contudo, nota-se a existência de atividades organizadas em torno do viés religioso, principalmente por meio da ideologia cristã a qual é compartilhada por grande parte da população guianense e por família e grupos de amigos em Boa Vista.

Neste sentido, figura da igreja e a Reunião Anual da Família Guianense em Roraima são exemplos de que se começa a formar espaços de sociabilidade guianense em Boa Vista, estes proporcionam maior possibilidade de atuação ao migrante, pois favorece a gênese de relacionamentos, auxílio mútuo e inserção social. Também são peculiares as redes que se constroem em torno de cabelereiras, familiares de migrantes guianenses residentes de Boa Vista, que veem cerca de duas vezes ao ano para a cidade oferecer serviços especializados e de baixo custo predominantemente para o grupo dos afro-guianenses.

Uma explicação para a escassez e fragilidade das estruturas comunitárias pode ser relacionada à ocorrência de projetos de não permanência e a experiência de vulnerabilidade e invisibilização que os migrantes experienciam na comunidade hospedeira, o que faz com que o comprometimento com a criação e manutenção de organizações comunitárias deixe-lhes temerosos. Um ponto de apoio que se encontra na igreja refere-se ao fato de que carregam elementos estruturais e simbólicos que são compartilhados por uma maioria guianense, que é um local usado como ponto de encontro e como suporte para aqueles que passam por alguma situação difícil, desemprego, doença, necessidade de informações sobre serviços de saúde, entre outros, e que precisam acessar vínculos de solidariedade.

No caso dos guianenses com quem se fez contato durante a pesquisa, não mencionaram a existência de outro tipo de organização fora a Igreja Adventista Inglesa. Nesta igreja pode-se constatar a emergência de discursos e símbolos que os caracterizam como grupo nacional, étnico e religioso; ali as cores (verde, amarela e vermelha), as línguas predominantemente faladas (inglês, português e línguas indígenas), os espaço para falar sobre o seu país de origem. A própria organização do Encontro das Famílias Guianenses em Roraima, que se dá no dia 26 de maio ou em datas próximas deste dia, que ocorre em conjunto com a comemoração da Independência da República Cooperativa da Guiana (26/05/1966), faz com que a sensação de pertencimento e familiaridade com práticas próprias do Estado nacional guianense seja um meio de dar visibilidade a este grupo em Boa Vista.

Durante a pesquisa de campo a narrativa dos guianenses, mesmo entre aqueles que

vieram muito jovens para o Brasil ou entre os interlocutores que residem há muito tempo em Roraima, referiam o desejo de retorno à Guiana apenas para visita, afirmavam ter adotado o Brasil como pátria para residir, não possuíam ideias depreciativas sobre o país, os migrantes relataram ciência quanto às dificuldades socioeconômicas encontradas em sua pátria, o problema em obter qualidade de vida residindo lá, destacaram o respeito pelas pessoas que ali permanecem e a nostalgia pelos familiares e costumes da localidade de origem.

3 O MIGRAR E AS RELAÇÕES NO GRUPO FAMILIAR

3.1 ELEMENTOS NORTEADORES EM TORNO DO CONCEITO FAMÍLIA

A família se constitui como o primeiro grupo de mediação entre o sujeito e a sociedade, é o local onde se transmitem os valores, costumes e normas de uma cultura, e estabelecem relações afetivas que serão reproduzidas nos contextos sociais em que seus integrantes estiverem inseridos.

A concepção de *família* que utilizo é a de instituição social, que articula vínculos em torno de gênero e geração, constituindo-se de dimensões relacionadas à identidade social, a afetividade, a autoridade, a interdependência e a sobrevivência material (SARTI, 2011; GOLDANI, 1993). A família, assim, é para a compreensão do mundo, e para o estabelecimento de relações sociais, para transmitir valores, costumes e normas de uma cultura, que são interiorizados e articulados a conteúdos afetivos como o sentimento de pertencimento e solidariedade (FERÉS-CARNEIRO, 2010; BERGER E LUCKMANN, 2009).

Compõe-se em um relacionamento caracterizado por um alto grau de intimidade, engajamento moral e emocional complexo, sendo também a matriz das identificações pessoais e sociais dos seus integrantes (FONSECA, 2007; REIS, 1995). Estas autoras consideram o *sentimento de pertencimento* e de conectividade como um dos fatores que não demandam a consanguinidade e/ou a coabitação e vinculam os membros do grupo familiar, mesmo através das fronteiras geográficas.

Destaca-se a concepção de *vínculo do reconhecimento*, o qual está sempre presente nas relações interpessoais (DESSEN E SILVA NETO, 2000). Wagner et al. (2011) indica que apesar da existência de uma conjuntura sócio-histórica que dá maior ênfase aos modelos patriarcais e de famílias nucleares, a cada momento estes moldes vêm sendo subvertidos devido às variações que ocorrem na organização da família em função do tempo, do espaço e dos diferentes grupos sociais envolvidos.

As famílias não estão circunscritas a apenas um modelo social, a cada contexto o grupo familiar vai desconstruindo estereótipos enraizados e revelam imagens bem mais realistas do comportamento e das possibilidades de viver a vida. A oposição de imagem é evidente – de um lado o casamento, a moral e a própria submissão e a castidade da mulher; do outro, o alto índice de lares monoparentais, a redução no número de casamentos e a

insatisfação feminina nos relacionamentos (ALMEIDA, CARNEIRO E PAULA, 1987; FERÉS-CARNEIRO, 2010). Sobre as diversas perspectivas conceituais e as transformações que ocorrem nos grupos familiares, Wagner et al. (2011, p. 20) relata ainda que:

[...] a coexistência de configurações e estruturas familiares diversas tem ampliado não só o conceito de família, mas também suas implicações na sociedade, gerando a necessidade de aceitar e conviver com o diferente. Nesse caso, tal pluralidade na configuração dos núcleos familiares tem demandado a criação de novos paradigmas explicativos que deem conta de tal complexidade.

Quanto à família enquanto instituição e a formação de papéis sociais, Berger e Luckmann (2009) informam que as origens das instituições relacionam-se a repetição de hábitos e costumes que são compartilhados e acessíveis aos membros de um grupo social, controlando sua conduta. Para estes autores, os constituintes das instituições se fortalecem principalmente no processo de transmissão dos padrões às novas gerações, que passam a interiorizá-los como realidade subjetiva. Ocorre então o aprendizado de ações objetivas (papéis sociais), que são necessárias para a participação no mundo social e envolvem a articulação entre valores, normas e emoções. Considerando principalmente a análise das instituições e o desenvolvimento dos papéis sociais como forma de sustentação dos seus padrões, destaca-se a relevância em visualizar o processo a partir do qual a família contemporânea se constituiu.

Historicamente, e em diferentes níveis de intensidade, as relações desiguais de poder, entre classes, gêneros e gerações formaram-se no interior das famílias. Estabeleceram-se relações desiguais entre homens e mulheres, das gerações mais velhas em relação às mais novas e dos que possuem maior poder aquisitivo nos mais diversos níveis de interação (SCOTT, 2011).

Destaca-se que a evolução histórica dos modelos familiares esteve localizada numa constante redução do círculo de pessoas que envolvia o seu interior, onde se destacava a ideia de comunidade conjugal entre homens e mulheres (ENGELS, 2006). Ariès (1981) relata que durante a Idade Média a família não era reconhecida ou exaltada quanto à sua importância subjetiva. Ela se restringia à função de transmitir os bens e o nome de determinado grupo. A vida coletiva desenvolvia-se sem a preocupação com o tempo da intimidade e não se adentrava muito além das responsabilidades e obrigações de seus membros.

Engels (2006) menciona que as mulheres, assim como as crianças, não eram consideradas cidadãs, viviam a mercê da estrutura patriarcal e impedidas de se manifestar. Vaitsman (1994) relata que o patriarcalismo está enraizado na civilização devido a sua

perpetuação histórica e cultural e que caracteriza pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e as crianças no grupo familiar. Ariès (1981, p. 158) continua informando que:

A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. No caso de famílias muito pobres, ela não correspondia a nada além da instalação material do casal no seio de um meio mais amplo, a aldeia, a fazenda, o pátio ou a “casa” dos amos e dos senhores.

Transformações ocorridas a partir do século XV influenciaram decisivamente na concepção e organização das famílias, o aprofundamento da dominação masculina sobre a mulher, a valorização da autoridade paterna, o fortalecimento dos laços de sangue, o maior contato entre pais e filhos, assim como o desenvolvimento do sentimento de família, são alguns dos elementos de destaque (ENGELS, 2006).

Vaitsman (1994) relata que o advento do capitalismo trouxe inúmeras mudanças que romperam com alguns elementos da organização estabelecida. A partir daí, surgiu o padrão da família nuclear, constituída a partir do pai, mãe e dos filhos, separando-a de outros grupos como família extensa, os amigos, os clientes, entre outros.

Ariès (1981) aponta que a família passou a manter a sociedade à distância e a se organizar em torno de uma vida particular. Separou-se melhor a vida social, profissional e privada, criando-se a noção de respeito à intimidade do outro, abriu-se uma possibilidade de maior contato entre aqueles que conviviam na intimidade do lar e de desenvolvimento de relações mais fortes compreendendo a criança como elemento unificador.

Com o passar do tempo, a influência do ideal burguês trouxe novas mudanças à família, principalmente no que se refere à relação entre os gêneros e nos papéis sociais desempenhados por cada um. Os casamentos passaram a se constituir a partir da escolha entre os cônjuges, a mulher, até tornar-se “rainha do lar”, portadora de natureza frágil e emotiva passou a acumular demandas domésticas com atividades voltadas para o trabalho e a educação, retirando dos homens a exclusividade do espaço público (ENGELS, 2006). Identifica-se a partir deste momento que ao contrário de antes, quando estava restrita a espaços privados do lar e da família, a mulher passou a ocupar também espaços públicos, atuando fora de casa, obtendo formação profissional e construindo sua carreira.

Nos últimos 150 anos as mulheres, através de greves, revoltas e enfrentamento de normas sociais conquistaram espaços importantes para que a sociedade seja mais justa e igualitária. A entrada no mundo do trabalho, o direito ao voto, a pílula anticoncepcional,

liberdade sexual e afetiva, divórcio, luta por melhores salários e por igualdade de direitos são pontos importantes no estabelecimento de novos modelos de família.

A esse respeito, Vaitsman (1994) expõe que a participação crescente nos espaços públicos, assim como o reconhecimento da cidadania feminina nas bases legais da maior parte dos países desafia não apenas as relações entre homens e mulheres, mas também a instituição familiar, que demanda cada vez mais a transformação em seus hábitos.

A progressiva integração das mulheres num sistema educacional universal, o aumento do acesso a meios de controle da natalidade; a maior flexibilidade nas escolhas amorosas e término dos relacionamentos; assim como o acesso a ocupações com melhor renda e status proporcionou um questionamento da hierarquia sexual na família e na sociedade (ZIMERMAN, 2000).

Restam, no entanto, algumas continuidades que dificultam a dedicação das mulheres ao trabalho ou fazem dela uma trabalhadora de segunda categoria. Sendo uma das mais críticas, o fato de as mulheres seguirem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e pelo cuidado com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas e desenvolvimento educacional.

Fatores como estes fazem emergir novas demandas por igualdade no estabelecimento das relações e papéis sociais e, conseqüentemente, o enfraquecimento dos padrões de comportamento rígidos e estanques, para dar lugar à ascensão das concepções voltadas para a pluralidade e movimento dinâmico nas relações familiares (VAITSMAN, 1994).

Zimerman (2000) assevera ser importante destacar as mudanças contínuas que perpassam a família, sendo estas implicadas na construção da identidade daqueles que a integram. Ferés-Carneiro (2010) e Wagner et al. (2011) destacam que diversas mudanças vêm se estabelecendo nas relações conjugais e parentais, muitos atribuem à existência de uma crise da família, no entanto, sustenta-se que está acontecendo uma ruptura do padrão tradicional de família (avaliado até então como patrimônio moral e social imutável). Este fato, segundo as autoras, causa bastante desconforto, principalmente àqueles que foram privilegiados por papéis dominantes nas relações instituídas até então.

Zimerman (2000) enumera alguns elementos principais neste processo de transformação: a nova concepção de família, o que implica numa mudança quanto ao entendimento dos valores, papéis e expectativas vivenciados; a emancipação feminina e o seu reflexo no convívio familiar; as novas configurações do papel dos homens no ambiente doméstico; as novas relações estabelecidas com os parentes que não pertencem à família nuclear; os divórcios; recasamentos; separação precoce entre pais e filhos, etc.

Identifica-se que a mudança mais significativa em todo esse processo está associada à progressiva redução do patriarcalismo que remete a uma autoridade imposta institucionalmente e atua extrapolando os limites das relações no grupo familiar (VAITSMAN, 1994). Critica-se a ideia de que exista um único modelo, que se estabelece como construção ideológica, e que dê conta de abranger os diversos estratos ou classes sociais de uma dada sociedade. Averigua-se que a família ultrapassa os limites da unidade doméstica, envolvendo a rede de parentesco mais ampla, sobretudo quando as expectativas de se ter uma casa onde realizar os papéis masculinos e femininos malogram (SARTI, 2011).

As relações entre os diferentes integrantes de um grupo familiar estão-se realizando em novas formas e segundo outros códigos, o casamento, os modos de cuidados das crianças, separações, exercício da sexualidade, chefias, arranjos do orçamento doméstico, solidariedades e responsabilidades intergeracionais modificaram-se bastante e as decisões envolvem, cada vez mais, de uma negociação o que influencia na construção de modelos alternativos de relações (MACHADO, 2010).

Atuando neste contexto profundamente dinâmico há a presença da globalização cada vez mais próxima das pessoas e as conseqüentes possibilidades de reinterpretção de relações entre gêneros e gerações que reporta à interconectividade entre redes de parentesco que vinculam populações que residem em diferentes regiões de um mesmo país ou em duas ou mais nações.

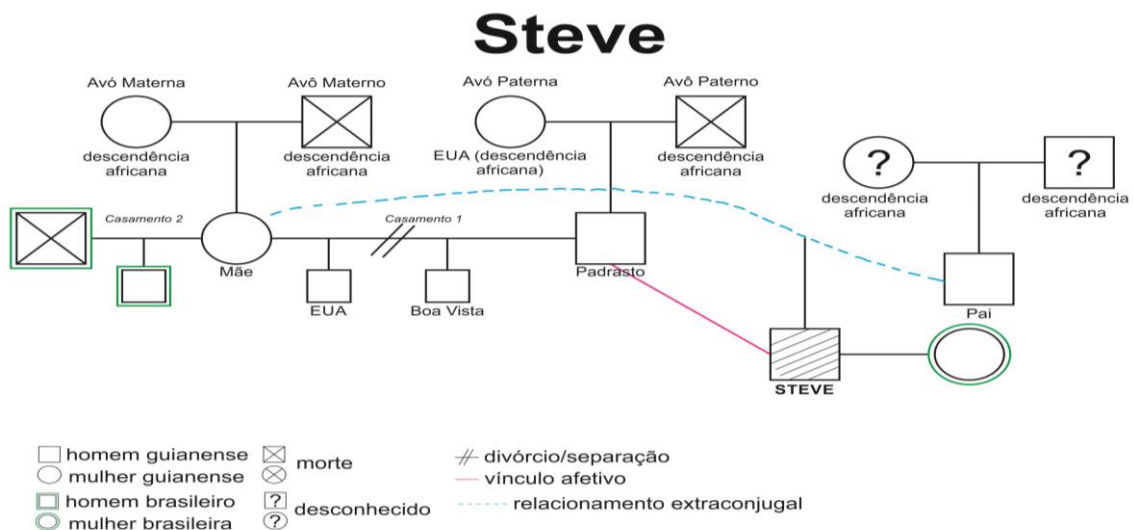
Inseridas nos cotidianos de milhares de pessoas há famílias transnacionais que podem ser designadas como um grupo cujos integrantes residem em parte ou na maior parte do tempo separados uns dos outros, porém mantidos juntos por criarem algum tipo de sentimento de pertencimento, solidariedade e cuidado com o bem-estar coletivo e unidade, mesmo quando fronteiras nacionais mantêm seus membros fisicamente separados (PARELLA, 2007). São tipos peculiares de famílias, que desenvolvem que possuem projetos coletivos e cotidianamente realimentam vínculos de pertencimento e solidariedade, além de construir conectividades com outros membros que são incluídos no grupo familiar, seja através da parceria conjugal ou de outros tipos de ligações que não implicam, necessariamente em consanguinidade (MACHADO, 2010).

3.2 A FAMÍLIA GUIANENSE: NARRATIVAS DA VIDA NA GUIANA E ANÁLISE DE FRAGMENTOS DE GENOGRAMAS

Percebe-se que muitas experiências de vida são comuns a vários dos interlocutores da pesquisa. Aqueles que apontaram dificuldades descreveram, principalmente, a falta de emprego, as questões relacionadas à pobreza, conflitos e/ou distanciamento nos vínculos familiares, busca de oportunidades de estudo e emprego em outras regiões do país e em outros países, entre outros. Os fatores intervenientes na decisão pelo deslocamento para Roraima são de caráter geral e tratam como a realidade socioeconômica do país atua de forma transversal em questões micros, presenciadas no cotidiano.

O que se pode constatar sobre os arranjos familiares como se pode visualizar em dois dos sete fragmentos de genograma construídos e discursos dos migrantes é que no que se refere aos relacionamentos amorosos, nem sempre têm duração prolongada, pôde-se constatar a partir das narrativas que era comum a existência de familiares que modificaram as pretensões patriarcais de que esta mulher cumpra o papel monogâmico e virginal atribuído por uma série de esquemas sociais não é replicada, verifica-se a ocorrência de relacionamentos em longo prazo, mas não a existência de um único parceiro como companheiro, no entanto, estava latente que a demanda social é bastante conservadora e que mesmo que na prática o modelo apregoado de casamento e comportamento de homens e mulheres não seja seguido, em diversos momentos, pôde-se verificar que permanece no imaginário como estrutura ideal para a constituição familiar.

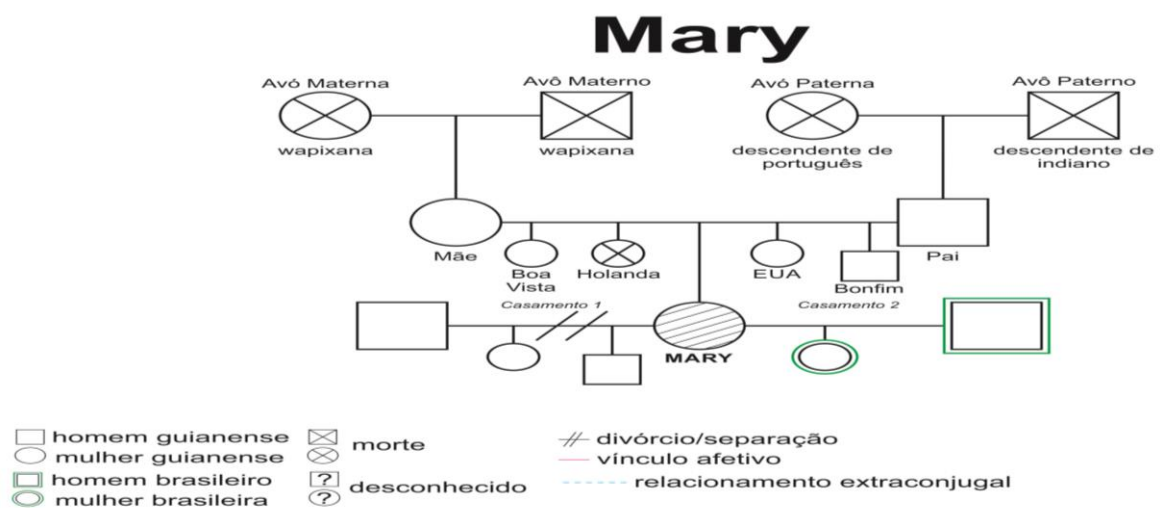
Figura 5 - Fragmento do genograma do interlocutor Steve



O fragmento do genograma anterior ajuda a contar a narrativa sobre a vida familiar de Steve, mostra que o interlocutor é fruto de um relacionamento extraconjugal, mas que foi criado até o início da adolescência pelo padrasto como um dos filhos do casal, notou-se ao longo da narrativa um estreito laço afetivo com o padrasto que atualmente reside nos EUA com grande parte de sua família (pais, irmãos, filhos). Steve mencionou que conheceu o pai biológico quando tinha 17 anos e que o contato familiar predominante é com os parentes da mãe e do padrasto, relata ainda que possui inúmeros primos que residem na Guiana e que são descendentes dos 11 filhos tidos por sua avó em relacionamentos com diferentes parceiros. O interlocutor confirmou uma observação realizada durante as atividades de campo, é comum a existência de lares monoparentais sustentados por mulheres, como ocorreu com a sua avó, e que outros integrantes do grupo familiar ajudam na manutenção deste lar quando necessário, através de arranjos que viabilizam o cuidado das crianças envolvidas.

Abaixo se apresenta o fragmento do genograma de Mary que teve como peculiaridades durante os relatos sobre a sua vida familiar às informações sobre a proximidade cotidiana com elementos culturais múltiplos, a interlocutora tem descendência wapixana e durante a infância esteve bastante próxima dos seus componentes culturais, no entanto, ao ir estudar em Georgetown, morando com os tios paternos, teve uma intensa vivência das práticas culturais hindus, estas permeavam desde a alimentação até os comportamentos dentro e fora de casa, esta interlocutora descreve ainda a intensa vigilância dos comportamentos das mulheres nos espaços externos e internos da rotina doméstica para os que seguem os preceitos da religião hindu que vigoram até os dias atuais na Guiana.

Figura 6 - Fragmento do genograma da interlocutora Mary



Seus pais residem na Guiana, nota-se que Mary possui irmãos morando em diferentes nações, fato comum para os integrantes de grupos familiares guianenses que, muitas vezes, desde crianças experienciam deslocamentos entre as regiões do país. A interlocutora teve dois casamentos, ambos ocorreram com homens que conheceu no Brasil, situação compartilhada por outros interlocutores da pesquisa.

O modelo de família apresentado nos fragmentos de genogramas mostra famílias construídas por meio de múltiplos contatos entre culturas e diversidade nos arranjos entre seus integrantes e mostram-se articuladas a redes de parentesco. Averígua-se existir a ideia um modelo familiar conservador, mas onde situações díspares do modelo idealizado ocorrem constantemente, tais como ser “mãe solteira”, ser “mulher abandonada”, ser mulher que “tem que sustentar a casa”. Constata-se que é crescente o número de mulheres, que assumem nos dias atuais a chefia da família; muitas vezes vivendo sem a presença de um companheiro, porém mantendo uma rede de relações extensa entre através de vínculos e consanguíneos e afetivos (MOTTA, 1998).

Sobre esta realidade em que as relações familiares não se articulam unicamente entre as categorias de mãe, pai, filho, e aos parentes mais próximos, as possibilidades são diversificadas e o que se visualiza é a existência de famílias “flexíveis e plurais” (VAITSMAN, 1994) e que trazem consigo um “mosaico genealógico” (SCOTT, 2011) que abre espaço para a participação de inúmeros outros personagens na rotina familiar.

Compreende-se que o controle moral da mulher é intenso, ao longo dos contatos estabelecidos identificou-se um “duplo padrão” moral, que preconiza comportamentos distintos para homens e mulheres, ou seja, atitudes permissivas para os homens e repressivas para as mulheres, caracterizando a forte diferenciação de gênero. Discursos diversos demonstraram uma ideologia impregnada de controle social da mulher, que vai desde a escolha de vestimentas até a autoridade sobre a sua locomoção nos papéis tradicionais, as diferenças aparecem sob muitos ângulos ao se comparar com a realidade vivida em Boa Vista.

Assim, era muito rígido: você mocinha é pra ficar dentro de casa. Não podia sair sozinha. Mãe te leva, pai te leva, irmãos não levavam! Um primo que chegava convencia a minha mãe pra levar a gente pra sair. Sair assim, sem nenhuma. Assim, no comércio, né? Aí pra festa, se ela não tá lá, ele que levava e dizia: Olha, tal hora tem que tá de volta! e olha lá. Se passa daquela hora, vem a mãe com o facão! É. É passou certa hora e ela vê vocês voltando, ela saía com o facão. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Pra mim quando você é mocinha né você não tem que se expor, tu expor pra teu marido, mulher tem que se expor pra teu marido e não pro vizinha né, você usa uma saia que abaixa vê lá no China, é feio, mas é claro que tem pessoas que gosta, mas

usa dentro de casa né, na Guiana você usa esse tipo de coisa na rua é porque você é da vida, aqui todo mundo aceita como normal né, mas até hoje pra mim coloca um bermuda pra andar na rua sente tão nu, mas nu envergonhado. Quem tá me olhando? Quem? Se eu usa saia, eu tô com short embaixo, se usa vestida tenho uma short embaixo, claro que calça comprida né. Tem que usa um short embaixo porque vem um vento levanta tua saia, levanta tua vestido. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

E outra coisa esquisita que eles (guianenses) acham assim, por exemplo, uma mulher vai tipo aqui que andam aqui nesse *Chão de Brasa*⁶, nesses barzinhos. É uma coisa muito esquisita! Não ficam assim espantado vendo que arrumação é esse, sabe? As mulheres sentadas tomando uma cerveja! Não! Eles acham estranho, eles ficam dizendo que a mulher é baixa, não tem respeito! Eles pensam assim. (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Não, muito difícil muito, muito, muito difícil, porque ela (a mãe) trabalhava tipo, ela trabalhava durante o dia e às vezes á noite, então ela e meu pai era coisa mais difícil sair, entendeu, eles eram sempre buscando algo, entendeu, trabalhando, ajeitando as coisa, então a gente, como aqui no Brasil, aqui a gente: Ah, vamo levar a família hoje quarta feira, vamo todo mundo pro cinema, ah vamo ali na *Praça das Águas*⁷ dia de domingo! Não tinha isso aí não, era nego dentro de casa o tempo todo, nem tinha televisão ainda naquela época lá. Então ficava, procurava outras coisa, conversava, cuidava da casa, mas esse negócio de, hoje mudou, hoje mudou um pouco né, não é mais assim aquela coisa rígida, porque lá os homem acha assim que lugar de mulher é pra tá na casa entendeu, não é pra tá saindo essas coisa, então lá era difícil minha mãe sair. (Steve, 23 anos, entrevista realizada em 11/10/2013).

Nota-se a partir das narrativas que a participação das mulheres guianenses no espaço público é mediada por profundas assimetrias e preconceitos. Há um forte controle do agir que chega a permear inclusive as relações estabelecidas na localidade hospedeira.

Diversos grupos guianenses possuem um modelo de família idealizado com características patriarcais e tendências conservadoras na sua essência, não se pode deixar de indicar a participação das ideias religiosas que contribuem para a manutenção deste arquétipo que se defronta com uma série de contradições existentes não só nos limites das unidades familiares, mas que os transcendem, como são as questões econômicas, afetivas, sexuais, raciais e de poder. Há um distanciamento entre a norma e a prática, que se faz presente principalmente nas narrativas sobre as mulheres guianenses que em diversos momentos foram identificadas como participante ativa seja na família seja na sociedade, assumindo a chefia da família e trabalhando para a sobrevivência da sua prole.

Outro ponto de análise refere-se às comparações direcionadas às atitudes e comportamentos das mulheres brasileiras que quando comparadas aos seus é alvo de

⁶ Espetaria e Choperia localizada no centro da cidade de Boa Vista e que costuma reunir um grande número de pessoas durante a semana e finais de semana.

⁷ A Praça das Águas está entre os pontos turísticos mais conhecidos de Boa Vista, com destaque para o monumento Portal do Milênio, construído no início de 2000. Este local possui praça de alimentação e um espaço reservado à diversão das crianças. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/cultura/turismo/turismo-curiosidades-e-aventuras-de-roraima/>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

juízos morais. Esta divergência acerca dos papéis sociais ocupados pela mulher de acordo com a sua nacionalidade mais uma vez aponta para a existência de um padrão ideal de mulher “guardiã dos preceitos morais e continente”, apesar de que estes valores tradicionais na prática não são completamente seguidos.

Costa (2004) destaca a existência de inúmeros elementos ideológicos apregoados por religiões e estabelecidos nos primeiros contatos sociais que constroem relações de poder entre as próprias mulheres. Neste sentido a diferenciação quanto à nacionalidade, valorizando as mulheres pertencentes ao seu próprio grupo nacional é uma estratégia que lhes dão uma posição de respeitabilidade e uma valoração superior quando comparadas ao comportamento das brasileiras segundo os preceitos morais compartilhados pelos guianeses.

Em inúmeras ocasiões, constata-se que o poder formal é destituído das mulheres e legitimado aos homens. As mulheres, nesse caso, as interlocutoras guianenses desenvolvem meios de resistência pelo protagonismo social construindo armas para lutar contra estruturas de poder e instrumentalizar as limitações que lhe são demandadas.

Deve-se destacar também que os vínculos de parentesco entre os interlocutores e seu grupo em à relação entre diferentes gerações, mostrou-se rígido em diversos discursos narrativos e envolto por tensões associadas ao estilo de vida de cada um dos envolvidos e a quebra de valores morais da localidade de origem, principalmente no caso de Paul e Steve e das interlocutoras da pesquisa, em especial Lucy que apontou a existência de tensões relacionadas ao seu marido, ex-marido e à sua família materna e paterna.

E, quando eu saí de lá eu fui morar com uma tia. Uma tia minha lá em Georgetown, o bairro chama-se Agrícola. Fui pra casa do meu tio, no bairro que chama-se Matu, que era bem pertinho um do outro. Aí saí do Matu, fui de volta pro Berbice. Eu mudei porque assim, meu pai era muito problemático, quando eu digo problemático, ele sempre vivia na bebida. Então assim, ela pegou uma irmã e disse: Não, eu vou ajudar com um! e assim. Fica trocando, trocando. E quando eu voltei pra Berbice, morei eu, meu outro irmão mais novo que eu e meu irmão mais velho, nós morava com uma prima. Claro que ela era já era grande, né? Saí de lá, eu saí de Berbice com seis anos pra sete. Fui direto pra Curucuru lá em Georgetown no Linden High Wey. Os sete anos me bateu lá. Eu saí de lá com dezoito anos. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Quer dizer, eu, como os meus pais moravam no interior, meus pais pensava muito na educação da gente. Eu nunca fui assim, como por exemplo, na idade dessa minha filha eu já não tava com meus pais eu já tava lá em Georgetown. Só que a gente sente muita falta quando a gente sai do interior e vai morar assim com as pessoas. Nossa! Era uma saudade! Eu sofri demais! [...] Como eu sempre falo pros meus filhos: Vocês devem de dar graças a Deus que vocês estão debaixo das minhas asas hoje em dia até o dia que vocês quiserem se vocês quiserem viver a vida de vocês. [...] Que tem lugares na Guiana que tem, por exemplo, nessas malocas, eles criam os filhos até uns 15, 16 anos, mas aí não tem mais escola pra eles estudar então vem tudo embora pra cá! Vem pro Brasil vem trabalhar essas coisas, mas estudar porem

já são grande assim. Mas eu não! Devido os meus estudos com 10 a 11 anos eu fui morar lá em Georgetown e foi difícil pra mim. Por mim eu sofri por essa parte com a saudade dos pais por estar longe deles. (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Os laços existentes nas relações entre irmãos e membros de outras gerações, tais como pais, avós e tios, que participam da rede familiar são significativos. Nota-se nos discursos dos interlocutores que a lógica da família patriarcal e/ou nuclear, na maioria das vezes, não pôde ser replicada no cotidiano, é significativa a importância de “familiares” que possuem condições de amparar e viabilizar estratégias solidárias no cuidado de crianças e adolescentes.

Tal como Mota (1998) discute, constata-se a existência de adoções informais e/ou temporárias que acabam relativizando as noções de pai e mãe, avó e avô, tio e tia, o que implica uma elasticidade no uso das categorias de parentesco, e na existência de estratégias no estabelecimento dos arranjos familiares (MOTTA, 1998). Nota-se a partir destas estratégias de cuidado realizadas entre diferentes integrantes do grupo familiar, que existem fortes laços de reciprocidade e moralidade entre seus integrantes, trata-se de “relações de amizade, compadrio e parentesco” que ordenam as práticas cotidianas, a própria realidade vivenciada por estas pessoas demanda a existência de união, de estratégias de cuidado e solidariedade, pois é assim que melhor conseguem seguir participando dos espaços sociais.

Sarti (2011) destaca que muitas vezes, outros membros da rede familiar assumem o papel de cuidado que se atribui ao par pai/marido e mãe/esposa. Berger e Luckmann (2009) informam que a principal função da família e, mais especificamente, daqueles responsáveis pelo cuidado das crianças e adolescentes é a socialização primária, e o afeto é um importante elemento nesta dinâmica, pois fornece segurança emocional e proporciona condições para o desenvolvimento nos primeiros estágios da vida.

Estes atores sociais são importantes no suporte das trajetórias de vida, particularmente entre as classes populares, que vivenciam as dificuldades socioeconômicas com maior intensidade e por isso dependem de forma mais expressiva das suas redes de sociabilidade (MOTTA, 1998). Assim como Scott (2011), constatou-se durante a pesquisa a existência de arranjos que envolvem a rede de parentesco como um todo e de famílias que também são compostas de sentimentos de pertencimento, ideias de correspondência, cooperação solidária, autoridade, afeto e subjetividade, entre outras coisas.

A família exibe novas formas, de acordo com o ritmo das mudanças. Persiste como nuclear, pelo menos como modelo ideal, fixado nas representações e expectativas,

mas ao mesmo tempo amplia-se, tanto na realização de formas novas e imperativas de apoio e solidariedade entre as gerações como em função da coexistência de um número maior de gerações, como, ainda, na realização ou tentativa de novas relações de parentesco, várias ainda sem sequer designação própria – o filho do casamento anterior do (a) companheiro (a), a “madrasta” ou o “padrasto” de quem tem os pais vivos, a avó do meio-irmão [...] (MOTTA, 1998, p. 15).

Os modelos familiares trazem como destaque a existência de negociação e maior simetria entre seus membros, abrindo possibilidade para a geração de modelos alternativos. Este fato implica na alteração das construções culturais e identidades, causando desconforto, principalmente para aqueles que foram privilegiados com papéis dominantes nas relações instituídas até então (GOLDANI, 1993).

Wall, Nunes e Matias (2008) destacam que geralmente o perfil das mulheres migrantes está associado às trajetórias de vida de pobreza, muitas vezes, extrema durante a infância, entrada precoce no mercado de trabalho, a elevada mobilidade geográfica em função da busca por trabalho próprio ou de familiares, contextos em que a sobrevivência ocorre de forma individual já desde pequenos, o que faz com que a criação de crianças e adolescentes seja realizada por diferentes integrantes do grupo familiar. Neste contexto as autoras destacam que a migração pode ocorrer de forma regional e internacional sendo realizado um percurso que envolve idas e voltas e que tem como motivos a busca por melhores condições de trabalho e de vida.

Minha mãe disse que com 06 ano, 08 ano ela já trabalhava ela, e os irmão dela sempre saia com 08 ano de idade ela mais outro irmão dela, eles saiam pra vender bolo, pra vender cocada essas coisas, porque até hoje o Maicone lá num, a situação financeira num é tão boa assim, é bastante fraco, só que melhorou aos 20 ano melhorou bastante. (Paul, 24 anos, entrevista realizada em 14/10/2013).

A raiva dela (madrasta) era isso, qualquer coisa ela falava pro papai, papai chegava e batia na gente, ele nunca chegou conversando, como eu e tu conversava, são muito rígido né? Tudo que falava era porrada! Tudo que fala é porrada! Então eu começava a ter revolta com aquilo ali, ai eu fugi por fugir, mas eu nem sabia pra onde eu tava indo. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Deixa te falar. Na verdade, eu me peguei morando com a minha mãe. Eu era adolescente para o jovem. Os outros tempos que eu me lembro. Eu morava com uma senhora, morava com a minha tia, entendeu? Então, é. Acho que todas as pessoas com quem eu morei, né? Deu uma base legal, quando eu morava com a minha tia, ela dava preferência para os filhos dela, né? Eu sentia a diferença né? Quando eu morava com essa senhora também, eu sentia, mas a minha mãe me ensinou obediência. Então, você deve dar obediência. Ela sempre fala: Quando. Quando as suas mãos estão dentro da boca do leão, você tem dar carinho, dar beija até que tu tire. O que ela quis dizer: Você tá numa situação. Você tem que aguentar por que você vai crescer e um dia não vai acontecer mais, você vai ser dona de sua vida! (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Narrativas como as dos interlocutores da pesquisa citados acima remetem a um passado de violências macroestruturais e psicossociais desde a tenra infância, instigam a reflexão sobre a ação destes fenômenos para a busca pelo deslocamento regional e internacional e a construção de atitudes e comportamentos considerados adequados para lidar com a demanda imposta por diversos setores de suas vidas.

Muitas vezes, estas pessoas requerem estratégias para sobreviver diante de violências e dos abusos; a migração pode representar essa estratégia, essa fuga e possibilidade de refazer a vida em outras bases.

Vaitsman (1994) constata que elementos que dão sustentação à ideia de pós-modernidade, tais como a flexibilidade e a fragmentação das práticas de trabalho, além do culto ao individualismo tiveram influencia fundamental no aumento da volatilidade e efemeridade das relações, fortalecendo a ideia de que vínculos, relações estáveis, ligação com lugares e pessoas são descartáveis.

Sem dúvida, o deslocamento internacional implica em transformações intensas nas relações, nas hierarquias sociais e étnicas tanto entre os que se deslocam e seus familiares que ficam, principalmente, daqueles membros que permaneceram nas comunidades de origem. Essa dinâmica do deslocamento internacional, por um lado, pode proporcionar relações mais igualitárias, a diminuição da violência ou coerção, por outro, pode agravar conflitos familiares que estavam até então latentes.

O indivíduo que se desloca internacionalmente para uma terra nova terá de aprender novos hábitos e *habitus*. Talvez precise lidar com uma língua estrangeira. De qualquer maneira, ele se afastará de sua família, parcial ou completamente, e, mais importante, como detalhamos acima, muito provavelmente terá de aceitar uma nova classificação frente ao Estado. De cidadão, passará a ser súdito – um ser que é legalmente classificado como apenas parcialmente em posse dos direitos que seus novos conterrâneos entendem como naturais (BLANCHETTE, 2005, p. 140).

Quanto aos arranjos familiares da localidade de origem e reprodução dos mesmos na localidade de destino, Thurler (2011) diz que após experienciar situações que envolvem opressão desde pequenas, as mulheres buscam além de melhores condições de vida para si e para seus filhos, o aumento do seu protagonismo nos diversos espaços coletivos em que atuam.

Esta autora diz ainda que ao chegar à localidade de destino muitas se encontram envolvidas em discriminações arroladas a relações ao fato de serem, devido fatores étnicos, ao fato de serem trabalhadoras domésticas, mães solteiras e migrantes, continuando a ser

expostas assim a múltiplas formas de violências latentes ou explícitas na localidade hospedeira.

3.3 O PROCESSO MIGRATÓRIO E AS RELAÇÕES FAMILIARES

Os autores que discutem ou teorizam a migração, apontam as dimensões demográfica, econômica, política, sociológica e psicossocial (FAZITO, 2002; HALL, 2003; PEIXOTO, 2004); sua caracterização como um “fato social completo” (SAYAD, 1998), que tem motivações que vão pra além das questões econômicas (SINGER, 1980). Na migração os processos sociais estão associados, a etnicidade, as redes que fortalecem os fluxos migratórios e as peculiaridades de ordem psicossociais que são encontradas entre os motivadores para os deslocamentos internacionais. Com relação às múltiplas possibilidades de pesquisa na migração Sayad (1998, p. 15) destaca que:

[...] o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) etc. Cada uma dessas especificações e cada uma das variações dessas mesmas especificações podem ser objeto de uma ciência particular.

E assim, influenciada principalmente pelo desenvolvimento tecnológico e pela globalização, a migração passa a apresentar novas características e a fomentar estudos que tentam dar visibilidade para questões relacionadas às identidades nacionais, identidades híbridas, redes migratórias e à transnacionalidade (HALL, 2003; FAZITO, 2002; SOARES, 2002; SASAKI E ASSIS, 2000).

Nesse contexto, transmigrante é a pessoa que possui laços simultâneos no país de origem e de destino, principalmente referente aos aspectos socioculturais, econômicos e políticos (VALDERRAMA, 2007). Neste sentido, destacam-se a manutenção de relações contínuas com a família e/ou amigos na localidade de origem, a participação cívica através do voto e da inserção em políticas públicas na comunidade hospedeira e de origem, assim como a dinâmica que ocorre a partir da entrada do migrante no mercado de trabalho e os investimentos financeiros na localidade de origem. (VALDERRAMA, 2007; SASAKI E ASSIS, 2000).

Ribeiro (2012) propõe cinco categorias para compreender os processos associados ao fenômeno transacional: deve-se considerar a existência de um sistema global constituído por

coletividades com diferentes hierarquias de poder, a compressão do espaço-tempo, os níveis de integração sociocultural (local, regional, nacional, internacional e transnacional), além de considerar a existência de panoramas diversos formados de modo desigual.

A transnacionalidade figura como uma das características principais da atual migração internacional e revela a compressão espaço-tempo por meio do advento globalização e do avanço tecnológico, que reduzem distâncias físicas e simbólicas no cotidiano dos migrantes (MITCHELL, 2003). De acordo com Hall (2006), os tópicos que envolvem o encolhimento do mundo trazem como base as categorias simultaneidade e velocidade, a compressão do espaço-tempo é central para compreender as transformações nas identidades culturais, principalmente por elas serem responsáveis pelo compartilhamento de elementos socioculturais entre os mais diversos povos.

Os deslocamentos e a constituição de famílias transnacionais por meio da migração, por um lado, conduzir a família a uma maior integração, através da necessidade de proximidade, de partilhar as lembranças do país de origem, de preservar costumes e tradições; e, por outro lado, à desagregação, com a vivência de realidades que são contrárias ao que se almejava, o enfrentamento de problemas econômicos como o desemprego, a dispersão dos membros da família em diferentes localidades e, conseqüentemente, à perda ou manutenção do contato, tanto físico como emocional (HELMAN, 2009).

A ausência do migrante vai, em maior ou menor grau, afetar negativamente os integrantes da família, principalmente quando o deslocamento envolve a separação entre cônjuges e entre pais e filhos. Com relação a este assunto, o PNUD (2009) constata que os impactos são complexos, modificam-se com o passar do tempo, dependem dos atores envolvidos na migração, das condições de vida na localidade de destino, dos vínculos, que se dão através das remessas sociais, contato contínuo e projetos de reunificação familiar.

Haydar, Vélez e López (2011), Parella (2007) e Villamizar e Moreno (2011) dizem que, com a experiência migratória, a família se reconfigura por meio de estratégias que asseguram a manutenção das suas bases durante o viver transnacional. Estas estratégias de conservação da relação familiar são possíveis, principalmente, devido às remessas financeiras, ao sistema de transporte e a evolução tecnológica que permitem a comunicação frequente. Todos estes elementos geram a percepção de proximidade, mediante negociações e reorganizações constantes entre os familiares, transcendendo o plano físico e os pressupostos tradicionais, reafirmando os laços afetivos, construindo planos comuns, estratégias de cuidado e projeto de reunificação, que faz estas famílias permanecer entrelaçadas (RINCÓN E PINEDA, 2010; VILLAMIZAR E MORENO, 2011).

Parella (2007) e Villamizar e Moreno (2011) enfatizam a existência de aspectos positivos e negativos nas relações parentais, sem deixar, no entanto, de destacar os afetos ambivalentes que envolvem a percepção de abandono e o reconhecimento da abnegação dos migrantes. Nesta situação, Haydar, Vélez e López (2011) relatam que as relações conjugais transnacionais, da mesma forma que as parentais, se estruturam mediante a construção de um cotidiano compartilhado, além da reedição dos planos e do aparecimento e cumprimento de promessas que se dão através do contato estabelecido a partir das tecnologias de comunicação.

Assim, ao dar destaque à *família transnacional*, pretende-se realçar a ideia de que o vínculo e as experiências familiares não estão circunscritas a proximidade territorial, mas compõem-se entre diferentes ambientes e temporalidades, podendo articular a “redefinição, rearticulação, reconfiguração dos papéis sociais e de parentesco” (PAES, 2011, p. 167). Compreende-se que as famílias são grupos heterogêneos, com as suas conexões influenciadas pelas características socioculturais (origem nacional, etnia, classe social, gênero) do grupo estudado, abarcando aos diversos arranjos familiares possíveis, onde comumente se exerce a *parentalidade e conjugalidade transnacional*, quanto à rede de outros membros que a compõe (SOLÉ, PARELLA E CAVALCANTI, 2007).

3.3.1 A narrativa dos migrantes sobre os arranjos familiares na experiência de deslocamento para Boa Vista

O conjunto das narrativas dos interlocutores indica de forma contínua a existência de relações negociadas entre a localidade de origem e de destino tanto no que diz respeito à percepção de cada um quanto no diálogo familiar cotidiano.

Sem dúvida encontrou-se alguns campos de negociação difíceis, principalmente entre aqueles que vieram para o Brasil quando mais velhos e os que estavam há pouco tempo na localidade hospedeira.

A Guiana foi referenciada como um país com cultura e povo admirável, no entanto, as condições socioeconômicas do local foram enunciadas em diversas narrativas como limitadoras do retorno, e a volta à pátria é reinventada pelas frequentes visitas àquele país e ao morar na região de fronteira e/ou estar em contato contínuo com os territórios guianenses na cidade de Boa Vista.

Os migrantes contam histórias de dificuldade, separação dos relacionamentos com os companheiros e até de abandono. Foi mencionado de forma constante o encontro entre os costumes aprendidos na Guiana e os modos de ser brasileiro e a tentativa de mediação de várias situações sociais que abre espaço para novas possibilidades de viver no Brasil.

Quanto ao estabelecimento dos interlocutores em Boa Vista, aos papéis sociais no grupo familiar e estabelecimento de relacionamentos após a migração, verifica-se que seguindo achados de pesquisadoras como (ROST, 2009; PARELLA, 2007; PEDONE, 2008) é de suma importância falar sobre a obtenção de emprego e o impacto nos relacionamentos amorosos, discorrer sobre a manutenção de relacionamentos conjugais à distância, a criação dos filhos em um novo espaço sociocultural, sobre os relacionamentos conjugais estabelecidos no contexto migratório e a criação dos filhos, muitas vezes em um lar monoparental.

A experiência da migração pode representar significativas mudanças dos papéis sociais tradicionais de homens e mulheres; de pais, mães e filh(a)s e, ainda, na relação com outros membros da família, como avós, tios, tias, entre outros. Geralmente, a mulher adquire uma maior emancipação por meio do trabalho remunerado; do homem, com o aumento da autonomia, se depara com mudanças no relacionamento devido demandas por maior participação no âmbito doméstico; os jovens podem desafiar as estruturas tradicionais estabelecidas pelo seu grupo social e adotar novas perspectivas acarretando, assim, transformações na organização da família e na relação geracional e entre os gêneros (PNUD, 2009; ROSAS, 2010).

Thurler (2011) destaca que é importante fazer uma análise das narrativas sem se deixar levar por binarismo que separa e distingue a localidade de origem e de destino, alimentando estereótipos e preconceitos principalmente relacionando o local de origem que acaba por se interpretado como *atrasado, limitado e tradicional* que hierarquiza culturas e grupos. Considera-se ainda que este binarismo desconsidera a complexidade dinâmica das relações sociais, tais como as que envolvem homens e mulheres do lugar de origem, cristalizando-as em modelos e ocultando a ação de fenômenos como os da migração nas transformações sociais e culturais nas sociedades de origem.

Sobre a participação feminina na migração é possível falar de uma “feminização das imigrações” que mostra cada vez mais a participação das mulheres nos deslocamentos internacionais e os consequentes processos que ocorrem no âmbito doméstico e público, uma vez que, este fenômeno faz crescer a importância das mulheres na migração devido inúmeros

papéis que ocupam tanto na localidade de origem como na de destino (SCHULER, 2010; SASAKI E ASSIS, 2000).

O deslocamento feminino se fortalece através de redes sociais de apoio, tanto na sua manutenção na localidade de origem e destino como no papel de usuárias desta rede de forma que se concretize a mobilidade e ascensão social.

Com isso, há uma reconstrução das relações familiares e de gênero, os novos rearranjos familiares implicam em combinação de mudanças e permanências que não podem ser caracterizados apenas pela passagem dos costumes da localidade de origem para a de destino (ASSIS, 2011). Constata-se que a presença de mulheres na localidade hospedeira é identificada como elemento de estabilidade do migrante, de existência de projetos de fixação de residência, formação de grupos de contato onde se possa reforçar os valores tradicionais dos migrantes, fato que costuma causar temor como em países como os da Europa que formulam leis que barram a reunificação familiar (GREEN, 2011; PARELLA, 2007; PEDONE, 2008).

Siqueira et al. (2011) destacam que ao discutir relações de gênero procura-se analisar as relações de assimetria instituídas no plano simbólico e social que tem relação direta com a história e a ideia de desconstrução dos papéis até então oferecidos. Faz-se importante reconhecer a existência de um binômio dominação/subordinação que dá suporte para perspectiva patriarcal e que em maior ou menor grau faz com que a interface entre papéis de gênero e outros papéis alocados a homens e mulheres seja imposta ou negociada.

Averigua-se que mesmo distantes de seus pais e esposos na localidade de origem, a autonomia feminina pode ser controlada por mecanismos de vigilância que criam novas formas de subjugar e limitar o campo de atuação das mulheres, estabelecendo-se principalmente por meio de vigilância da comunidade em torno das esposas e filhas. Torres et al. (2007) relatam que para as mulheres podem se desenhar novos mecanismos de vigilância, a experiência de sentimentos ambíguos relacionados a autonomia que experimentam em diferentes graus, a percepção da vigilância como uma forma de cuidado e comprometimento do companheiro e a percepção de estarem sendo observadas e avaliadas a todo momento.

Lucy que vive um relacionamento conjugal à distância e apresenta diversas similaridades com os dados encontrados em pesquisas que investigam este tipo de relacionamento. Desde os primeiros contatos com Lucy a sua vida conjugal sempre foi um assunto constante nas narrativas, o marido trabalha em um garimpo localizado entre a Guiana a Venezuela, a guianense já esteve no lugar, relata que muitos brasileiros trabalham ali, que eles vivem rodeados por água e que os únicos meios de transporte para chegar e sair do local

são através de avião e barco, narra que no garimpo tem de lojas, bares, restaurantes e mulheres. A interlocutora falou sobre o relacionamento que já ocorria há cerca de 4 anos, destes o companheiro trabalhava há 3 anos no garimpo e que a principal motivação para o deslocamento foi a melhoria da situação financeira do casal.

Ó, a gente nem combinemos nada, era por necessidade na época né, porque eu tive que estudar, se ele ficasse em Boa Vista, eu num tinha o faculdade, num tinha um emprego bom tá entendendo? Porque a gente num tinha da onde tirar então eu tive que entender que ele tava indo pro trabalho para melhorar nossa vida, então eu tive que entender desse jeito. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 23/07/2013).

Torres et al. (2007) dizem que o sentimento de tristeza é maior nas primeiras semanas da partida do parceiro, quando este ainda está se estabelecendo e a comunicação ainda é irregular. Posteriormente, após cerca de duas semanas, verifica-se que os contatos começam a ser mantidos com frequência. Segundo estas autoras, começa assim a relação à distância, destacando-se que é recorrente que o homem tente usar as remessas de dinheiro como meio de manter a dominação sobre a parceira:

En casos como el de Elena, la estrategia aplicada es la llamada “del goteo”, en la cual el varón da dinero a la mujer cada cierto intervalo de tiempo, normalmente corto, lo que necesariamente implica que ella agote los recursos y tenga que demandar una nueva cantidad (TORRES et al., 2007, p. 52).

Parella (2007) relata que com o distanciamento do parceiro, as mulheres passam a ter sentimentos ambivalentes que trafegam pela autonomia obtida e pela solidão. Destaca ainda que esta autonomia perpassa a afirmação de seus direitos, a administração dos recursos econômicos, a inserção em empregos e o aumento do seu *status* em sociedades que permanecem com inúmeras características patriarcais.

Lucy informou acerca do contato com o marido que se dá predominantemente por meio de ligações telefônicas “Ah, telefone, primeiro era todo domingo e quarta-feira, e agora é só quinze em quinze dias” (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 23/07/2013). Contou ainda que nestas ligações que o marido falava sobre questões subjetivas como a saudade e os sonhos compartilhados, o que acaba reafirmando o afeto entre ambos por meio das lembranças de situações cotidianas que vivenciaram e sobre o projeto para o futuro que inclui o investimento do dinheiro enviado regularmente do garimpo para Boa Vista.

Neste quesito a existência de projetos, compartilhamento de deveres, de tarefas cotidianas, entre outros, que se estabelecem mesmo à distância, os cônjuges discutem desde a

compra de móveis e reparos na casa até o valor pago nas contas de água e energia elétrica e o questionamento do aumento destes gastos.

Ao se discutir sobre vínculos e relação de poder entre gêneros Torres et al. (2007) destacam a função do dinheiro no controle dos familiares na localidade de origem, principalmente das companheiras dos migrantes. O homem permanece como “*el administrador natural*” das economias da família, emitindo opinião acerca da destinação dos recursos e assumindo o papel de principal líder a quem se tem o dever moral de prestar contas e respeitar.

Pedone (2008) ressalta que o reconhecimento do esforço do “outro” e o perdão por possíveis ingerências financeiras e infidelidades também contribuem para a manutenção da relação. Segundo a autora, os filhos têm uma participação significativa na permanência da união conjugal à distância ao contribuírem para negociações, ao mesmo tempo em que são fundamentais na manutenção de contato frequente.

De acordo com Machado (2010) a ausência do migrante subjaz a percepção de incompletude nas relações que se estabeleciam cotidianamente e que fomentam os vínculos afetivos do parentesco e co-substancialidade; na relação entre casais é frequente que estes vínculos sejam ameaçados pelo questionamento da fidelidade (mulheres), redução e eliminação de remessas (homens) e a presença de filhos gerados com outros parceiros (principalmente quando envolve as mulheres). Este autor informa ainda que:

[...] há uma suspeição permanente sobre as mulheres, em geral capitaneada pela família do marido ausente. O mesmo não se pode dizer quando é o marido que fica, já que tivemos acesso apenas a uma história com esse teor. Quando é o casal que muda, obviamente, não acontece nada disso, embora muitas vezes a mulher emigre posteriormente para juntar-se ao marido, justamente para se livrar das fofocas geradas pela situação de separação. A *casa* como centro das relações de um núcleo familiar só funciona se for, na percepção dos entrevistados, completa, isto é, tem que ter o marido, senão é vista como suspeita ameaçadora (MACHADO, 2010, p. 20).

A existência de controle do corpo e do agir da interlocutora pelos parentes do marido que em sua ausência exerciam vigilância sobre as ações de Lucy é um ponto de atrito com os familiares do marido. A interlocutora dizia-se alvo de fofocas que questionavam a sua fidelidade. O arranjo encontrado por Lucy foi afastar-se da família do esposo o que ensejou a construção de tensão, principalmente com a sogra.

Além disso, os vizinhos passaram a participar da situação, pois monitoram o que acontece na casa da interlocutora e repassam as informações para a família do esposo da migrante, muitas vezes os boatos chegam até o garimpo. A interlocutora narrou que sabe das

atividades do marido no garimpo quando raramente vai visita-lo ou por meio do que ele lhe diz nas ligações telefônicas e durante as visitas à Boa Vista.

Olha, quando a gente não vê o coração não sinto né. Mas no tempo que eu tava lá ele me respeitava né. Se ele fazia, essa daí era quando eu não tava lá. Mas quando eu cheguei lá, eu era mulher dele, mulher pra todo lado. A gente andava, então até lá eu não vi nada. E se ele fez lá, tudo mundo cobriu e ninguém falou nada. Eu tava pesquisando e ninguém quis falar nada. Não, não faz nada! E ninguém vai falar né?! (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

[...] Até quando ele tá aqui ele pede Tá aí a moto, se tu quiser ir pra algum canto tu vai. Quando ele quiser sair, ele diz Eu vou sair e não sei que horas vou voltar. Então aquele confiança ainda tem entre a gente, então por isso que eu confio que ele tá lá. Tá entendendo? (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Segundo Scott (2011) nesta rede de comunicação existem mecanismos de controle direto e indiretos na vigilância da mobilidade da parceira nos espaços sociais durante a ausência do marido. Este tanto liga para a companheira indagando acerca do seu cotidiano como aciona os familiares, vizinhos e amigos constituindo uma “rede solidária de informação”.

Não se pode deixar de mencionar também a existência da “fofoca disciplinadora” que se propõe a indicar às esposas o que é moralmente aceitável. Este autor destaca ainda, que dificilmente a mulher contará com esta rede de solidariedade na localidade de destino do esposo. A possibilidade de acessar meios de comunicação entre quem fica e o migrante, muitas vezes, é precária e o temor que se instala é do parceiro iniciar um novo relacionamento na localidade de destino e deixá-la.

[...] meu marido gosta muito de mim, e eu não se dá bem com a família dele, mas eu nunca discuti com ninguém, nunca bati boca com ninguém, só isso que me falaram, já afastei, já fico só no meu canto, mas eu respeito se vem aqui na minha casa eu respeito. Trate bem, entendeu? A mãe dele, ela vem aqui conversa comigo e tudo, mas no fundo no fundo não gosta de mim, mas eu sei que ela conversa comigo, eu converso, trato bem. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Outro ponto de destaque é a existência de fofocas que funciona como controle social e apesar de pode ser interpretada como uma forma de expressão de afeto, quando relacionada com a interferência de parentes e amigos do casal, como ocorre com Lucy na fala abaixo, pode criar conflitos que trazem a sensação de ameaça.

Ah, demais! No outro dia acho que tu viajou (a pesquisadora), tava um problema muito doido aqui, que foi inventado que eu já tava com um homem em cima da moto do meu marido, eu fiquei. Ei, eu fique de cama! Esse acidente não aconteceu porque eu quis que acontecesse! E eu te falei que eu caí sozinha na moto? Meu marido tá no garimpo, e quando ele chega aqui? Aí tu tá entendendo? Mesmo que

ele confia em mim, mas tu nunca sabe o que eles (homens) tão pensando né? Às vezes o homem dorme do seu lado, e você não sabe nem o que eles tão pensando! E eu tava preocupada por causa disso, e era. Mas é mentira isso aí! As tias dele disse que me viram, com um homem. Tem uma moça. É morena, que tem um *Broz*, igualzinha a essa moto, eu acho que é ela, porque eu acho que elas viram na moto cum cara, e pensaram que era eu, mas não é eu! Jamais eu faria isso! Jamais! Consideração gente! Então eu. já rolou fofoca já. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Machado (2010) destaca que nas situações em que a distância torna-se conflitiva devido a fatores como os elencados acima, as alternativas encontradas são seguir o marido e muitas vezes deixar os filhos na localidade de origem por um número variável de tempo com parentes ou pessoas próximas à família; permanecer na localidade de origem, seguir as regras impostas ao seu “status” e viver sobre vigilância, ou ainda permanecer na localidade de origem e vivenciar as tensões quando houver quebra das regras sociais impostas. Scott (2011) destaca ainda que há casos em que o controle do companheiro é interpretado como conforto, preocupação e assegura o compromisso do parceiro com o projeto do casal, principalmente quando existe em conjunto com o envio de remessas.

“Enquanto o fluxo de dinheiro se mantém, ele opera como um substituto para as relações produzidas no interior da *casa* e como uma espécie de sangue simbólico, que prende e mantém as relações operantes e os planos iniciais em vigor. [...] Em muitos momentos, a fofoca causa a suspensão temporária do projeto migratório e o marido retorna para certificar-se da veracidade ou não dos boatos. Essas voltas são seguidas de grandes rupturas ou pela normalização do relacionamento e a subsequente volta do marido para a migração.” (MACHADO, 2010, p. 22).

De acordo com Scott (2011) existe uma marcante dualidade na interpretação dada à traição ou ao rumor de infidelidade entre homens e mulheres. Esta se constrói a partir de relações de poder que tornam a mulher o elo mais frágil no cotidiano relacional familiar e fazem com que a traição feminina signifique o fim da relação e a masculina não; o que se verifica no caso dos homens é que o poder simbólico das remessas e da figura do *homem provedor* acaba alimentando a relação à medida que este papel é qualificado como primordial e o elemento que dá autoridade ao esposo. A manutenção das remessas evidencia a manutenção dos planos compartilhados desde o início do processo migratório mesmo com os rumores de traição ou mesmo com a certeza de que tenha acontecido.

A vigilância também implica em discriminações às amigas das esposas, a reputação e as experiências vividas pelas amigas, principalmente aquelas adquiridas após a separação física do companheiro. Esta autora informa que existência desse preconceito e

controle implica em novas organizações da moradia em mais um elemento criador de tensão e de mudanças durante o processo migratório (MACHADO, 2010).

Segundo Siqueira et al. (2011) as mudanças ocorridas com a vivência do processo migratório faz com que as mulheres acabem assumindo inúmeros papéis e rompendo com a imagem cobrada pela comunidade na ausência do esposo ou mesmo do pai. Relatam que a independência e autonomia adquirida com a obtenção de uma fonte de renda e da possibilidade de transitar em inúmeros espaços fortificam o enfrentamento diante dos comentários maliciosos que surgem de várias direções.

3.3.2 Trabalho e mulheres migrantes: autonomia e *empoderamento*

Está claro para inúmeros autores como Fazito (2002), Soares (2002), Sasaki e Assis (2000) que o projeto migratório envolve tanto os que se deslocaram como os que permanecem na comunidade de origem e nesta medida, as mulheres invariavelmente participam, pois mesmo quando permanecem na localidade de origem, para que a migração masculina se efetue, esta assume a tarefa de administrar a família e a casa sozinha, muitas vezes adotando tarefas que acreditava impossível de concretizar (SIQUEIRA et al., 2011). Green (2011) destaca que o mercado de trabalho é um importante elemento para estudos acerca de processos migratórios e que os serviços domésticos ganham destaque na atração de mulheres tanto de solteiras como de casadas.

As relações familiares das mulheres guianenses, na localidade de origem, remetem à dependência familiar e/ou conjugal e a migração torna-se um meio para adquirir autonomia (ROST E RODRIGUES, 2008). Ainda como aspectos do processo migratório, observam-se nos relatos desta pesquisa e de outras como a de Rodrigues e Vasconcelos (2012) o *empoderamento*⁸ das mulheres na localidade de destino, a resolução ou ampliação dos conflitos relacionados aos padrões patriarcais de relacionamento conjugal, além de reunificação familiar na localidade de destino.

A migração subjaz a busca do migrante por maior qualidade de vida, a influencia nos espaços de convívio no país de origem, redefinindo, por exemplo, relações de gênero e a

⁸ Krmpotic (2012) descreve o *empoderamento* como a possibilidade de uma pessoa ou grupo realizar efetivamente escolhas (políticas, sociais, culturais, econômicas) sobre si. Para a autora está diretamente ligado a existência de oportunidades e a possibilidade de analisar e eleger os caminhos a percorrer, ao mesmo tempo em que demanda a existência de recursos psicológicos, materiais, informacionais e humanos.

própria construção do projeto migratório que, na maior parte das vezes, envolve o aumento da autonomia e a solidariedade do grupo social (SCOTT, 2011).

Para Siqueira et al. (2011) fatores macrossociais que envolvem a migração estabelecem novas formas de agir no cotidiano das mulheres, levando-as para além do espaço doméstico e tornando-as também fabricantes dos arranjos sociais. Ao vivenciar a migração a mulher pode passar por um “descobrimento de si”, replanejamento do cotidiano devido à ausência do parceiro ou do familiar representante da estrutura patriarcal e imediatamente, a adoção de mais comportamentos voltados para o seu *empoderamento*.

Na Guiana somos muito... Pelo menos as mulheres, fomos criados pra ser submissos, a não ser também pela idade, certas coisas agente não enxergava, mas quando vim ao Brasil via a diferença da vida conjugal, do jeito das mulheres com os filhos até mesmo a liberdade que dava assim de conversa, lá eu conhecia é só você impor, as crianças não tinha que ter a sua vez de falar, então essa era uma das coisas que eu vi que a gente tinha que ser flexível né? E eu tentei com a base lá rígida, mas com uma flexibilidade né? Que eu agradeço muito a Deus por poder conhecer esse outro lado e não enxergar só o lado rígido parece que você está cego você só vê uma coisa então esse outro lado influenciou bastante. Eu agradeço a Deus e agradeço também as pessoas que sempre vinha, eu mal falava português e elas falavam certas coisas e você ouve e você pensa o que é certo o que é moral ou imoral e aí você tira um melhor ou o bem e você aplica e isso foi muito importante muito legal. (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

O meu primeiro marido. Os guianenses têm alguns que tem esse negócio, principalmente os indianos, que não quer que mulher trabalhe fora, o serviço delas é ficar dentro de casa e cuidar do marido e dos filhos. (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Responsabilidade de cuidar as coisas. Por isso eu sempre digo que por onde eu for eu vou me vê bem! Eu não vou ficar dependendo de ninguém. Claro que eu não posso viver sem eles (esposo), né? Mas eu vou dar um jeito na minha vida pra poder sobreviver. E esse daí até hoje eu tô fazendo. Mas não é assim, a melhor opção, mas quando você está só tu raciocina mais, tu vê as coisas mais claras, porque não tem ninguém, nenhum homem chorando no teu ouvido, mas é duro, é duro. Mas você tem que ter coragem. Eu criei as minhas filhas sozinhas, nunca roubei, nunca menti, nunca enganei, nunca rodei bolsinha na esquina pra ganhar nada! Sempre trabalhando, trabalhando e trabalhando. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

A autonomia feminina com a partida do esposo é crescente e que após o retorno do cônjuge enfrentam dificuldades, pois, passam a lutar por igualdade no relacionamento e a manutenção da independência e autonomia, realidade que destaca o caráter complexo do processo migratório. Muitas mulheres que vivenciam a migração percebem possuir potencial sobre os quais não tinham consciência e passam a desenvolver outras habilidades, elaboram projetos que antes não sentiam capazes de desenvolver (SIQUEIRA et al., 2011).

Às situações de retorno ao lar do companheiro ou de se estabelecer na localidade de destino que possibilita maior autonomia para a mulher porque o casal acaba tendo que

administrar a existência de transformações que a migração iniciou em suas vidas e saber equilibrar-se diante das transformações que fazem erigir novos laços nas relações (TORRES et al., 2007).

O *empoderamento* feminino se dá principalmente a partir do momento em que conseguem obter um emprego que possibilite a edificação e concretização dos objetivos de vida de cada uma das migrantes. Siqueira et al. (2011) relatam que com a diminuição da opressão imposta pelo modelo patriarcal que se dá, por exemplo, com a ausência do cônjuge, novas identidades de gênero vão se formando, principalmente quando mais do que coprovedora, a mulher, torna-se provedora do lar, abre-se, portanto, espaço para negociação da atuação feminina no espaço público e não só para a invisibilização, renúncia ou o conflito. A este respeito (GREEN, 2011, p. 44) informa que:

Como a migração provoca tensões nos casais e famílias, criando novas expectativas e normas por parte daqueles que partem primeiro e os que seguem posteriormente? Reajustes ocorrem à medida que regras econômicas e chefes de família mudam de lugar, que uma nova língua é aprendida por alguns mais rapidamente que por outros, que novas normas sociais afetam homens e mulheres diferentemente.

Trata-se, portanto, de abrir-se à existência de modelos e valores alternativos, importantes para as migrantes. Pressupõe a existência de espaço para sair da situação invisibilização para a condição de atrizes políticas, construindo processos de reafirmação, para recuperar a dignidade e ter convivência equilibrada entre as diferenças que habitam os mesmos espaços (DIAZ-POLANCO, 2006).

Apesar das conquistas adquiridas ao se incorporarem ao mercado laboral, as mulheres possuem condições mais precárias de trabalho e suas contribuições nos ganhos domésticos, na maior parte das vezes, não lhes garantem sair por completo da condição de subordinação. Caso diverso ocorre com os filhos homens que ganham outro nível de autonomia ao acionarem as possibilidades ocupacionais. Para estes migrantes guianenses que decidem sair de seu país e morar em Boa Vista, o processo de fixação de residência na cidade e obtenção de emprego proporciona a aquisição gradativa de maior liberdade das repressões comunitárias e familiares, através da conquista de seu próprio espaço e voz dentro e fora da unidade doméstica na medida em que consegue manter-se com seu salário.

Após a chegada ao Brasil e o processo de obtenção de estabilidade a mulher obtém emprego com maior facilidade no mercado de trabalho boa-vistense enquanto o homem encontra maior dificuldade para conseguir trabalhar. Então, muitas vezes, resta apenas para estes homens o trabalho autônomo, como camelô, feirante, vendedor de bebidas em festas,

etc. Garcia (2007) revela que homens e mulheres lidam de formas diferentes com as mudanças ocasionadas pelo processo migratório.

No processo de aprendizagem e ressignificação contínua que ocorre na localidade de destino também sucedem sentimentos de estranhamento e rejeição. As mulheres atuam com maior resiliência nos momentos em que é necessário pedir ajuda, ao se depararem com situações de desamparo e, sobrepuja-las. Já para os homens o sentimento de humilhação é maior porque não estão habituados a lidar com sentimentos associados á imagem de fracasso, sofrem ao serem vistos pela companheira, pelos filhos e por aqueles que estão em contato direto, como seres frágeis e que demandam amparo também.

O exemplo do pai de Paul é um indicador característico, pois, segundo o interlocutor, na Guiana, o seu pai trabalhava com carpintaria, marcenaria ou mecânica, mais nos primeiros anos em Boa Vista, obter emprego foi bastante difícil, passou bastante tempo fazendo tranças em cabelos a domicílio, fazendo e vendendo acessórios para cabelo em crochê, atividades que aprendeu após chegar ao Brasil e que realizava em companhia da esposa. Posteriormente passou a trabalhar como vendedor ambulante, o pai de Paul, que atualmente reside em Lethem, foi um dos primeiros vendedores ambulantes de bebidas em festas de Boa Vista-RR.

Verifica-se, por conseguinte, a mudança necessária para se organizar no espaço público boa-vistense, o exercício contínuo que é exigido deste homem que não aprendeu a depender financeiramente de sua companheira, fato que pode acabar lhe fragilizando, pois fere os modelos de estruturação relacional no ambiente familiar. Abaixo se pode visualizar a narrativa de Anne que fala sobre a situação trabalhista dos seus irmãos que têm como constância o desemprego ou empregos precarizados, mas o desejo latente de ser reconhecido como cidadão e a oportunidade de participar do mercado de trabalho formal, distanciando-se do desemprego e da marginalização a que estão expostos constantemente.

Não, infelizmente não (*o irmão 1 não está trabalhando*) porque com ele, ele quer trabalho com carteira assinada, mas aquele (*irmão 2*) que tem que é seis anos mais velho que eu, ele que tá fazendo bico hoje em dia, ele trabalhava lá no S.J.E (*comércio*). Agora ele tá no bico né, ele não tem carteira assinada eu acho até hoje, depois ele saiu do emprego fixo e ele fica assim, batendo aqui e ali, fazendo bico só. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Marta menciona a dificuldade inicial de seu marido para conseguir emprego. Afirma que em seu caso específico, a situação não foi tão difícil por compartilhar o esforço que ocorria a partir do entendimento que era uma luta para a família, por apoiá-lo em alguns trabalhos como autônomo, por entender que é o papel da mulher e pela existência de um

intenso vínculo afetivo fortalecido pela construção conjunta do projeto migratório e pelo fato que neste momento, deslocando-se por um território desconhecido, o casal tem poucas redes de contato e apoio. DeBiaggi (2003) também aponta casos em que a mulher vivencia uma dupla jornada, apesar da ocorrência de independência no espaço público, permanece com os papéis conservadores no espaço doméstico, continuando responsável pelo cuidado do lar e de todas as atribuições que isto implica.

Eu sempre acredita, se você ama, não é porque o homem tem que buscar, o homem tem que te dar tudo. Como tem alguns homens machistas né? Que mesmo a mulher trabalhando quer dominar e tudo mais. Então quando você trabalha, você sabe que é pra vocês então isso não foi nada difícil assim, não vejo problema nisso. Ai depois que ele começar, foi de vendedor ambulante, a gente foi junto, sempre pro é melhor procurar fazer uma coisa que ele sabe fazer, vendedor ambulante, se é mecânico, essas coisas, mas não foi difícil não. Eu sei que a gente tinha que ter tempo pra tudo correr bem e correu bem! E depois ele começou a trabalhar e eu sempre trabalhando fora, eu fui com ele e depois cabelo. Porque é o amor, quando você se casa, você se faz, pro melhor, pro pior, doença, tristeza, em tudo. Você tem carregar essas coisas, é uma coisa muito sólida! Então se o teu marido vem e tem uma posição que o teu marido não consegue trabalhar, você é que tem que apoiar, então essas coisas eu tinha comigo e graças a Deus a gente foi. Até que não deu mais por outros motivos e não por conta disso. (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Aqui não, as mulheres não. A maioria não aceita se tem que brigar briga! Eu pelo menos, eu calava a minha boca, não falava nada, chorava ate mais eu sei que algum dia vai ter que mudar né? E aqui não, as pessoas não abrem mão! Tem que ser assim! Não pode. E vai brigar até o fim, as mulheres né? Mas uma das coisas que a gente tem que ver: o homem é a cabeça! Não tem. Isso é ate biblicamente. Deus colocou o homem pra ser a cabeça! Como diz, a mulher é o pescoço então temos que ter respeito um pelo outro tem que tentar conviver um com o outro de forma digna o respeito em todas as coisas! (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Como já se verificou nos fragmentos das narrativas acima expostas, a obtenção de emprego pelos homens guianenses em Boa Vista é difícil, o mercado de trabalho que pode abarca-los, muitas vezes, exige pré-requisitos mínimos e conhecimento, por exemplo, para trabalhar em construção como pedreiro ou auxiliar. As redes sociais na localidade de origem podem articular as redes sociais no lugar de destino e apoiar a inserção no mercado laboral. De acordo com Garcia (2007) é neste momento que a mulher adquire uma gama renovada de poder no cotidiano relacional, pois acabam construindo canais para acessar os serviços proporcionados por instituições públicas, garantir trabalho e fontes de renda mais regulares em um primeiro momento.

DeBiaggi (2003) relata ao ter maior facilidade para encontrar emprego, a mulher vivencia uma situação diferente daquela em que se encontrava na localidade origem, o poder que o papel de principal provedora do lar lhe dá favorece a quebra do que é culturalmente definido como características e deveres feminino e masculino, a quebra de um arranjo familiar

conservador implica na obtenção de um maior grau de independência e poder na relação conjugal, assim como aumenta o sentimento de autoconfiança, o homem vivencia esta situação como um rebaixamento do *status* que fere a sua autoconfiança e autoestima.

Como se pode observar os preceitos morais e religiosos aprendidos impõem uma posição de submissão da mulher que “*tem que carregar essas coisas*”. Todas essas transformações possuem nuances e contextos específicos, a intensidade com que alguma mudança será vivida no relacionamento depende dos envolvidos. Mas a interlocutora não deixa de pontuar acerca da existência de “*homens machistas*” e sobre a percepção de grupos de pessoas que acreditam que homens que têm que “*dar tudo*”. DeBiaggi (2003) informa que a ideologia conservadora que vincula o homem como aquele que dá a última palavra diante das decisões conjugais, ou seja, é “*o cabeça da família*”. Também pode permanecer e ser alimentada pelos integrantes da família e sendo reproduzida por estes.

3.3.3 Estratégias de permanência: o papel dos relacionamentos e a vivência familiar no Brasil

Observou-se durante a pesquisa que falar sobre documentação criava tensão no diálogo estabelecido, o discurso passava a ser pontuadas por hesitação, histórias de conflitos e por justificativas acerca da aquisição da naturalização brasileira. Fato este que assinala o ponto de confusão quanto à identificação da nacionalidade no espaço público e principalmente, no que envolve obtenção de direitos semelhantes aos que são concedidos aos nascidos em território brasileiro.

As leis migratórias, cada vez mais enrijecidas por diversos países, impedem o cumprimento das exigências para regularização da migração. A dificuldade de acesso à informação quanto aos direitos, deveres e meios de obter documentos necessários para a fixação na localidade hospedeira é um dos aspectos que favorece a condição de marginalização (LUSSI, 2010). Quanto às dificuldades encontradas envolvendo a falta dos documentos necessários para participar de forma cidadã na localidade hospedeira, Oliveira (2006, p. 151) destaca que:

Assim, a necessária invisibilidade da condição de ilegalidade afasta e exclui os migrantes dos diferentes modos de apoio institucional e torna-os excluídos de qualquer medida oficial de integração social. Por outro lado, sua inserção em ocupações social e culturalmente desqualificadas, bem como a impossibilidade de apresentarem publicamente práticas que veiculem representações positivas de sua identidade cultural, leva as representações produzidas sobre eles a serem operadas

em um quadro de extrema desigualdade, associado, sobretudo, a elementos pejorativos.

Existe, portanto, uma estratégia perversa que constrói fronteiras internas que desqualificam os migrantes influenciando no seu agir prático e simbólico, encaixa-se determinado grupo nos limites delimitados pelas representações construídas na localidade hospedeira, não se espera que estas pessoas sejam retiradas do espaço nacional, mais sim que permaneçam invisíveis, servindo aos propósitos estabelecidos e em lugares delimitados (NETO E FERREIRA, 2005).

Lussi (2010) informa que para além da posse de um documento, a cidadania pressupõe a ação das pessoas nos espaços sociais de acordo com suas práticas culturais, particulares e coletivas. De acordo com Oliveira (2006) a experiência de ser migrante indocumentado perpassa a representação de “imigrante ilegal” categoria pejorativa que implica na atribuição de predicados que marginalizam o sujeito em deslocamento e lhe remete à realidade de que este terá que desenvolver estratégias para atuar num espaço de contradição em que a sua presença é limitada por inúmeras forças na sociedade.

Vários dos migrantes abordados durante a pesquisa relataram acerca das dificuldades enfrentadas, quando não relacionadas ao viver no Brasil na posição de indocumentação, descreviam também situações vividas na Guiana, pois nem todos possuíam os documentos de identificação daquele país. Com relação aos entrevistados, as situações são diversas, um possui desde que veio residir no Brasil a documentação necessária e dois estão em busca de conseguir junto à Polícia Federal, no entanto, a busca por visto e por naturalização é árdua, permeada por negativas e burocracia que impelem o migrante para saídas paralelas à oficial.

Anne, por exemplo, disse que encontrou dificuldades para retornar à Guiana para presenciar o funeral da mãe devido à falta de documentação que comprovasse a nacionalidade guianense, por isso, após conseguir transpassar a barreira institucional guianense na fronteira também fez a documentação daquele país, inclusive chegou a votar. Abaixo a migrante relata o discurso que fez para que as autoridades guianenses permitissem a sua passagem.

Eu disse: olha gente, eu sou inglesa! Mas não, tu vem do Brasil, tem que ter passaporte! Querido, eu não entrei no Brasil com passaporte e eu tô saindo sem passaporte. Né? Eu disse: olhe, minha língua, minha fala, já diz quem eu sou, porque o que eu sei de *criole* nenhum brasileiro sabe. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

A partir da fala da interlocutora, constata-se que a caracterização quanto à nacionalidade perpassa inúmeros símbolos extraoficiais que legitimam o pertencimento das

peças a determinado grupo. Com relação a esta migrante, o domínio dos signos linguísticos nacionais e intragrupo lhe confere um direito que sobrevive apesar da falta de documentação exigida pelo Estado Nacional, fato que encontra ressonância inclusive nas instituições daquele Estado já que a sua entrada foi autorizada no país.

De acordo com Rost (2009) verifica-se que as migrantes, principalmente as com identificação étnica indígena se apropriam da nacionalidade guianense e brasileira, estas utilizam *identidades contextualizadas* (BAINES, 2012) e assim conseguem obter documentação dos dois países e participar da vida pública em ambos os lugares.

Eu tirei como brasileira, mas o pessoal já disse que eu podia tirar como . eu dizia *não me enrola não!* então disse *não, vou tirar daqui*, como eu já não tinha o documento tudo de lá, como eu só tinha o registro então eu vou tirar como se eu tivesse nascido no Brasil. Ai as vezes meu patrão fala *Vou mandar te prender!* Ai digo *Não tem mais!* (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Também há relatos relacionados à documentação que estão associados à imagem criada por algumas pessoas no Brasil quanto ao oportunismo dos migrantes guianenses que teriam como um dos pontos de interesse no país o usufruto de benefícios sociais que são garantidos aos brasileiros. Abaixo se pode ver um exemplo desta situação vivenciada pelos guianenses:

Depois começaram a falar, se bem que foi no racismo né, que as pessoas lá da Guiana vêm aqui no Brasil tirando documento. Eu disse: Olha, eu não vejo nada errado a pessoa tirar. Bem, desde que tenha o sangue brasileiro, né? Se não tem, aí tá aproveitando uma coisa, né, mas se você tem essa ligação, sangue brasileiro, eu acho que nada mais que justo né? Não, porque tão chegando, pegando os benefícios, não sei o quê, não sei o quê. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Constata-se que o deslocamento de pessoas envolve as oportunidades concedidas no Brasil assim como lidar com a percepção de determinados grupos locais que consideram a presença estrangeira como ameaça em diferentes níveis, inclusive no econômico. Nota-se a partir da fala de Anne que o sentimento de pertencimento é ambíguo para o migrante, além disso, é patente a existência de uma forte demanda por educação sobre a entrada e permanência do estrangeiro no Brasil.

Não obstante, ao se contextualizar a realidade roraimense, tem-se que ambos os países possuem grupos indígenas de etnias semelhantes (BAINES, 2004; PEREIRA, 2007), que os deslocamentos de pessoas entre as duas localidades é intenso e permite um grande número de aproximações (CORBIN, 2009), também há o grupo nacional de descendência

portuguesa que têm diversos aspectos socioculturais que convergem com o cotidiano sociocultural brasileiro.

A obtenção da documentação na narrativa dos migrantes já legalizados esteve associada à existência de familiares brasileiros, principalmente indígenas da região fronteira, que influenciaram na confecção de documentos que indicavam cidadania brasileira, também informaram sobre a rede de amigos e empregadores que intermediaram a aquisição dos documentos com maior agilidade.

Pode-se pontuar esta situação a partir da narrativa de Lucy que conseguiu obter a documentação depois de adulta com a ajuda da avó materna brasileira; Anne informa que tirou a documentação como brasileira quando tinha em torno de 21 anos com a ajuda do pai indígena brasileiro; Mary informa que foi fácil conseguir regularizar a estadia no Brasil, que obteve aos 18 anos com ajuda de empregadores e que escolheu identificar-se como brasileira; Marta informa que recebeu auxílio de amigos, e que possui identificação apenas como guianense; todas as interlocutoras também possuem documentos que indicam a cidadania guianense.

Outra das estratégias para obtenção de documentação entre os migrantes é o casamento com brasileiros, fato que aparenta ser bastante comum entre as estratégias conhecidas pelos interlocutores. Verifica-se que a inserção no papel de indocumentado acontece já na localidade de origem quando da construção do projeto migratório que não contempla a tentativa de se deslocar com a documentação necessária. Esta realidade já pressupõe o papel de “ilegal” que carrega consigo a demanda por discrição, invisibilidade e o reconhecimento de que se poderá ter que sujeitar a sacrifícios enquanto for depositário desta condição (OLIVEIRA, 2006).

Não obstante, constatou-se entre os migrantes ouvidos que a escolha do parceiro, muitas vezes, permanece voltada para alguém de mesma nacionalidade ou que seja identificado como tendo características semelhantes às de parceiros da localidade de origem. Outro ponto a se ressaltar é que se observa que estes relacionamentos duram tempo limitado, geralmente os primeiros anos de chegada ao Brasil, período que envolve a concepção de filhos e a convivência compartilhando diversos aspectos da cultura guianense.

Wall, Nunes e Matias (2008) dizem que a migração em companhia do cônjuge ou mesmo quando este é encontrado na localidade hospedeira, mas compartilha da mesma condição (ser migrante internacional de mesma nacionalidade), há uma união que se relaciona a estar junto para enfrentar as situações vivenciadas no processo migratório e pode se apontado com maior clareza na trajetória das interlocutoras Marta e Mary e da mãe de Steve

que tinham com o companheiro a ideia de evitar a separação dos filhos e fazer com que o tempo afastado fosse o mais temporário possível, além de tentar fortalecer os valores familiares da localidade de origem, assim como, fazer com que o emprego encontrado proporcionasse rápida reintegração de toda a família na sociedade de acolhimento.

Garcia (2007) também destaca que nas famílias que migram unidas a manutenção de papéis de gênero da localidade de origem são preservados, em grande medida, mesmo quando as mulheres têm acesso ao espaço público e quando assumem funções tradicionalmente masculinas como ser a principal provedora da família no local de destino, de acordo com esta autora deve-se pensar as identidades de gênero no campo transnacional através das diversas estruturas de diferença que funcionam de maneira dinâmica e complexa, sendo a redefinição da divisão sexual do trabalho um dos seus pontos determinantes.

Schuler (2010) informa que é recorrente a narrativa de mulheres migrantes acerca do sentimento de isolamento e solidão na localidade de destino, cotidianamente tanto mulheres quanto homens são obrigados a desenvolver estratégias para manter-se na localidade hospedeira e o envolvimento em um relacionamento amoroso intercultural permanente ou transitório pode significar a obtenção de sentimentos de amparo e maior desenvoltura na circulação nos diferentes espaços sociais.

Estudos sobre casamentos e uniões que possam receber legitimação estatal no contexto do processo migratório é um fenômeno ainda pouco estudado no que diz respeito ao discurso dos envolvidos, tanto no que se refere aos migrantes internacionais que moram no Brasil e nas fronteiras, como com os brasileiros que vivem em outros países (ASSIS, 2003; DEBIAGGI, 2003).

Blanchette (2005) menciona ainda que o casamento envolve a união de dois estranhos em um relacionamento socialmente legitimado que se comporta em um movimento dialético e pode passar por inúmeras redefinições em seu projeto conjugal. Este autor traz para a discussão a análise do casamento, que aparece nas narrativas sobre a migração como um coadjuvante, mas que, muitas vezes, é uma peça importante no estabelecimento do migrante na localidade de destino, discorre sobre o casamento com pessoas da localidade hospedeira e sobre a qualificação do casamento como “verdadeiro” (por amor) ou “falso” (movido unicamente por interesse na permanência) atribuída pelo Estado e pelas integrantes da sociedade de destino.

DeBiaggi (2003) diz que a atuação da migração sobre as relações e padrões interacionais do casal, assim como, do restante do grupo familiar pode não ser aceita com facilidade, criando tensões que quando não resolvidas desencadeiam crises que podem evoluir

para a separação conjugal e o conflito familiar. Para Blanchette (2005), muitas vezes, esse casamento quando associado à migração representa a formalização jurídica de um relacionamento íntimo prévio, algo que é oficializado para que a manutenção do relacionamento amoroso seja possível diante de circunstâncias como a falta de documentação ou dos pré-requisitos para permanecer na localidade de destino.

Lucy relata que possui uma extensa família que mora em Boa Vista, segundo informa são onze primos do ramo paterno de sua família (majoritariamente guianenses). Destaca também que uma das estratégias que estes familiares usaram para conseguir a documentação necessária para residir no Brasil foi a realização de casamentos com brasileiros, ressalta que mesmo através deste meio, o processo de obtenção de uma situação legal junto às autoridades brasileiras foi bastante difícil, há relatos de dificuldade na obtenção dos documentos mesmo quando estão de acordo com a legislação brasileira.

Não, não foi fácil não. Eles teve que casar com brasileiro pra conseguir o documento. Foi uma luta! Passaram acho que quase dois anos lutando pra conseguir, mas não foi fácil não. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Blanchette (2005) informa que é constante a existência de um relacionamento amoroso preexistente que apenas é formalizado para que um dos integrantes da relação possa permanecer no país de destino; ao se analisar a categoria casamento parte do pressuposto de que ela não deve estar delimitada segundo o conceito burguês de que envolve a união que ocorre devido afeição mútua e projetos de vida compartilhados pelo casal, neste caso, o casamento por visto careceria de legitimidade e se reduziria a uma categoria acusatória do que lhe falta, deixa-se de notar que além de servir para transpassar os obstáculos impostos pelo Estado no que diz respeito à migração, este casamento também pode envolver a intimidade das práticas cotidianas e o compartilhamento de sentimentos e substâncias.

De acordo com Schuler (2010), a ocorrência de casamentos interculturais é um fenômeno que está diretamente associado à globalização, é um tipo de relacionamento que envolve desafios sociais, cognitivos e emocionais. Esta autora informa ainda que se caracteriza como a união entre duas pessoas que podem ou não compartilhar características socioculturais semelhantes. A globalização possui caráter assimétrico e desconstrói as ideias estabelecidas sobre as identidades nacionais, principalmente por interconectar comunidades e organizações, ocasionando o crescimento de questões múltiplas e por vezes divergentes, tais como: homogeneização cultural, reforço de identidades nacionais, identidades híbridas (HALL, 2006). Este autor destaca ainda que o encontro entre diferentes culturas forma uma

amálgama traduzida pela categoria de hibridismo cultural e que produz formas culturais com poderosa fonte criativa e que se adequam a realidade cada vez mais globalizada que se vive atualmente.

Ao se fazer uma comparação entre guianenses e brasileiros pode-se reconhecer que diante da diversidade sociocultural de ambos os países, inúmeros encontros podem se constituir. Abaixo se podem visualizar na fala de Jack alguns dos pontos de aproximação encontrados por ele e por seus familiares, itens que estão associados a aproximações em diversas questões, inclusive no que diz respeito à hierarquização racial dissimulada que ocorre no Brasil.

Primeiro acharam um pouco difícil por causa da língua né, apesar da gente ser descendência de portugueses, a língua lá era inglês, acharam difícil, mas aos poucos foram se adaptando e acostumando né, principalmente meu pai, meu pai conseguia dialogar com os brasileiros fez muitas amizades apesar de não falar português, mas fazia se entender, misturava o português com o inglês [...]. Então foi assim, meus pais acabaram gostando e se perguntasse se eles quiseram voltar, não quiseram porque os filhos aqui o que eles iam fazer lá e aqui eles se identificaram mais, é você pode perguntar se é um pouco racista, mas não é, porque por a gente ser de descendentes portugueses né, então meu pai se sentiu mais à vontade no meio de outros descendentes de portugueses e a maioria dos brasileiros é descendente de português apesar de ter misturas e índios e negros de cor assim, então ele se sentiu mais à vontade, e aos poucos se sentiu mais brasileiro que guianense propriamente dito. [...] Bem, graças a Deus que nós somos católicos por sermos portugueses talvez né, e o Brasil a maioria é católico. [...] com o tempo a gente foi acostumando, acostumando e chega uma hora que parece que nem sentia mais falta de lá, como a família não tava mais lá, meus amigos tinham todos ido embora então motivo pra voltar lá não tinha e sempre fui contra o governo de lá. (Jack, 59 anos, entrevista realizada em 29/10/2013).

Ao falar sobre suas companheiras brasileiras, nota-se o interesse maior dos migrantes por mulheres que têm valores semelhantes aos contemplados no modelo de mulher guianense, referem que têm comportamento mais conservador, são mais introspectivas e dão grande significado à concepções sobre a moralidade feminina quanto ao número de parceiros anteriores, locomoção nos espaços sociais, vestimentas, entre outros. Já as migrantes relacionam o comportamento mais afetivo aos companheiros brasileiros, há maior liberdade para a mulher dentro e fora de casa. As migrantes guianenses mencionam ainda que:

Eu acho que os brasileiros, da minha parte, dos dois maridos que eu tive, meu primeiro e meu segundo que eu tenho agora, são muito carinhosos, sabe, sempre se preocupa né, eu acho melhor brasileiro, da minha parte. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Brasileiro, eu nunca namorei ninguém guianense. Até as pessoas dizem que é preconceito comigo, mas não é preconceito comigo, eu já acho assim, eu já acho, da minha parte, eu já acho que eu sou escuro aí. Que eu já sou escura né? Aí já namorar com uma pessoa mais escura de que eu. Eu já acho um tabu já pra mim. Entendeu? eu não tenho nada contra, não tenho preconceito, mas eu acho que não cola não!

Não, eu pode ver um homem ali lindo, mas ele lá e eu aqui entendeu? Não faz parte da minha vida eu gosto mais de gente clara! [...] A minha prima é casada né. Segundo o que ela me fala, que ele é, eles são grosso né, é não sei o que, eles não entendem as mulher! (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Nota-se que além do atrativo do visto, o relacionamento que pode culminar em casamento com brasileiros também pode significar a internalização de um projeto de embranquecimento significando a ascensão da descendência para patamares sociais superiores na estrutura racial brasileira. Sendo que o relacionamento amoroso com o guianense pode simbolizar para uma parcela dos migrantes um retrocesso e estratégia errada na concretização da permanência no Brasil.

A união entre pessoas que já é naturalmente negociada em função das diferenças de família, região, nível educacional e classe social, pode se tornar mais complexa quando envolve um casal proveniente de países com diferenças culturais; pode-se até compartilhar conceitos básicos, mas a forma de interpretar e reagir diante de inúmeras situações pode ser considerado irracional ou apenas corriqueiro (SCHULER, 2010). Esta autora destaca ainda que:

Quando estamos fora do nosso equilíbrio cultural passamos mais tempo entendendo o que está acontecendo do que participando do acontecimento e essa é exatamente a experiência de muitas pessoas que se encontram em meio a uma cultura estrangeira. Elas sentem que as estratégias para lidar com o dia a dia não funcionam mais. Em uma situação de choque cultural, nós não nos sentimos seguros, não sabemos o que é esperado de nós, nem o que esperar das pessoas que estão ao nosso redor (SCHULER, 2010, p. 62).

A distância linguística é uma das grandes diferenças entre os povos dos dois países e de acordo com Melman (1992) dos principais fatores de impacto no estabelecimento de um relacionamento intercultural. Para Schuler (2010) a diferença da língua materna num relacionamento que envolve intimidade, cria um desequilíbrio entre os envolvidos, desde a transmissão de humor e emoções no diálogo até a participação do casal nos espaços públicos; há também a distância da família, o reduzido número de pessoas a quem recorrer diante de conflitos no relacionamento, além do desconhecimento de direitos e deveres jurídicos associados à relação conjugal, sem deixar de mencionar as diferenças étnicas, costumes morais, preferências alimentares. A respeito das divergências que podem ser vividas nos relacionamentos interculturais apresenta-se a fala de Lucy:

É aqui em Boa Vista é, agora em Manaus não (é um lugar onde as pessoas aceitam e tratam bem o guianense negro). Não, raramente você vê gente negra, você não vê, raramente. Eles (familiares do esposo) não aceitava. A parte do meu marido, ex -

marido. Me chamava de macaca, é me chamava tudo isso, preto, tudo isso me chamava. Ele é descendente de italiano. O pai dele é italiano e a mãe dele é brasileira. A minha separação é mais por causa disso. (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

Outro ponto de conflito é a criação dos filhos, para Schuler (2010), à medida que as crianças crescem, dependendo dos arranjos feitos entre o casal, a situação familiar tende a se estabilizar ou se complicar. Segundo Assis (2011), em famílias de migrantes, onde pai e mãe são estrangeiros de mesma nacionalidade, a situação pode ser considerada, por certo prisma, mais simplificada, pois ambos os pais possuem experiências culturais semelhantes, assim, os filhos convivem com pontos de tensão nos relacionados a costumes dentro da família que não se assemelham ao vivido fora desse contexto. Já no relacionamento intercultural esta dualidade de costumes e valores deve ser mediada dentro do convívio doméstico, apresentando-se abaixo as experiências de Lucy e Anne sobre este assunto:

É tipo assim, ele como ele (filho) foi, na época ele era o único neto. Então tudo que ele queria eles fazia gosto dele, eu não concordava com isso, até mordida os priminho, assim né, mordida os bochechas, deixava por isso, achava graça, achava bonito, eu achava isso errado, então eu batia na boca e eles ficavam com raiva, ficava chateada! Já começou a discutir Ah você só sabe bater! Bater! (Lucy, 31 anos, entrevista realizada em 30/09/2013).

[...] eu criei meus filhos na forma que eu foi criado, ou pelo menos tentei né, porque esses três pequeninhos aqui são diferente dos mais velhos, eu sou mais atolerante com eles, só que o mais velho uma vez eu tinha dado umas lapada ele, e ele foi pro colégio e contou pra professora ai ela disse: Não, na próxima vez pode chamar conselho tutelar então ele voltou pra casa e disse pra mim: Mãe, a tia disse pra eu chamar conselho tutelar quando a senhora me bate, então eu disse: Olha, não tem problema é só chamar e eu vou perguntar: você sustenta essa criança? Então se você sustenta essa criança pode levar né! Porque a criança se não é corrigido quando é pequeno, quando torna-se homem quem é corrigido! Samos os pais né, e eu não vou ficar de pé pra nenhum criança me bater, nem filho meu me bater né? Então eu vejo assim que a lei ampara muitas crianças e tem todo razão, mas os pais tem direito corrigir, não espancar né, eu bate nos meus filhos e esses pequenos quase não bato mais e meu filho mais velho: Mãe, tu tá deixando seus filhos fazer o que eles bem querem, eu quero minha mãe de volta, porque não foi assim a senhora me ensinou, porque eu era muito rígida, mas hoje em dia sou mais atolerante né, porque tudo muda né, tu não pode falar alto, mas eu grito com meus filhos sim, coloco de castigo. [...] antigamente no Brasil batia, na escola eles batia e em casa também, por que agora né, por que agora tu não pode? Mais uma coisa, a lei ampara os menores demais, na Guiana não tem menor, nos Estados Unidos todo mundo tá careca de saber na hora que você pega uma coisa pra fazer alguma errada, coisa errada você já sabe. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

A partir dos relatos acima se constata que as diferenças de entendimento quanto aos costumes a serem ensinados, as formas de punição a serem administradas e as estratégias compartilhadas pelos adultos envolvidos no cuidado das crianças e adolescentes integrantes das famílias interculturais ganham uma intensidade negativa quando as partes envolvidas não

tem um acordo estabelecido, não possuem mediação entre flexibilidade e rigidez e tampouco a compreensão de que há autoridades diferenciadas na criação de filhos, netos e sobrinhos de acordo com os papéis assumidos.

Uma das consequências é a dificuldade encontrada por estas crianças e adolescentes em se desenvolverem de modo saudável no país e conseguirem *se encaixar*. Quando isso não ocorre, pode representar o aumento de conflitos com as figuras de autoridade, a percepção de não pertencimento a ambos os países, além disso, pode influenciar na decisão de deslocar-se para a Guiana ou outros Estados-nações. Identifica-se nos relatos abaixo diferentes direções quanto a esta adaptação:

Porque meu irmão mais velho ele gostava de morar na Guiana entendeu, ele gostava de lá e ele num se encaixava aqui como eu, então a pessoa que vai pra outro lugar só que não consegue se encaixar, então ele não conseguiu se encaixar aqui e ele acabou voltando pra Guiana. Ele é tipo, ele é muito nerd entendeu? Ele é muito inteligente, ele gostava de fazer esporte, luta, essas coisa, então eu acho que ele não era de fazer muitos amigo, ele gostava de ganhar é dinheiro! Quando ele trabalhou, morou aqui ele sempre gostou de ganhar dinheiro entendeu? Sempre montou coisa assim, e se destacou, só que ele não conseguiu se encaixar, eu acho que ele queria muito ir pro exterior (EUA) morar também, que ele era muito apegado com nosso pai. (Steve, 22 anos, entrevista realizada em 11/10/2013).

E eu acho assim, se eu fosse pra lá (EUA) ia demorar pra voltar pro Brasil. Entendeu? Tipo eu gosto daqui e eu não quero sair daqui pra ir passar 10 anos num lugar e não poder voltar, porque aqui eu tenho amigos, tenho colega, eu gosto do ambiente, na verdade eu não sinto nem vontade de sair de Roraima, porque aqui eu gosto da cultura, eu gosto do pessoal daqui, eu acho legal o jeito, é uma cidade pequena, tranquila não tem muita violência dá pra mim andar até 03 horas da madrugada que ninguém mexe. (Steve, 22 anos, entrevista realizada em 11/10/2013).

Averígua-se assim que a relação do casal intercultural associada à criação dos filhos, também se exige bastante negociação para evitar conflitos na criação das crianças e adolescentes, segundo a autora muitos casais conseguem desenvolver identidades híbridas que são cruciais para estabelecer os parâmetros relacionados ao cuidado e educação, criando pessoas com melhor competência para lidar com o mundo pluricultural que se vive atualmente.

Constata-se ainda que apesar do discurso de diversos autores sobre as facilidades encontradas pelos migrantes que se casam com pessoas da localidade de origem, deve-se apontar que entre os interlocutores desta pesquisa foi ressaltado que o desconhecimento sobre o procedimento, que a inexistência de documentação apropriada para realizar o casamento civil são elementos que inviabilizam a regularização da sua documentação no país, e até mesmo quando possuem filhos derivados deste relacionamento referem dificuldades para

obter a legitimação da sua permanência no país e destacando a burocracia excessiva dos órgãos responsáveis como um fator de lentidão neste processo.

3.3.4 Mães solteiras e lares monoparentais

Verificou-se que além de necessidades socioeconômicas, conflitos familiares que se relacionavam a gravidez, “ser mãe solteira”, violência doméstica, casamentos recentes, tiveram um papel importante como motivadores dos deslocamentos das interlocutoras, assim como das mães, tias e primas dos migrantes guianenses participantes deste estudo.

Nota-se que a vivência de relacionamentos desfeitos, o recomeço da vida conjugal ou a escolha por permanecer sem o laço do casamento é algo que faz parte da vida cotidiana das guianenses com e sem a experiência da migração internacional, ressaltando que os que provêm no interior do país e também os que possuem famílias com práticas mais conservadoras, como os que seguem a doutrina religiosa do hinduísmo, buscam manter-se afastados destas circunstâncias e têm um olhar pejorativo para aquelas mulheres que viveram ou vivem estas situações.

Wall, Nunes e Matias (2008) informam que as diversas trajetórias femininas nas localidades de origem e de destino têm como impacto a existência de mudanças na vida familiar, identificando-se um aumento de divórcios e de famílias monoparentais após o estabelecimento em outro país. Observa-se que o modelo em que o homem é o principal provedor e onde há uma forte diferenciação de gênero no casal é suplantado por novos padrões que se relacionam ao desejo por maior igualdade, companheirismo e partilha de responsabilidades e têm como base a percepção de segurança pessoal de mulheres que conseguem visualizar maneiras de prover o próprio sustento e dos filhos, tratam as experiências vivenciadas na localidade de origem como elementos de reflexão e melhoria nas relações estabelecidas na comunidade de destino.

Ao longo de seu percurso migratório, essas mães-migrantes se situaram/situam entre a busca de autonomia e as restrições de diversas ordens, pois, em uma e outra sociedade, não escapam às relações de dominação e às normas sexistas. As relações sociais de sexo são estruturantes e referenciadoras do funcionamento da sociedade de partida e da sociedade de chegada (THURLER, 2011, p. 214).

As mulheres entrevistadas e também Steve e Paul relataram sobre o percurso feminino sujeito a dificuldades e conquistas na construção do lar e cuidado dos filhos. Consta-se quanto aos arranjos familiares dos migrantes guianenses que a maioria dos interlocutores

viveu, em algum momento da sua trajetória de vida, a circunstância de ter sido cuidado por uma mulher chefe do lar monoparental ou ter sido (e continuar sendo) a única responsável pelo cuidado dos filhos e provimento do lar.

Durante pesquisa com mulheres migrantes e mães solteiras Thurler (2011) observou que os relatos traziam histórias sobre companheiros que tendiam a ignorar as responsabilidades com a paternidade e interpretar este vínculo como algo dissociado da incumbência de cuidado e ligação afetiva intensa.

Em consonância com estas informações, indica-se que segundo a percepção dos interlocutores os relacionamentos têm como padrão companheiros que não são confiáveis e paternidades que não são exercidas com qualidade, fatores que acabam tornando o convívio conjugal bastante desgastante e muitas vezes uma fonte de crise ao invés de ser uma fonte de suporte na rotina diária. Pode-se visualizar um recorte desta situação nos comentários abaixo:

Olha, o pai do meu primeiro filho era lá na Guiana, minha mãe não queria sabe, porque ele não podia ver um rabo de saia né, e eu tive que separar por causa dela dizer que, se eu quiser ficar na Guiana, na família, eu tinha que fazer aborto; porque eu fiquei grávida ou se não, vinha pro Brasil com meu pai. Então, escolhi meu filho e tive que vim pro Brasil. Os outros não (pais de seus filhos). Conheci aqui, mas acho que não prestavam não, entre aspas. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Eu me juntei com o pai da mais velha. Eu tive três filhos com ele. E ele saiu pra Guiana de volta, atrás dos documento dele e nunca voltou. Isso aconteceu em noventa e sete. [...] E o outro, eu conheci ele realmente, ele, eu vou te ser franca: drogado! Que eu queria tirar do caminho das drogas, só que não deu certo, então eu tive que dar ponta pé nele. Porque esse daí eu fiquei com raiva! Não queria largar o droga e eu fiquei com raiva e deixei. Só que ele foi viver na P.A (Penitenciária Agrícola de Monte Cristo)... (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Esse meu filho não conhece. Ele chegou a conhecer o pai dele faz pouco tempo, pelo *Facebook* ano passado, ele não conhece esse menino pessoalmente, ele vê assim as fotos que a gente manda, mas quando eu separei eu estava grávida dele uns 3 ou 4 meses. Então ele foi pra lá e eu fui com meus pais, ai depois que voltei pro Brasil, ai eu botei ele na escolinha e criei eles até certa idade. Foi quando conheci o pai da minha filha mais nova. (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

A maternidade é vivenciada com parceiros que após algum tempo distanciam-se ou de relacionamentos que nunca foram concretizados com a coabitação. A percepção de um jovem a respeito de *ser mãe solteira* é de que esta é uma ocorrência corriqueira. Nota-se que, principalmente entre os que vieram de uma situação econômica precária, o distanciamento se faz presente até a idade adulta quando este filho busca conhecer o pai.

São comuns as histórias de maternidades solitárias, de experiências de abandono e também da necessidade de lidar, em maior ou menor medida, com preconceitos relacionados a

este papel tanto no Brasil quanto (principalmente) na Guiana. Garcia (2007) destaca ainda a existência de dimensões articuladas entre si na vivência de discriminação entre as mulheres migrantes, sendo que sexo, etnia e classe social são constantes que expõe estas mulheres a uma tripla marginalização.

Olha, se eles olha, se eles falam a vida é minha! Aconteceu o que aconteceu comigo, podia ter acontecido com qualquer um, mas quem fala mal de mim porque sou mãe solteira, graças a Deus sou mãe solteira e não sou mãe bebedeira né? (risos). (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Teve a minha filha. Eu não era casada, né? E não era uma coisa que a gente estava esperando. Esses orientações que as pessoas tem, hoje, meninas: Não engravida! Tem que casar e tudo o mais. Essas informações estava oculta para nós, entendeu? Então, namorei, engravidei e... Não era uma coisa que eu queria no momento. Mas, aconteceu! Eu tava com a minha mãe e falei com a minha mãe... Tentei não ter a menina mas... Deus quis né? Não cheguei a morar com ele, nada! A gente só teve esse filho, ai, depois não deu certo, né? Eu fiquei com a minha filha e ele foi seguir a vida dele! (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Eu acho que assim, eu acho que as pessoas naquela época não ligavam muito pra isso (ser mãe solteira), porque eu tenho certeza que não era só ela (a avó) que tinha muitos filho pra criar e também ela teve 12 filho, então nem os 12 morava com ela, alguns moravam com ela e todo mundo ajudava como minha mãe. (Steve, 22 anos, entrevista realizada em 11/10/2013).

O número de filhos e o fato de permanecerem com a mãe em Boa Vista também é um elemento diverso do que se examinou na fala acerca da vivência familiar na Guiana, muitas vezes os interlocutores experienciaram a situação de ter que ir morar na casa de outros familiares tais como tios e avós e viveram separados dos irmãos e pais fato que tem uma marca significativa na subjetividade da pessoa e pressupõe uma diversidade de arranjos familiares.

Já nos discursos e na observação realizada ao longo da pesquisa, notou-se que mesmo com parentes morando na cidade e com condições difíceis de renda, a maior parte dos filhos nascidos tanto na Guiana quando no Brasil permaneceram com as interlocutoras, sendo que apenas dois residiam com outras pessoas (pai/amigos da família em Boa Vista). As interlocutoras narraram ainda a percepção de maior ganho de conhecimento como o passar do tempo e crescimento pessoal a partir da superação das crises surgidas ao longo de suas trajetórias de vida.

Eu não vou ficar dependendo de ninguém. Claro que eu não posso viver sem eles, né? Mas eu vou dar um jeito na minha vida pra poder sobreviver. E esse daí até hoje eu to fazendo. Mas não é assim, a melhor opção, mas quando você está só tu raciocina mais, tu vê as coisas mais claras, porque não tem ninguém, nenhum homem chorando no teu ouvido, mas é duro, é duro. Mas você tem que ter coragem.

Eu criei as minhas filhas sozinhas, nunca roubei, nunca menti, nunca enganei, nunca rodei bolsinha na esquina pra ganhar nada! Sempre trabalhando, trabalhando e trabalhando. (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Avalia-se que permanecer no Brasil relaciona-se a possibilidade de expressar individualidades e emancipação maior do que a encontrada na localidade de origem, envolve a busca por superar experiências dolorosas, como a de ter que se separar dos pais e dos irmãos desde a tenra idade, e construir um modo de viver diferente para as gerações posteriores. Estas mudanças e escolhas de enfrentamento dizem respeito à constituição de respostas transculturais a situações vivenciadas, a partida muitas vezes funciona como alternativa para ultrapassar sofrimentos do passado, situações subalternas e violências cotidianas intensificadas pelo status de migrante (WALL, NUNES E MATIAS, 2008).

Não se trata de limitar o campo de análise e subentender a localidade de chegada unicamente como um lugar de *empoderamento*, dado que nos diversos espaços em que transitam, as mulheres enfrentarão as continuidades das relações de poder, processos reconfigurados de preconceito e direitos contingenciais. As relações de poder se reconstruem em contextos migratórios, neste sentido é necessário afastar-se de interpretações dualistas quanto à sociedade de origem e de destino (THURLER, 2011).

Portanto, o estudo de categorias como migração feminina, chefia de lares monoparentais, maternidade e relacionamentos amorosos na migração devem estar aliadas à investigação acerca de estratégias, das resistências e sobre as transformações que ocorrem, enfocando as lutas pelo fortalecimento da cidadania feminina e a constituição de alianças em torno de todos os que participam do processo migratório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mande notícias
Do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço
Venha me apertar
Tô chegando...
[...]
Todos os dias é um vai-e-vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega prá ficar
Tem gente que vai
Prá nunca mais...
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai, quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E assim chegar e partir...⁹

A presente dissertação teve como objeto processo migratório de guianenses para Boa Vista – Roraima e os reflexos desses deslocamentos nos (re)arranjos familiares e nos padrões de conjugalidade. As narrativas dos migrantes guianeses que residem na cidade de Boa Vista foram fundamentais para que estendêssemos esse processo e as formas de organização das famílias transnacionais no lugar de destino. A pesquisa de campo demonstrou que para os interlocutores da pesquisa Boa Vista é um espaço de negociação das práticas socioculturais, principalmente devido ao contato entre os diversos grupos que transitam na cidade, mas, em especial, na fronteira Brasil-Guiana o que, de certa forma, fortalece as redes migratórias e sociais existentes entre estes dois países.

Vários interlocutores da pesquisa narraram fatos semelhantes acerca das suas experiências de vida na Guiana. A maior parte delas se relacionava a momentos de sofrimento e luta constante pelos objetivos que se direcionavam a melhoria da qualidade de vida. As narrativas descreveram, em grande medida, as dificuldades como a falta de emprego, as questões relacionadas à pobreza, conflitos e/ou distanciamento nos vínculos familiares, a busca por oportunidades de estudo e emprego em outras regiões do país e em outros países tais como os Estados Unidos, o Canadá, o Reino Unido e as ilhas caribenhas para onde ocorre um significativo fluxo de guianense por meio de redes migratórias que se constituíram desde o período em que o país era uma colônia.

Os caminhos da pesquisa direcionaram a análise da realidade vivenciada na localidade de origem, considerando a situação sócio-histórica da Guiana, partindo do

⁹ Milton Nascimento e Fernando Brant, trecho da música *Encontros e Despedidas*.

pressuposto que para estudar um grupo, mesmo quando se analisa aspectos da subjetividade, não se pode deixar de investigar as diversas facetas que atuam na sua constituição. Estudar a migração impõe, necessariamente, considerar o contexto das condições sociais nas localidades que são afetadas pela migração e as transformações que elas operam nos tecidos sociais destes lugares. Logo, analisaram-se as motivações da migração, os espaços trilhados até a comunidade de acolhida e as mudanças associadas a esta inserção destacando que existência prévia de integrantes do grupo familiar residindo em Roraima é fundamental.

Sem dúvida fatores relacionados às situações socioeconômicas incertas, conflitos familiares, redes de parentesco em Boa Vista, busca por melhor qualidade de vida e de condições para a realização de objetivos são fatores importantes para a escolha pela migração. Constatou-se, portanto, que a construção do projeto migratório envolve o fortalecimento de laços de parentesco com familiares que já vivenciaram o deslocamento em direção à Roraima, e o apoio que envolve desde a organização e auxílio financeiro para a viagem, a obtenção de moradia provisória, a busca por emprego até a construção de redes de amigos na localidade hospedeira.

Identifica-se que ser integrante de famílias transnacionais na Guiana é recorrente dado que este país possui taxas de migração internacional altas; durante diversos momentos da pesquisa de campo os relatos sobre laços de parentesco com pessoas residentes em outros países e a existência de estratégias objetivando a manutenção dos vínculos de conectividade foram narrados. Ao vir para Boa Vista poucos obtém o que Jack e seus dois irmãos conseguiram: trazer parte significativa da família para aqui residir, o que geralmente ocorre é que estes migrantes tornam-se mais um dos que estão fisicamente distantes dos familiares na localidade de origem. Nestas situações nota-se a importância que os meios de comunicação, em especial os que envolvem redes virtuais, representam para o reestabelecimento ou manutenção da possibilidade de expressão dos afetos mesmo quando existem distâncias físicas continentais.

No entanto, destaca-se que os guianenses moradores de Boa Vista, ao contrário do que ocorre com os irmãos, tios e primos que moram em países como os EUA e o Reino Unido, têm maiores possibilidades de se deslocar entre o Brasil e a Guiana com regularidade e assim manter os laços afetivos e redes de contato fortalecidas, pois além da comunicação constante e realização de remessas, a possibilidade de realizar viagens periódicas entre os lugares abre espaço para o convívio, mesmo que tenha um período de tempo estabelecido para iniciar e terminar.

Nesta pesquisa enfocaram-se as realidades cotidianas dos interlocutores na cidade de Boa Vista, e neste sentido ficou patente à existência de inúmeras vulnerabilidades, tais como a vivência do preconceito que se dá através da existência de barreiras de cor abertas e dissimuladas que afastam os guianenses do exercício dos seus direitos de cidadania. Ocorrem ainda dificuldades relacionadas ao aprendizado do idioma, e à busca por melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas já que grande parte dessas pessoas trabalha em empregos informais tais como no serviço doméstico, mecânicos, feirantes e vendedores ambulantes. Não se trata de sugerir a existência de uma estrutura de vulnerabilidade própria do migrante guianense, mas de reconhecer e apontar estruturas sociais que mantêm esta situação e desencadeiam o temor da deportação, o sentimento de revolta diante da discriminação aberta ou velada, além da impotência diante limitação social.

Ao se averiguar as relações estabelecidas na região fronteiriça constatou-se a existência de composição étnica multifacetada, de identidades contextualizadas e performáticas que criam fortes laços entre os grupos que ali transitam e abrem espaços para a atuação de determinados grupos no espaço coletivo, por exemplo, a partir da aquisição de documentos guianenses e brasileiros, da matrícula em escolas. A região de fronteira é um *locus* de observação e material singular para a produção do conhecimento. A Guiana, por sua vez, é um país multicultural e etnicamente diversificado, pouco conhecido e estudado. Portanto, abre-se um vasto campo para se realizar mais estudos sobre a relação entre os dois países.

A existência de relações entre os povos que habitam a região desde antes da existência de uma ideia de fronteira geopolítica e que até os dias atuais estabelecem relações que superam a diferença entre o aqui e lá, nacional e internacional tornando o convívio mais complexo e rico, dado que ao longo da fronteira entre Brasil e Guiana há comunidades Wapixanas e Macuxis que mantêm fortalecidas as redes de parentesco entre os dois Estados nacionais e fazem uso de identidades contextualizadas, que os caracterizam como brasileiros ou guianenses de acordo com o campo de possibilidades que experimentam em um dado momento.

Ao investigar características étnicas dos interlocutores, verificou-se que o parentesco entre os diferentes grupos étnicos da Guiana que predominam são entre os macuxi e wapixana. Também não se pode deixar de mencionar a identidade *guy-braz* que é usada pelos guianenses para caracterizar a mescla dos aspectos socioculturais dos dois grupos nacionais e que foi mencionada em diversos momentos da pesquisa de campo, principalmente por aqueles que residem no Brasil desde muito jovem.

Assim, não se pode pensar a migração apenas como geradora de rompimentos nas relações familiares, ela também possibilita o seu fortalecimento à medida que promove (re)encontros entre os migrantes com seus familiares que residem no Brasil a mais tempo ou que aqui nasceram e permaneceram, estas reuniões alimentam as redes migratórias em direção ao Brasil, pois, assim que conseguem estabilizar-se e ter moradia própria, os migrantes dão suporte à outros familiares para que venham ao Brasil passear ou residir.

Também há a perspectiva de estabelecer novos arranjos familiares entre os casais que passam a viver num contexto social diverso que proporciona à mulher maior autonomia e *empoderamento* dado que são as migrantes que na maior parte das vezes obtém emprego, conseguem criar redes de amizade e assim viabilizar metas na localidade hospedeira com rapidez. Com esta informação se quer afirmar que a criação dos filhos nascidos na Guiana ou no Brasil, a ocorrência de casamentos entre migrantes de mesma nacionalidade ou de nacionalidade diversa é mediada por fatores socioculturais da localidade hospedeira que mesmo quando o migrante é impedido de atuar em espaços oficiais, não deixa de influenciar e as atitudes e comportamentos que adota no cotidiano.

As características dos arranjos familiares mostram que a família dos guianenses moradores da cidade de Boa Vista vive uma realidade de ressignificação de hierarquias de reciprocidade, de autoridade e de afetos entre os integrantes do grupo familiar que estão proporcionando modificações e que a noção de família envolve atualmente uma complexidade, na medida em que diferentes formas coexistem, representando composições diferenciadas de família. Dentre estes novos modelos estão os relacionamentos tanto de conjugalidade como de paternidade e maternidade que são estabelecidos à distância principalmente a partir da noção de comprometimento e consubstancialidade entre os envolvidos na relação. Não se pode deixar de relatar a partir da análise das narrativas que a participação das mulheres guianenses no espaço público é realizada a partir de lutas e significativas conquistas em direção ao empoderamento, no entanto, a todo o momento, as relações são mediadas por assimetrias e preconceitos. Há um forte controle da moral que permeia inclusive as relações estabelecidas com os de mesma nacionalidade e de nacionalidade brasileira na localidade de destino.

Portanto, entende-se que os estudos envolvendo a migração entre Brasil e Guiana em suas múltiplas intersecções tem um campo vasto de possibilidades de desenvolvimento. Constatou-se que inúmeros processos sociais tornam invisíveis as demandas e cotidianos vividos por este grupo em Roraima, que a inserção nos espaços de convívio e estabelecimento de vínculos demandam tenacidade do pesquisador, mas que após vencer estes obstáculos,

próprios de pesquisas que se propõe a analisar questões que vão além da superfície e que buscam elementos do âmago do interlocutor, o que se tem são a cordialidade e generosidade de pessoas que lutam a cada dia pela sua cidadania e bem-estar.

É importante frisar que diante da riqueza de narrativas e materiais coletados, o que esta pesquisa se permitiu realizar foi a análise de um recorte específico de temas, mas que sem dúvida, há inúmeras questões que merecem ser estudadas com maior profundidade, de forma que permita desnudar estruturas que envolvem as dificuldades enfrentadas pelos guianenses em Roraima e que o conhecimento adquirido sirva como ferramenta de transformação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Mendes de; CARNEIRO, Maria José; PAULA, Silvana Gonçalves de (Org.). **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.

ALMEIDA, Linoberg Barbosa de; BARBOSA, Edio Batista. Ponte da exclusão: Brasil, Guiana e a perversa lógica da globalização. **Textos e Debates. Dossiê: Guianas**. Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, n. 14, p. 129-146, jan./ jun. 2008.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Exílios e diásporas: cartografias de gênero na contemporaneidade. In: AREND, Silvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Silvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 239-256.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexos sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. Catarina Mila (Trad.). Lisboa: Edições 70, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 199-230.

_____. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Editora Mulheres, Florianópolis, 2011.

BAINES, S. G. O movimento político indígena em Roraima: identidades indígenas e nacionais na fronteira Brasil-Guiana. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 64, p. 33-44, jan./ abr. 2012.

_____. A fronteira Brasil-Guiana e os povos indígenas. **Revista de Estudos e Pesquisas**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 65-98, 2004.

BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO - BID. **MapAmericas: Guyana**. Disponível em: <<http://www.iadb.org/es/mapamericas/guyana/mapamericas-resultados-de-proyecto-en-guyana,5543.html>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

_____. **Regional Program on Remittances and Savings.** Disponível em: <<http://www5.iadb.org/mif/Projects/Financing/CallforProposals/tabid/503/language/en-US/Default.aspx>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

BEIRUTI, Nabil Sayed-Ahmad. Experiencia de migración y salud mental: hacia un nuevo modelo de salud. In: VALDÉS, Luisa Melero (Coord.). **La persona más allá de la migración: manual de intervención psicosocial con personas migrantes.** Valencia: Fundación CeiMigra, 2010, p. 259-292. Disponível em: <<http://www.calidadsocial.com/attachments/article/8/Manual%20de%20intervenci%C3%B3n%20psicosocial%20personas%20migrantes.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

BENÍTEZ, Manuel L. de la Mata; et al. La integración de las personas migrantes: el enfoque de la psicología cultural y de la liberación. In: VALDÉS, Luisa Melero (Coord.). **La persona más allá de la migración: manual de intervención psicosocial con personas migrantes.** Valencia: Fundación CeiMigra, 2010, p. 116-141. Disponível em: <<http://www.calidadsocial.com/attachments/article/8/Manual%20de%20intervenci%C3%B3n%20psicosocial%20personas%20migrantes.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 2009. 247 p.

BLANCHETTE, Thaddeus G. “Is it a real marriage?”: imigração e casamentos entre brasileiros e anglo-americanos. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios.** Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 133-151.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos. Divisão de Inteligência Comercial. **Dados básicos e principais indicadores econômico-comerciais Guiana.** Brasília: MRE/DPR/DIC, 2012. 14 p. Disponível em: <<http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDCuba.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico de 2000.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

_____. **Censo Demográfico de 2010.** Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?t=5&z=t&o=25&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u6=1&u5=14>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

BRITO, Maria Lúcia da Silva. **Raízes e rumos:** reflexões sobre identidades de guianenses em Boa Vista-RR. 2012. 107 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2012.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A invenção do ser: autobiografia e suas formas. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura escrita e oralidade.** São Paulo: Ática, 1997. p. 141-162.

BUREAU OF STATISTICS GUYANA. **Trade and Prices Department.** Disponível em: <<http://www.statisticsguyana.gov.gy/trade.html#partners1>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

_____. **Guyana Population and Housing Census, 2002.** Disponível em: <<http://www.statisticsguyana.gov.gy/census.html#popcenfin>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

BUSTAMANTE, Jorge A. Frontera México-Estados Unidos: reflexiones para un marco teórico. **Frontera Norte**, v. 1, n. 1, p. 7-24, enero/ junio, 1989.

BUZNEGO, María Eugenia d'Aubeterre. Género, parentesco y redes migratorias femeninas. **Alteridades**, Universidad Autónoma Metropolitana - Distrito Federal, México, v. 12, n. 24, p. 51-60, julio-diciembre, 2002.

CARRETEIRO, Tereza Cristina. A doença como projeto: uma contribuição à análise de formas de afiliações e desafiliações sociais. In: SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2011. 11. ed. p. 89-97.

CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, James (Org.). **A experiência etnográfica:** antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2011. p. 59-91.

COMENFORD, John C. **Fazendo a luta:** sociabilidade, falas e rituais na construção das organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

CORBIN, Hisakhana. **Brazilian migration to Guyana as a livelihood strategy:** a case study approach. Master's Thesis. 2007. 178 p. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <http://www.ufpa.br/naea/gerencia/ler_tcc.php?id=13>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. Migração internacional e desenvolvimento: O caso da Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFGPA, 2009. p. 163-184.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 174 p.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos. Introdução: Que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: CUNHA, Olívia Maria Gomes da; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Quase-cidadão**. Rio de Janeiro, FGV, 2007. p. 7-22.

DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (Org.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

_____. Famílias brasileiras em um novo contexto cultural. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 175-198.

DESSEN, Maria Auxiliadora; SILVA NETO, Norberto Abreu e. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 16, n. 3, p. 191-292, set./ dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722000000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mai. 2012.

DIAZ-POLANCO, Héctor. El proceso etnofágico en el imperio. In: DIAZ-POLANCO, Héctor. **Elogio de la diversidad: globalización, multiculturalismo y etnofagia**. México: Siglo XXI, 2006. p. 156-171.

_____. Crítica del multiculturalismo. In: DIAZ-POLANCO, Héctor. **Elogio de la diversidad: globalización, multiculturalismo y etnofagia**. México: Siglo XXI, 2006. p. 172-189.

EMMI, Marília Ferreira. **Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade**. Belém: NAEA, 2008.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Centauro, 2006. 189 p.

ENRIQUEZ, Eugène. O judeu como figura paradigmática do estrangeiro. In: KOLTAL, Catarina (Org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 37-60.

FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Belo Horizonte: Cedeplar/Face/UFMG, 2002. p. 1-25. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/gt_mig_st1_fazito_texto.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

FELDMAN, Carol Fleisher. Metalinguagem oral. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1997. p. 55-74.

FERÉS-CARNEIRO, Terezinha. **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. 315 p.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Editora Global, 2007. 313 p.

FERREIRA, Ademir Pacelli. **O migrante na rede do outro: ensaios sobre alteridade e subjetividade**. Rio de Janeiro: TeCorá, 1999. 168 p.

_____; et al. (Org.). **A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. 560 p.

FONSECA, Cláudia. Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 29, p. 9-35, jul./ dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332007000200002>. Acesso em: 04 ago. 2012.

FONTE, Carla A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 8, n. 3, p. 123-131, dez. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872006000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jan. 2013.

FUSCO, Wilson. **Textos NEPO 40**. Redes sociais na migração internacional: o caso de governador Valadares. Campinas: Unicamp, Núcleo de Estudos de População. 85 p. mar. 2002.

GARCIA, Loreley. Mulheres transnacionais. **Imaginário - USP**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 379-398, 2007.

GARCÍA-RAMÍREZ, Manuel; et al. Psicología de la liberación e integración comunitaria de inmigrantes: identificando las condiciones de opresión en marroquíes del sur de España. In: CONFERENCIA INTERNACIONAL DE PSICOLOGÍA COMUNITARIA, 1, 2006, San Juan de Puerto Rico. **Anais...** San Juan de Puerto Rico: 2006. p. 1-26.

GARÇÃO, João; ALDRIGHI, Tânia. O futuro: a psicologia e a web. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 37-42, 1999. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1149>>. Acesso em: 05 ago. 2012.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2005.

GIGLIA, Angela. Uso de los medios de comunicación y expresión de las emociones en sujetos transnacionales: una exploración. **Perfiles Latinoamericanos**, Distrito Federal - México, n. 18, p. 93-113, junio, 2001.

GÓIS, Pedro Manuel Rodrigues da Silva Madeira e. **A construção secular de uma identidade transnacional: a cabo-verdianidade do (ou no) mundo cabo-verdiano**. 2004. 35 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/17848>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 67-110, 1993. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu01.06.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

GREEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração: de homens para mulheres para gênero. In: AREND, Silvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Silvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 35-46.

GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001. 146 p.

HAYDAR, María del Pilar Morad; VÉLEZ, Gloria Bonilla; LÓPEZ, Mercedes Rodriguez. **Familias desde el vivir transnacional: cambios y permanencias en la cotidianidad de las formas familiares en Colombia**. In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE MIGRACIONES EN ANDALUCÍA, 1, 2011, Granada. **Proceedings...** Granada: Instituto de Migraciones, 2011. p. 2041-2052.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro (Trad.). 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Pensando a Diáspora (reflexões sobre a terra no exterior). In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.); Adelaine La Guardia Resende (Trad.). Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003. p. 25-50.

HELMAN, Cecil G. Migração, globalização e saúde. In: HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 271-295.

IFILL, Melissa. Situando trabalhadores africanos na divisão dos trabalhos no período de pós-emancipação na Guiana Inglesa. In: OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; IFILL, Melissa (Org.). **Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guayana**. Boa Vista: EdUFRR, 2011. p. 157-179.

INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK – IDB. Remittance to Latin America and the Caribbean in 2012. Disponível em: <<http://www.iadb.org/pt/noticias/comunicados-de-imprensa/2013-04-29/remesssas-para-america-latina-e-caribe-em-2012,10432.html>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM/OMI. **Central and North America and the Caribbean/Guyana**. Disponível em: <www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/where-we-work/americas/central-and-north-america-and-th/guyana.html>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. **Perfil migratório do Brasil 2009**. 148 p. Disponível em: <http://publications.iom.int/bookstore/free/Brazil_Profile2009.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2013.

_____. **Migración y transnacionalismo: oportunidades y desafíos**. In: Diálogo Internacional sobre la Migración, de 2010. Documento de trabajo. p. 1-5. Disponível em: <http://www.iom.int/jahia/webdav/shared/shared/mainsite/microsites/IDM/workshops/migration_and_transnationalism_030910/background_paper_es.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

KALY, Alain Pascal. Á procura de oportunidades ou desembarque por engano: migração de africanos para o Brasil. In: PAIVA, Odair da Cruz (Org.). **Migrações internacionais: desafios para o século XXI**. São Paulo: Memorial do Imigrante, 2007. p. 150-168.

KRMPOTIC, Claudia Sandra. Cultura, interculturalidad y empoderamiento en la agenda del trabajo social en Argentina. **Revista Trabajo Social**. Bogotá, n. 14, p. 29-40, jan./ dec. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/tsocial/>>. Acesso em: 18 mar. 2013

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio Augusto de (Trad.). **Migração interna:** textos selecionados, v. 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE), 1980. p. 89-114.

LERNER, Kátia. Narrando a dor: a experiência de entrevistas com sobreviventes do Holocausto. In: PÓVOA-NETO, Helion; FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares:** um panorama dos estudos migratórios. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 231-247.

LUSSI, Carmen. Migrações e direitos humanos. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.). **Migrantes em contextos urbanos:** uma abordagem interdisciplinar. Manaus: EDUA, 2010.

MACHADO, Igor José de Renó. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares - Brasil. **Etnográfica**, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 5-26, fev. 2010.

MACHADO, Lia Osório. **Sistemas, fronteiras e território.** Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 2011. 9 p. Disponível em: <www.igeo.ufrj.br/fronteiras/pdf/LIAconceitos.pdf>. Acesso em: 8 set. 2013.

MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya. Apresentação. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas:** etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 19-32.

MARTÍNEZ, Adriana Zapata. Familia transnacional y remesas: padres y madres migrantes. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colombia, v. 7, n. 2, p. 1749-1769, julio/diciembre, 2009.

MCGOLDRICK, Monica. **Genogramas:** avaliação e intervenção familiar. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012. 328 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MELMAN, Charles. **Imigrantes:** incidências subjetivas das mudanças de língua e país. Rosane Pereira (Trad.), Contardo Calligaris (Org. e Rev.). São Paulo: Escuta, 1992.

MERRILL, Tim. **Guyana:** a country study. Washington: GPO for the Library of Congress, 1992. Disponível em: <<http://countrystudies.us/guyana/>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 33-50.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, família e fases do ciclo de vida. **Caderno CRH. Dossiê: Gênero e Família**, Salvador, n. 29, p. 13-20, jul./ dez. 1998.

MULTILATERAL INVESTMENT FUND - MIF. Multilateral Investment Fund Member of the IDB Group. **Remittances: remittances to Latin America and the Caribbean**. Disponível em: <<http://www5.iadb.org/mif/en-us/home/knowledge/developmentdata/remittances.aspx>>. Acesso em: 4 jul. 2013.

NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 133-151.

NETO, Pedro Fernandes. A faixa de fronteira norte do Brasil: uma análise comparativa entre os dois pares de cidades-gêmeas de Roraima: Pacaraima (Brasil)/Santa Elena (Venezuela) e Bonfim (Brasil)/Lethem (Guiana). In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2005. p. 4817-4837. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/12.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

NOLASCO Armas, Margarita. **Migración indígena a las fronteras nacionales**. México: Centro de Ecología y Desarrollo, 1995. 184 p.

OLIVEIRA, Sergio. Sem lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal. In: MACHADO, Igor José de Renó (Org.). **Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 131-167.

PAES, Vanessa Generoso. **Trânsito de identidades e estratégias de negociação familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil**. 2011. 556 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

PARELLA, Sònia. Los vínculos afectivos y de cuidado em las familias transnacionales: Migrantes ecuatorianos y peruanos em Espana. **Revista Migraciones Internacionales**, v. 4,

n. 2, p. 151-188, jul./ dez. 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/151/15140206.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

PEDONE, Claudia. “Varones aventureros” vs. “Madres que abandonan”: reconstrucción de las relaciones familiares a partir de la migración ecuatoriana. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, ano XVI, n. 30, p. 45-64, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8392005000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jun. 2012.

PEIXOTO, João. SOCIUS. Centro de Investigação em Sociologia e das Organizações. Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. n. 11. Lisboa: SOCIUS Working Papers, 2004.

PEREIRA, Mariana Cunha. A escola da fronteira: diversidade e cultura na fronteira Brasil - Guiana. **Inter-Ação**. Faculdade de Educação – UFG, Goiás, v. 32, n. 2, p. 345-361, jul./ dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/3066/3545>>. Acesso em: 04 jan. 2012.

_____. A memória de brasileiros e guianenses sobre a Revolta do Rupununi na fronteira Brasil-Guiana. **Textos e Debates. Dossiê: Guianas**. Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, v. 1, n. 14, p. 118-128, jan./ jun. 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 18 set. 2013.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 18 set. 2013.

PÓVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. **Revista e Experimental**. São Paulo: FFLCH/USP, v.2, mar. 1997, p.11-24.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO - PNUD. Relatório de desenvolvimento humano. **Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos**. 2009. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2012.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: LANE, Silvia; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 99-124.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A condição da transnacionalidade. In: RIBEIRO, Gustavo Lins (Org.). **Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens**. Brasília: EdUnB, 2000. p. 93-124.

RIBEIRO, Heloisa Mazzocante. **Estratégias laborais e políticas migratórias entre Brasil e Bolívia**. 2012. 234 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Centro de Estudos Comparados sobre as Américas (Ceppac), Universidade de Brasília-DF, 2012.

RINCÓN, Luz Adriana González; PINEDA, Jair Eduardo Restrepo. Prácticas de continuidad de los vínculos parentales en las familias transnacionales colombianas en España. (Comunidad Valenciana, España - Eje Cafetero, Colombia). **Revista Latinoamericana de Estudios de Familia**, Colombia, v. 2, p. 79-97, enero/ diciembre, 2010.

ROCA, Joaquín García. Enfoque psicosocial e incidencia pública: las necesarias transiciones. In: VALDÉS, Luisa Melero (Coord.). **La persona más allá de la migración: manual de intervención psicosocial con personas migrantes**. Valencia: Fundación CeiMigra, 2010, p. 17-29. Disponível em: <<http://www.calidadsocial.com/attachments/article/8/Manual%20de%20intervenci%C3%B3n%20psicosocial%20personas%20migrantes.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Sociologia das migrações**. Portugal: Universidade Aberta, 1995.

RODRIGUES, Francilene dos Santos; PEREIRA, Mariana Cunha (Org.). **Estudos transdisciplinares na Amazônia setentrional: fronteiras, migração e políticas públicas**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. 206 p.

_____; VASCONCELOS, Iana dos Santos. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na Pan-Amazônia. In: SILVA, Sidney Antonio da (Org.). **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec, 2012. p. 221-257.

_____. Configuração migratória no lugar Guyana: uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009, p. 223-236. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/index.html>. Acesso em: 18 jan. 2012.

ROSAS, Carolina. Género y transmigraciones al interior del hogar en la pos migración: mujeres y varones peruanos en Buenos Aires. **Revista Latinoamericana de Población**, n. 5, p. 147-172, jan./ jul. 2010. Disponível em: <http://www.alapop.org/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=217&Itemid=236>. Acesso em: 31 mar. 2012.

ROST, Carla Regina. **Tecendo vidas, contando histórias: o empoderamento de mulheres guianenses imigrantes em Boa Vista - RR.** 2009. 71 p. Monografia (Graduação) - Bacharel em Ciências Sociais com Habilitação em Sociologia, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2009.

_____; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Fazendo gênero na fronteira: migração de venezuelanas e guianenses na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008, Porto Seguro. **Anais...** Porto Seguro: RBA, 2008, p. 1-11 Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/index.html>. Acesso em: 20 jan. 2012.

SADER, Emir; JINKINGS, Ivana (Cord.). República Cooperativa da Guiana. In: ENCICLOPÉDIA CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 1337.

SAKURAI, Célia. Entre os sonhos e a realidade: reflexões. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro de (Org.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 127-163.

SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8, 1991, Campinas. **Anais...** Campinas: ABEP, 1992. p. 119-144.

SANTOS, Alessandra Rufino. As representações sociais da fronteira e dos migrantes: estrangeiros na mídia impressa roraimense. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008, Porto Seguro. **Anais...** Porto Seguro: RBA, 2008. p. 1-14. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2001/Alessandra%20Rufino.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2012.

SANTOS, Milton. O tempo (os eventos) e o espaço. In: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: EdUSP, 1997, p. 114-133.

SARTI, Cyntia Andersen. A família como universo moral. In: SARTI, Cyntia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. GT de Migração: sessão 3 - A migração internacional no final do século. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000. p. 1-19. Disponível em: <http://abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=184&nivel=2>. Acesso em: 11 abr. 2012.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHULER, Flávia Maria Gomes. **Casamento intercultural e suas peculiaridades: um estudo sobre brasileiras que vivem na Suíça**. 2010. 103 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica, linha de Família e Interação Social) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

SCOTT, Parry. Fluxos migratórios femininos, desigualdades, autonomização e violência. In: AREND, Silvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Silvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 47-66.

SILVA, Angela Maria Moreira (Coord.). **Manual de normas para apresentação dos trabalhos técnico-científicos da UFRR**. Boa Vista: EdUFRR, 2012. 101 p.

SILVA, Rita de Cácia Oenning da. A performance da cultura: identidade, cultura e política num tempo de globalização. **Revista Antropologia em Primeira Mão**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, n.10, p. 4-25, 2005.

SILVA, Sidney Antonio da (Org.). **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.

SINGER, Paul I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio Augusto de (Trad.). **Migração interna: textos selecionados**, v. 1. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE), 1980. p. 211-144.

SIQUEIRA, Sueli; et al. Divisão sexual do trabalho, rearranjos familiares e relações de gênero em comunidade rural de emigração masculina. In: AREND, Silvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Silvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 149-170.

SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. 2002. p. 360. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOLÉ, Carlota; PARELLA, Sònia; CAVALCANTI, Leonardo. Los vínculos transnacionales en el estudio de las migraciones. In: SOLÉ, Carlota (Dir.). **Los vínculos económicos y familiares transnacionales: los inmigrantes ecuatorianos y peruanos en España**. Bilbao: Fundación BBVA, 2007. p. 17-27.

SOUZA, Carla Monteiro de. Os gêneros literários e as narrativas orais: uma ficção da memória. In: ANDRADE, Roberto Carlos de; CRUZ, Maria Odileiz Sousa (Org.). **Letras & Outras letras**. Boa Vista: EdUFRR, 2007. p. 13-20.

_____. Migração e memória: (re)territorialização e inserção social entre gaúchos residentes em Roraima. **Revista Vivência**, Natal, n. 33, p. 105-120, 2008.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009. 483 p.

SOUZA, Neusa Santos. O estrangeiro: nossa condição. In: KOLTAI, Catarina (Org.). **O estrangeiro**. São Paulo: Escuta/FAPESP, 1998. p. 155-163.

SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro de (Org.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 302 p.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: STREY, Marlene Neves; et al. **Psicologia Social Contemporânea**. Livro-texto. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 181-198.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882002000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 jan. 2013.

THURLER, Ana Liési. Migrações nacionais, gênero e relações sociais de dominação. **Dimensões**, UFES – Programa de Pós-Graduação em História, v. 26, p. 205-222, 2011.

TORRES, Mariela Loza; et al. Jefaturas de hogar: el desafío femenino ante la migración transnacional masculina en el sur del estado de México. **Migraciones Internacionales**, v. 4, n. 2, p. 33-60, julio-diciembre, 2007.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VALDÉS, Luisa Melero; OLMOS, Luis Díe. El enfoque psicosocial en las migraciones. In: VALDÉS, Luisa Melero (Coord.). **La persona más allá de la migración: manual de intervención psicosocial con personas migrantes**. Valencia: Fundación CeiMigra, 2010. p. 71-110. Disponível em:

<<http://www.calidadsocial.com/attachments/article/8/Manual%20de%20intervenci%C3%B3n%20psicosocial%20personas%20migrantes.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

VALDERRAMA, Cristina Blanco F. de. Transnacionalismo: emergencia e fundamentos de una nueva perspectiva migratoria. **Revista Papers**, n. 85, p. 13-29, 2007. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/papers/article/viewFile/74158/94201>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

VILLAMIZAR, Yolanda Puyana; MORENO, Alejandra Rojas. Afetos y emociones entre padres, madres e hijos en el vivir transnacional. **Trabajo Social**, Bogotá, n. 13, p. 95-110, enero-diciembre, 2011.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Guiana e Suriname: uma outra América do Sul. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL - CNPEPI: “o Brasil no mundo que vem aí”, 2, 2007, Rio de Janeiro; SEMINÁRIO AMÉRICA DO SUL, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Brasília: FUNAG, 2007. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo2.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

WAGNER, Adriana; et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011. 208 p.

WALL, Karin; NUNES, Cátia; MATIAS, Ana Raquel. Trajectórias de mulheres imigrantes em Portugal. Área temática: Migrações, Etnicidade e Racismo. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA. **MUNDOS SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS**, 6, 2008, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008. p. 1-16.

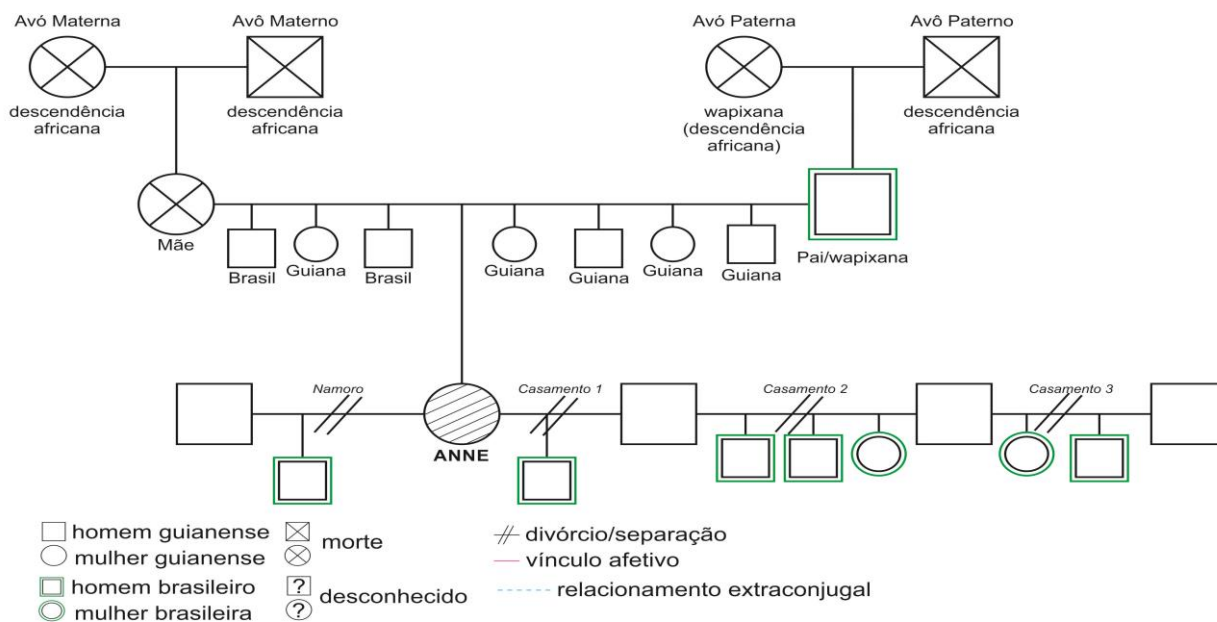
WENDT, Naiane Carvalho; CREPALDI, Maria Aparecida. A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 302-310, 2008.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 244 p.

APÊNDICES

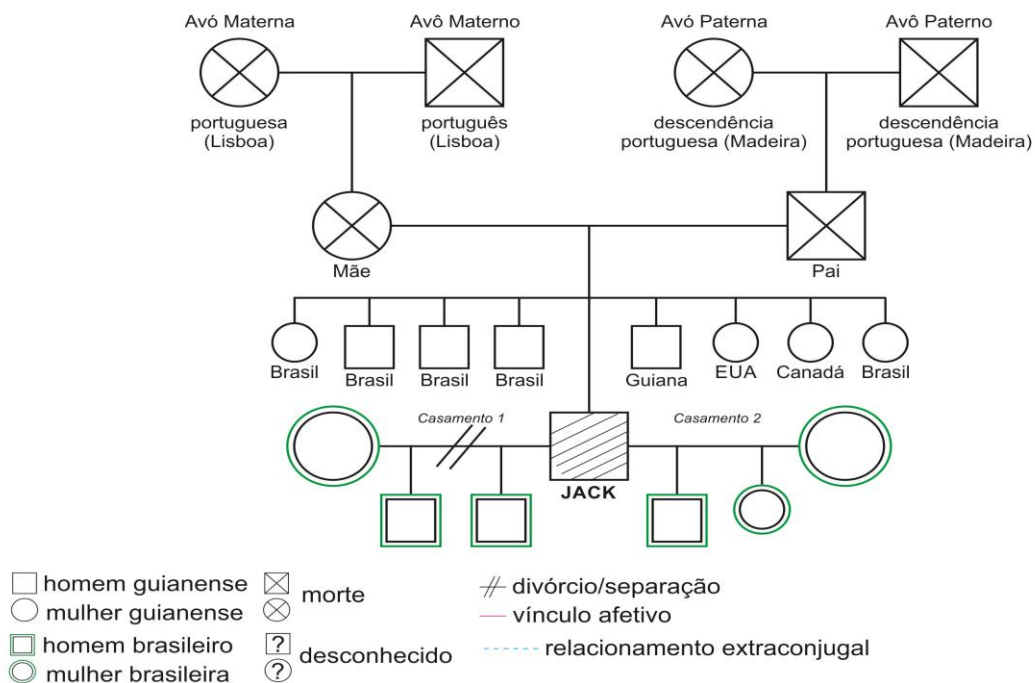
APÊNDICE A - Genograma

Anne

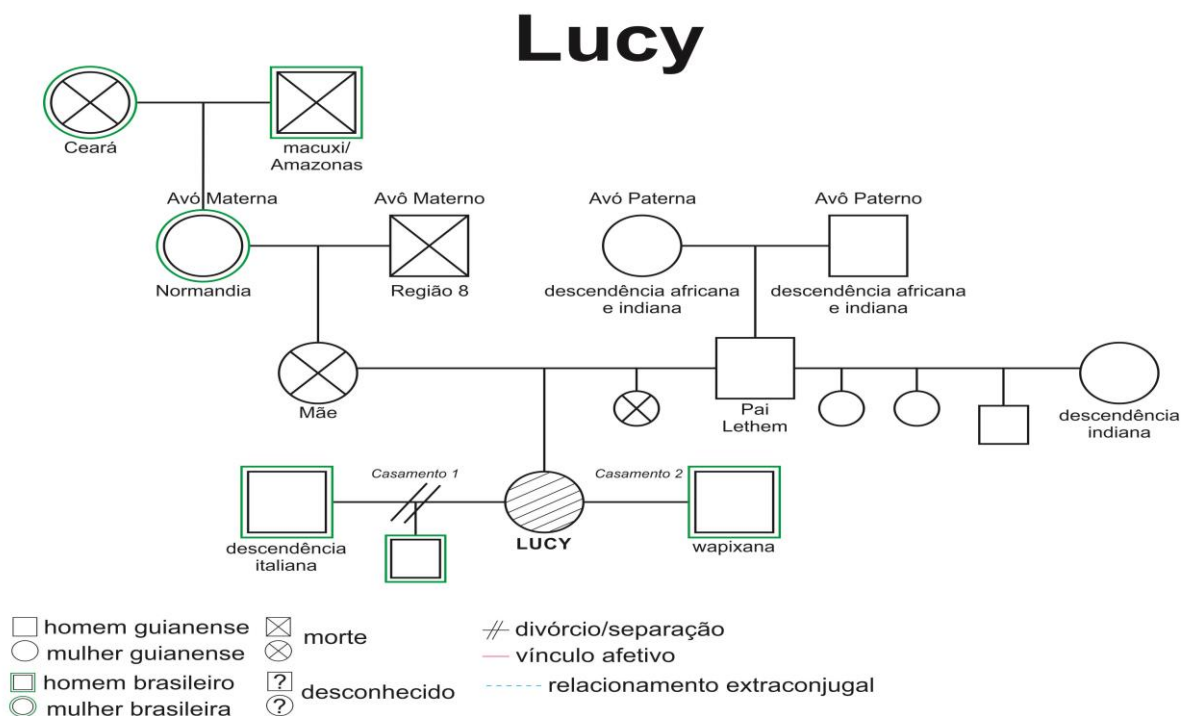


APÊNDICE B - Genograma

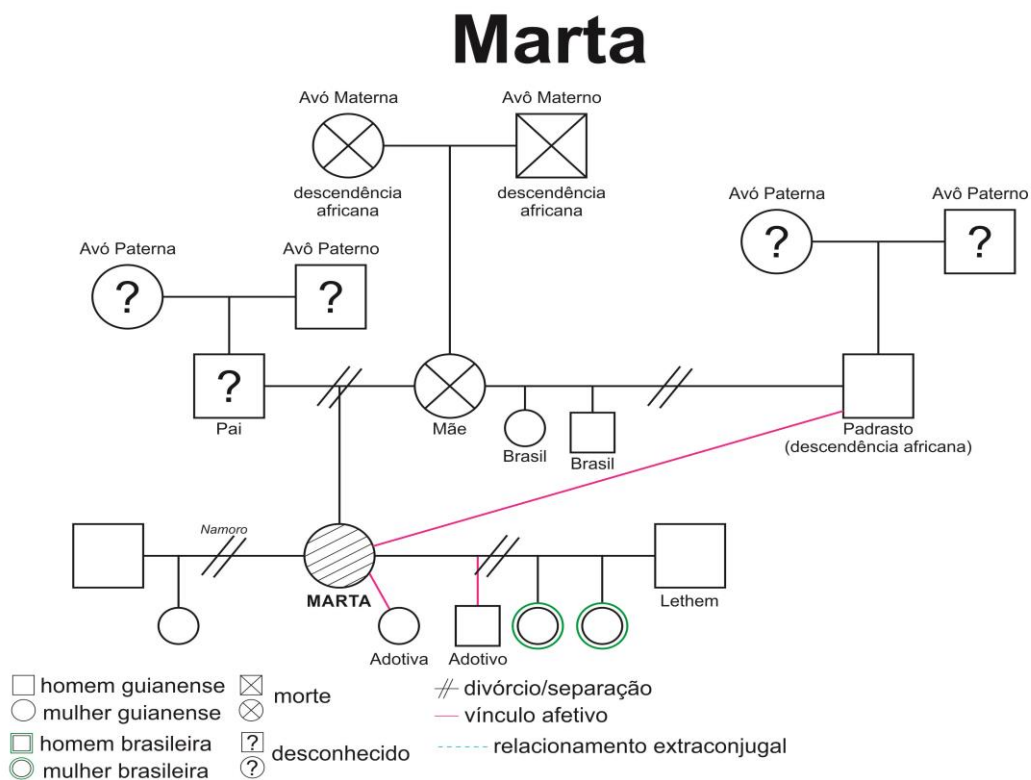
Jack



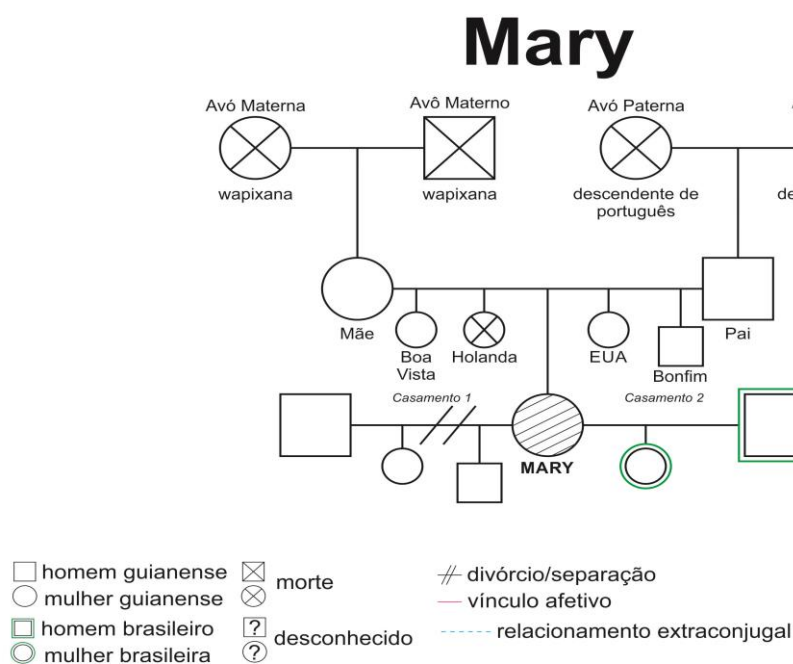
APÊNDICE C – Genograma



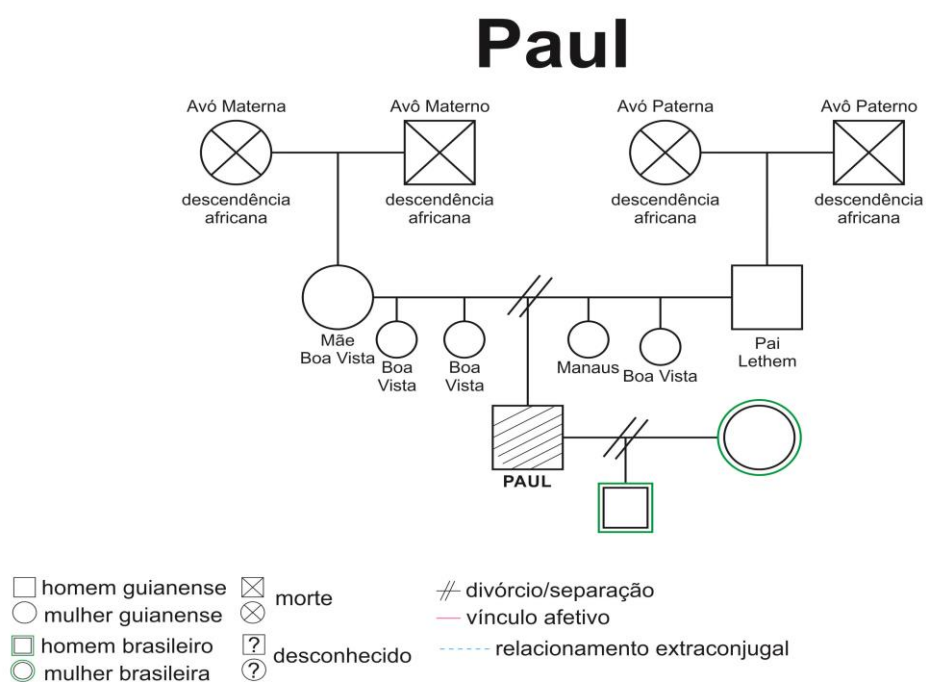
APÊNDICE D - Genograma



APÊNDICE E - Genograma

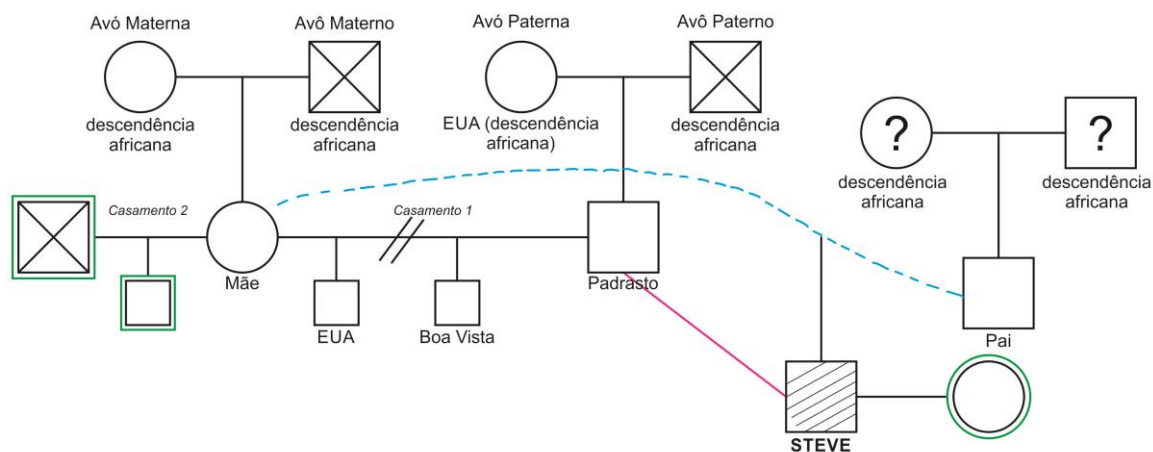


APÊNDICE F - Genograma



APÊNDICE G - Genograma

Steve



APÊNDICE H - Fotografia retrata a Rua Rob Street onde está localizada a *Little Brazil* (setembro/2013).



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE I - Placa de boas-vindas na entrada da cidade de Lethem-GY.



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE J - Posto da Polícia Federal e da Receita Federal na fronteira Bonfim-RR e Lethem-GY.



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE K – Fotografia aérea da cidade de Lethem-GY situada às margens do Rio Tacutu.



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE L - Um dos transportes (van em Lethem-GY) utilizado entre Brasil e localidades da Guiana com destino final: a cidade de Georgetown-GY.



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE M - Lojas existentes na cidade fronteiriça de Lethem-GY.



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE N - Loja existente na cidade fronteiriça de Lethem-GY



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE O - II Encontro das famílias guianenses em RR (26/05/2013)



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE P - II Encontro das famílias
guianenses em RR (26/05/2013)



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE Q - II Encontro das famílias
guianenses em RR (Venda de comida
típica)



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE R - Encontro das Famílias
Guianenses em RR (27/05/2012)



Fonte: Arieche Lima (2012)

APÊNDICE S - Fotografia: residência
(própria) de Lucy e do esposo no bairro
Raiar do Sol, Boa Vista



Fonte: Arieche Lima (2013)

APÊNDICE T - ROTEIRO DE TÓPICOS PARA A ENTREVISTA COM O MIGRANTE GUIANENSE:

1.1 CRESCER NA FAMÍLIA GUIANENSE

1. Papéis de gênero (homem, mulher);
2. Papéis das gerações (avós, pais, tios, filhos, primos, vizinhos, amigos);
3. Tarefas domésticas e cuidado dos filhos;
4. Responsabilidades e direitos da mulher *versus* os dos homens;
5. Relações entre gêneros e gerações.

1.2 CONSTRUÇÃO DO PROJETO MIGRATÓRIO E O PROCESSO DE DESLOCAMENTO

1. Motivos para a migração;
2. Auxílio de redes familiares e/ou redes migratórias durante o deslocamento;
3. Dificuldades encontradas para concretizar o deslocamento;
4. Trajeto percorrido.

1.3 A VIVÊNCIA DA MIGRAÇÃO EM CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS TRANSNACIONAIS

- Dificuldades, mudanças, benefícios e pontos a destacar sobre:
 1. Relações de gênero e (re)arranjos entre os migrantes e seus parceiros;
 2. (Re)arranjos no padrão de relacionamento entre pais e filhos;
 3. Conectividade em contextos transnacionais;
 4. Características das estratégias de contato e manutenção dos vínculos afetivos à distância;
 5. Projetos de reunificação familiar e planos de retorno.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS
PPGSOF

APÊNDICE U - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E
DEPOIMENTOS

Eu, _____,
 portador do documento de identidade nº _____, depois de conhecer e entender os riscos e benefícios da pesquisa especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora **Arieche Kitiane Silva Lima** do projeto de pesquisa intitulado “**MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: A DINÂMICA FAMILIAR DE GUIANENSES NA CIDADE DE BOA VISTA**” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento para fins científicos e de estudos, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Este documento é emitido em duas vias, sendo assinadas pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa, ficando uma via com cada um.

Boa Vista/RR, ____ de _____ de 2013.

Pesquisador responsável pela entrevista

Assinatura do (a) entrevistado (a)



Impressão dactiloscópica do entrevistado



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS-PPGSOF**

APÊNDICE V - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu concordo em participar da pesquisa intitulada **“MIGRAÇÃO E FAMÍLIA: A DINÂMICA FAMILIAR DE GUIANENSES NA CIDADE DE BOA VISTA”**, que está sendo realizada pela pesquisadora **Arieche Kitiane Silva Lima**, do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF), da Universidade Federal de Roraima – UFRR. Compreendi que as declarações a serem informadas na entrevista dada à pesquisadora contribuirão para a análise dos novos (re)arranjos familiares e os padrões de conjugalidade em contextos socioculturais transnacionais de migrantes guianenses em Boa Vista-Roraima-Brasil. Compreendo ainda que esta pesquisa não corresponde aos interesses pessoais e que não receberei nenhuma remuneração pelas informações que vier a prestar. Direi apenas o que julgar necessário e importante para os estudos da pesquisadora e quando não quiser dizer alguma coisa, sei que tenho a liberdade de interromper a conversa quando quiser. Estou seguro(a) de que a pesquisadora manterá as respostas em sigilo em relação ao nome do(a) informante. Caso precisar de algum esclarecimento ou quiser saber como anda a pesquisa, poderei entrar em contato com a pesquisadora Arieche Kitiane Silva Lima pelos telefones (95) 9128-0417/3624-9706 e pelo email arieche_lima@hotmail.com, bem como junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima, localizado no seguinte endereço: Campus Paricarana: Av. Cap. Ene Garcez, nº 2413 - Bloco CCH – Sala 41. Fone: (95) 3623 – 4489, Bairro: Aeroporto. CEP: 69304-000. Boa Vista/RR. Este documento é emitido em duas vias, sendo assinadas pela pesquisadora e pelo participante da pesquisa, ficando uma via com cada um.

Boa Vista/RR, _____ de _____ de 2013.

Pesquisador responsável pela entrevista

Assinatura do (a) entrevistado (a)



Impressão dactiloscópica do entrevistado

ANEXOS

Caracterização da capital Georgetown-GY

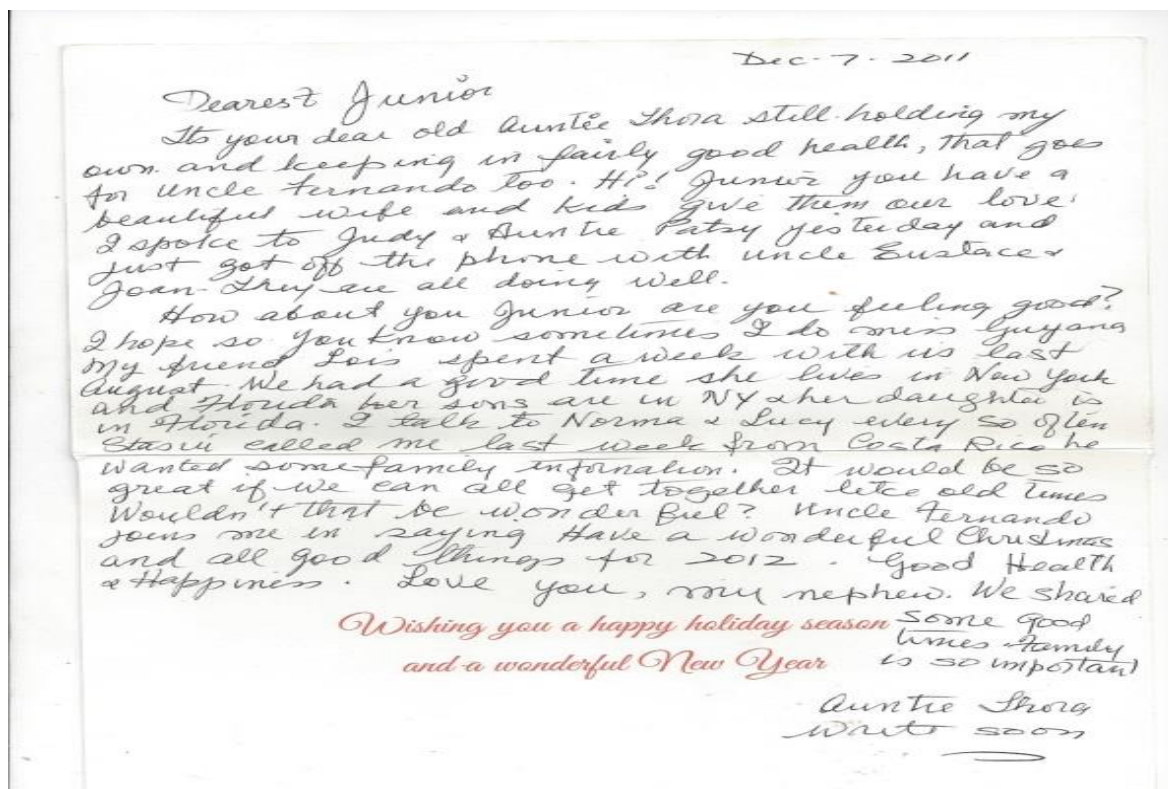
ANEXO A - Fotografia: irmã de Jack (à direita em baixo e com camisa branca) e suas vizinhas que eram afro-guianenses, indo-guianenses, de descendência indígena e chinesa.



Fonte: Jack.

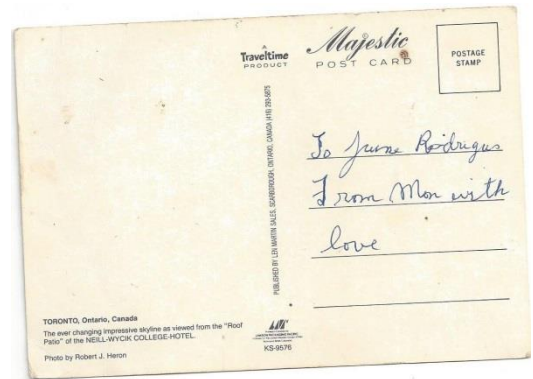
Redes transnacionais

ANEXO B - Imagem de um cartão de natal enviado pela tia de Jack que mora em Manchester - USA



Fonte: Jack.

ANEXO C - Cartão postal enviado pela sobrinha de Jack que vive no Canadá. (anverso e verso)



Fonte: Jack.

ANEXO D - Fotografia: filhos da irmã de Jack que mora no Canadá.

ANEXO E - Fotografia: carteira de identidade da Guiana emitida na última viagem de Anne



Fonte: Jack.

Fonte: Lucy.

Migrantes guianenses em Boa Vista

ANEXO F - Fotografia: Batismo do segundo filho de Jack na Catedral Cristo Redentor

ANEXO G - Fotografia da carteira de sócio de Jack em um clube recreativo



Fonte: Jack.

Fonte: Jack.

ANEXO H – Fotografia: construção da casa de um dos irmãos de Jack.



Fonte: Jack.

ANEXO I - Irmãos de Jack que vieram morar no Brasil.



Fonte: Jack.

ANEXO J - Família de Jack: pai, mãe e irmãos



Fonte: Jack.

ANEXO K - Fotografia: Lucy com seu filho em Boa Vista



Fonte: Lucy.